NO SUPLEMENTO LITERÁRIO — UM INÉDITO DE JOSÉ GOMES FERREIRA

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 6 DE NOVEMBRO DE 1969 N.º 16 840 ANO 49.º PREÇO 1$50

às sextas-feiras em MESA REDONDA vamos discutir...

A FALTA DE VINHO LEVOU A AUMENTAR O PREÇO DA VENDA

Na sequência de um mau ano agrícola, começaram já a ser praticados, em diversos estabelecimentos, preços mais altos de vinhos correntes e de aguardentes. Assim, os comerciantes da especialidade, nomeadamente diversas tabernas da capital, vendem agora o vinho corrente a 6$00 cada litro (mais $50) e a aguardente a 19$80 (mais 3$00).

Previsões feitas, em meados de Outubro, pela Corporação da Lavoura, indicavam uma baixa geral da produção de cerca de 30 por cento. Os distritos mais afectados seriam Aveiro (30 %), Braga (25 %), Coimbra (30 %), Évora (10 %), Leiria (50 %), Lisboa (40 %), Santarém (30 %), Vila Real (25 %) e Viseu (20 %).

Subitamente, a partir de 31 de Outubro, o vinho começou a aparecer mais caro em diversos estabelecimentos de Lisboa. Nas pipas alinhadas diante dos balcões das tabernas, não tardou a aparecer, escrito a giz, o novo preço: 6$00. A aguardente, essa registava um aumento mais espectacular: 2$50 em cada litro.

E o novo preço foi-se espalhando, levada a novidade de casa em casa, pelos fornecedores, que apresentavam as suas facturas mais caras.

Também os garrafões de vinho de mesa começaram a ser vendidos mais caro.

No entanto, os copos de «três» e de «dois» vendem-se ainda aos preços habituais: 1$30 e $60, respectivamente.

«*Isto para nós é mau* — disse-nos um taberneiro

Já não se arranja um garrafão de cinco litros por menos de trinta escudos

No secretaria do Benfica, junto ás instalações da Comissão Central, o publico adquire bilhetes para o jogo de domingo

ALVALADE: ONDE VÃO CABER TODOS?

Para uma lotação oficial de 42 489 lugares, estão à venda 26 589 bilhetes vários, além de 40 000 senhas exclusivamente destinadas a associados do Sporting que (terá de se admitir) também podem ser vendidas na totalidade. Se acrescentarmos a estes 66 589 bilhetes os portadores de livre-trânsitos ou as pessoas que, por outros motivos, podem gratuitamente assistir ao Sporting-Benfica, vale a pena perguntar: Alvalade terá capacidade para albergar 73 000 pessoas no tarde do próximo domingo? (REPORTAGEM NA PÁGINA 20)

PREVÊ-SE PARA BREVE EM RELAÇÃO AO MÉDIO ORIENTE

Um acordo URSS-EUA

NOVA YORK, 6 — (R.) — O «New York Times» afirma hoje que os Estados Unidos e a União Soviética estão à beira de um acordo sobre o Médio Oriente.

Num artigo de Peter Grose, de Washington, o jornal, referindo-se a diplomatas americanos, afirma que a próxima semana será a linha limite, de uma maneira ou de outra, para se chegar a um acordo entre Israel e os árabes.

O «New York Times» afirma que as directrizes para o acordo são as seguintes:

— Negociações ao abrigo de um acordo complexo, semelhante ao usado para resolver a guerra de Junho.

— Os árabes declaram a sua intenção de concluir «uma paz firme e duradoura».

— Israel aceitará um horário para retirar para «fronteiras reconhecidas por ambas as partes».

— A paz será mantida por uma força internacional.

Baseando-se em diversos funcionários, o jornal declara que mesmo que os russos aceitem as directrizes, não há garantias de que os países do Médio Oriente envolvidos aceitem.

Se o Governo soviético aceitar, as propostas serão apresentadas perante uma conferência dos quatro grandes.

O problema dos refugiados será tratado mais tarde pelos árabes e pelos israelitas, acrescenta o artigo.

HOJE 32 PÁGINAS VISADO PELA CENSURA

RETIRADA DOS PALESTINIANOS

BEIRUTE, 6 — (F. P.) — Os «fedayine» retiraram-se ontem das aldeias ocupadas na região de Deir Al-Achaver, anunciou esta manhã o jornal «Le Jour» acrescentando que os «comandos» palestinianos deixaram igualmente Yanta, «onde se tinham instalado em força».

(Continua na 15.ª página)

NASSER: O primeiro discurso publico desde há três meses. (Ler notícia na pág. 15)

O Chile concedeu asilo político a 17 panamianos

SANTIAGO DO CHILE, 6 — (F. P.) — O Governo do Chile concedeu asilo político a 17 cidadãos panamianos, expulsos do seu país por actividades extremistas, foi ontem anunciado.

O ministro do Interior do Chile, Patricio Rojas, confirmou que os 17 panamianos são todos dirigentes e membros do partido marxista do Panamá. Os pri-

(Continua na ultima página)

ora diga-nos...

— É a favor ou contra os intervalos no cinema?

A existência de intervalos no cinema é muito discutível e já tem sido muito discutida. Pode-se dizer que na maioria dos países os intervalos não existem, por razões evidentes que não vem para o caso apontar. E, se ao repórter é permitida uma opinião preliminar, também ele dirá que é contra os intervalos — que às vezes chegam a durar dez e mais minutos cada um, perdendo assim um mortal um longo tempo, precioso para todos a quem ele escasseia. Entre não haver intervalo nenhum e haver os dois que (iamos dizer: paradoxalmente) ainda continuam a existir na maioria das nossas salas, há um meio termo, pelo qual optaram os nossos três entrevistados.

● — Sou a favor do intervalo para se fumar um cigarro e conversar com os amigos — *respondeu-nos Vítor Manuel Groba Canera, aluno do Curso Comercial da Escola Veiga Beirão.*

E acentuou depois:

— Mas um intervalo só, entre os documentários e o filme. Dois intervalos são demasiado

● *Noémia dos Santos Nogueira, uma beleza mesmo, uma simpatia mesmo, dactilógrafa e (à noite), estudante, disse-nos, por sua vez:*

— Cá por mim, entendo que um intervalo é agradável: para trocar impressões, falar com os amigos, sei lá... Mas, um intervalo só, entre os complementos e o filme.

— Vai muito ao cinema?

— Bastante. Géneros preferidos? Os filmes de guerra e, naturalmente, de amor.

— Naturalmente...

● — Acho que devia haver apenas um intervalo, e mais curto. Os intervalos costumam, a maior parte das vezes, ser compridos de mais — *declarou-nos, por último, Casimiro de Oliveira, estudante do Instituto Industrial.*

— ?

— Esse intervalo devia ser entre os complementos e o filme de fundo. Não se justifica que este seja *cortado* ao meio, às vezes fazendo perder toda a «suspense» e muito do interesse do público.

REUNIDO O I CONGRESSO NACIONAL VOLKSWAGEN

Na Feira Internacional de Lisboa, começou hoje, com a participação de mais de duzentos congressistas e a presença do sr. dr. Niemeyer, director de Exportação da Volkswagenwerk A. G., que se deslocou propositadamente ao nosso País, o I Congresso Nacional Volkswagen. Presentes, ainda, além dos srs. José da Silveira Machado, presidente do conselho de administração da Guérin; Heinz Ehlert, vice-presidente, e administradores Pedro da Silveira Machado, José Duarte Ramos Jorge e César da Silveira Machado, quase todos os funcionários superiores e ainda o sr. Dirk Lutjens, inspector da Fábrica Volkswagen para Portugal.

O sr. José da Silveira Machado saudou os congressistas, aos quais expôs as finalidades do congresso, referindo-se ao panorama da indústria nacional, em especial ao caso Volkswagen, salientando alguns aspectos relevantes, tais como o aumento de custo da mão-de-obra, tanto em Portugal como na Alemanha, a revalorização do marco, etc.

Por último, baseando-se em números, provou que o Volkswagen continua a ser dos automóveis preferidos entre nós, informando, a propósito, que para fazer face às crescentes encomendas de todo o País a fábrica de Setúbal fora consideràvelmente ampliada, tendo ficado com uma capacidade de produção diária à anterior em cento e cinquenta por cento. «Isto — salientou — traduz bem a fé e a confiança que depositamos no futuro.»

Seguidamente, o sr. Einar Schultze, chefe do Departamento Técnico, apresentou uma comunicação sobre «Sistema de Diagnóstico e Manutenção VW» sistema verdadeiramente revolucionário no nosso País, do qual, mais tarde, o sr. Pedro de Jesus, do mesmo departamento, fez uma demonstração prática. Seguiram-se comunicação dos srs. Nuno Vilarinho, sobre «Alteração aos processos orgânicos» e Fred Schmidt, chefe do Departamento de Peças, sobre «Peças e Acessórios».

Foi, ainda, apresentado o filme «De vitória em vitória», sobre a Fórmula V, que despertou o interesse dos congressistas que, também, intervieram e discutiram as comunicações apresentadas. Encerrou a série de comunicações o sr. Dirk Lutjens, inspector da Fábrica Volkswagen, com palavras de saudação para todos os presentes, congratulando-se pela organização do Congresso e o seu criterioso programa.

Amanhã, no cinema S. Luiz, será exibido para os congressistas o filme «Love Bug», de Walt Disney, que tem o Volkswagen como vedeta e cujo êxito em todo o mundo tem sido enorme. Depois do almoço, o congresso prosseguirá com a apresentação do «Programa para 1970», o qual compreende quatro «tests», seguindo-se comunicações pelos srs. Manuel Ortigão Ramos, chefe geral de Vendas, sobre «Resultados no ano modelo anterior. Novo programa para 1969-70. Objectivos»; Jorge de Oliveira, sobre «Publicidade geral». Diagnóstico VW e acções a partir do filme «Love Bug»; Orlando da Silva Ramalho, sobre «Mercado (evolução e responsabilidades). Treino — pedra de toque»; e Einar Schultze, sobre «Instrução de pessoal e equipamento para assistência aos novos modelos».

À noite no Restaurante Mónaco, será oferecido um jantar aos congressistas.

Entretanto, de 28 de Outubro a 6 do corrente, realizou-se uma reunião ao nível nacional dos Encarregados das Secções de Peças Volkswagen, para apreciação de todos os problemas ligados a tão importante sector do ramo automóvel.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

LIVRARIA BERTRAND

acaba de sair

Lápides Partidas

Romance de
AQUILINO RIBEIRO

Um testemunho autobiográfico acerca dos acontecimentos que marcaram a transição da Monarquia para a República.

Edição normal ..... 50$00
Edição ilustrada por Augusto Sereno 115$00

Obras Completas de
AQUILINO RIBEIRO

Enquanto faz as suas compras
na secção de pastelaria
deixe o seu carro ao nosso cuidado.
TUTTIMUNDI
tem uma garagem privativa com servico
SHELL

DE ONTEM PARA HOJE

COMERCIALIZAÇÃO E VENDAS

Na Sociedade Portuguesa de Comercialização efectuou-se ontem á noite uma sessão para apresentar o prof. Hal Kolberg, director executivo do departamento de «marketing» do Stanford Research Institute. Fez ele depois uma conferência sobre «Comercialização e vendas — Um desafio em 1970». Muitas pessoas assistiram á conferência e participaram no colóquio que se seguiu. O prof. Hal Kolberg começou por analisar as três alterações principais verificadas no esforço para promoção de vendas nos Estados Unidos, nos últimos oitenta anos: o período inicial, de 1890 a 1912; o segundo período, de 1912 a 1945, e o terceiro período, desde 1945 até ao momento presente. Quanto a este ultimo, esclareceu que foi dividido em três categorias principais: consumidor, venda industrial e intangível. E prosseguiu, acentuando que a venda «consumidor» é normalmente identificada por grandes campanhas publicitárias, ponto da publicidade de aquisição, e é normalmente realizada por intermédio de várias espécies de armazéns: «department stores», «drug stores» e «outlet stores». Quanto á venda industrial — disse — realiza-se, em geral, por intermédio de vendedores profissionais, técnicamente competentes. A venda intangível — afirmou — é a mais difícil das três. Acarreta grande treino e paciência, tanto por parte do vendedor, como do professor. Mais adiante, o orador definiu «marketing», nos Estados Unidos, que inclui as seguintes responsabilidades: direcção com uma finalidade de supervisão, venda, publicidade, promoção, prospecção de «marketing», materiais de venda, programas de treino e planos a longo prazo, por «marketing». O técnico norte-americano definiu, depois, o esforço de vendas, salientou os requisitos para um bom vendedor, descreveu os métodos de motivar os vendedores e frisou: o nosso desafio para os anos 70 consiste na questão: — Como encorajar os nossos jovens para entrar na profissão de venda? E concluí com várias respostas que, do seu ponto de vista, podem fazer alcançar aquele objectivo.

CORPORAÇÃO DE ASSISTÊNCIA

Depois do acto eleitoral que ontem se realizou, como noticiámos, uma delegação do Conselho da Corporação da Assistência, constituída pelo presidente reeleito, dr. Lino Netto, pelos secretários da mesa, procuradores á Camara Corporativa e pelos membros que, recentemente, foram eleitos deputados á Assembleia Nacional — dirigiu-se á Presidência do Conselho, a fim de apresentar cumprimentos ao sr. prof. dr. Marcello Caetano, conforme proposta aprovada na reunião efectuada.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, os srs. dr. Lopo Cancela de Abreu, ministro da Saude e Assistência; prof. dr. Antunes Varela, catedrático da Universidade de Coimbra; António de Medeiros e Almeida, presidente do conselho administrativo da Fundação Salazar, e eng.º José Luís Abecassis; eng.º José Machado Vaz, da Hidroeléctrica do Cávado; dr. António Marquês de Figueiredo; e eng.º Armando Telo da Gama; e, ainda o alferes da Força Aérea D. Duarte Pio de Bragança, príncipe da Beira.

ATROPELAMENTO DE MORTE

Na povoação de Quintãs, perto de Aveiro, ia a Ana Paula, de 4 anos, filha do sr. António Teixeira da Silva e da sr.ª D. Maria da Conceição Fernandes, a atravessar a estrada. Veio um automóvel conduzido pelo sr. Tibério Nunes de Almeida, da Gafanha da Nazaré, que a colheu. No hospital de Aveiro deu entrada um anjinho...

O «PERU PRÉ-COLOMBIANO»

Na biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia efectuou uma conferência o prof. Eloy Liñares Málaga sobre «O Peru Pré-Colombiano», tendo traçado um panorama geral do estado actual dos estudos arqueológicos no Peru, ilustrando cada capítulo com diapositivos de motivos de objectos de ouro e cerâmica; explicou a evolução cronológica desde 12 mil anos antes de Cristo, a representação estilística e cultural (pré-cerâmico, Chavin, Paracas, Tiahuanaco, Chimu, Huari e Inca), referindo-se também á distribuição geográfica de centenas de lugares arqueológicos.

O CONTINENTE NEGRO DEPOIS DE OUTUBRO DE 1969

— CRISE OU MORTE DA DEMOCRACIA PARLAMENTAR?

NAIROBI — O passado mês de Outubro veio a revelar-se o mais cruel para a imagem da África Oriental como pedra basilar das esperanças numa democracia estável, neste continente.

Esta imagem sofreu serios abalos nos ultimos 30 dias, como ficou evidenciado nos seguintes acontecimentos:

— Um golpe militar na Somalia que derrubou um governo democrático

— O presidente Jomo Kenyatta encarcerou o seu unico adversário nas eleições nacionais e baniu o unico partido oposicionista do Quénia.

— Usando de um acto semelhante de detenção preventiva, o governo da Tanzânia encarcerou 6 proeminentes politicos culpados de uma suposta conjura destinada a derrubar o presidente Julius Nyesereve. Na ilha de Zanzibar, que faz parte da Tanzânia, 4 homens que se supõe serem prisioneiros políticos, foram executados por um pelotão de fuzilamento.

— O governo de Uganda renovou os seu poderes de emergência que, nestes ultimos 3 anos, têm sido largamente utilizados para encarcerar adversários do presidente Milton Obote.

A quase simultaneidade destes acontecimentos (que não parecem estar directamente ligados) levantou a questão da estabilidade das liberdades civicas perante a vulnerabilidade dos governos africanos face ás mudanças violentas.

Na Somália, um governo que o mundo exterior supunha plenamente firme, foi destruido por um assassinato presidencial e por uma conjura secreta militar para derrubar o governo.

Aqueles que apoiam os presidentes Kenyatta, Nyefere e Obote dizem que os perigos para os seus governos são muito reais. Mas muitos outros se sentem apreensivos com as perspectivas politicas destes paises, a curto prazo, mesmo quando os seus governos parecem firmemente assentes.

No Quénia, o assassinio do ministro da economia, Mboya, a recente prisão do *leader* oposicionista Oginga Odinga e a dissolução do seu partido, *União do Povo do Quénia*, deixaram consequências explosivas. Embora fossem adversários politicos. Mboya e Odinga pertenciam á mesma tribu *Luo*, que agora se sente isolada e ameaçada pela tribu *Kikuyu*, de Keniatta.

Os *kikuyus* sentem-se enraivecidos com os tumultos dos *luos* contra Kenyatta e outros funcionários governamentais *kikuyus*. Uma teoria quanto á prisão de Odinga pretende que Kenyatta terá querido deitar água na fervura e deter os ataques dos *kikuyus* contra os *luos* mostrando-lhes que ele estava a agir contra Odinga.

Os detractores de Kenyatta—cujo numero tem vindo a crescer cada vez mais á medida que Kenyatta mostra uma mão mais pesada — interpretam o seu acto menos caridosamente. Ele e Odinga já esiveram á cabeça de um partido unico do Quénia, logo a seguir á independência. Odinga separou-se depois para formar um partido de esquerdas— — a *União do Povo do Quénia*.

Agora o Quénia regressou ao sistema unipartidário — sob o exclusivo governo de Kenyatta.

Odinga, que está a ser acusado de «traição» nos diversos parlamentares, está sob prisão por efeito de um acto de detenção provisória semelhante aos que estão em curso na Tanzânia e no Uganda e semelhante também ao que os britânicos utilizavam para prender os africanos — incluindo Kenyatta — durante a luta pela independência.

Nyerere da Tanzânia é uma espécie de herói para os liberais americanos interessados na África. Introduzir um programa de austeridade que reflecte os problemas económicos do país e que desenvolvem uma irrefutável teoria de socialismo africano.

Não há oposição á *União Nacional Africana* que gere a Tanzânia, mas se são de acreditar as recentes afirmações do governo sobre uma conspiração para derrubar Myerere, então há sérios desacordos no país.

Entre os prisioneiros contam-se Bibi Titi Muhamed, uma mulher muito dinâmica que auxiliou a criação do *Tanu But* (que, no ano passado, rompeu com Nierrere por causa do programa de austeridade) e Michael Kamaliza, membro do Comité Central do *Tanu But*.

Nyerere estava fora do país quando se efectuaram as prisões. Estava igualmente fora quando o governo entregou três antigos proeminentes politicos de Zanizbar ás autoridades da ilha. Essas três pessoas figuram entre as 14 que há poucos dias foram declaradas culpadas de tentarem derrubar Kurume (*leader* de Zanzibar) e provávelmente fizeram parte do grupo dos que foram fuzilados.

Ao anunciar as execuções no dia 26 de Outubro, parece que Kurume terá dito que embora o acto de detenção provisória *«tenha sido estatuido pelos colonialistas para defenderem os seus interesses, continuará a ser usado em Zanzibar»*.

O papel de Nyerere em tudo isto está longe de ser claro. Diz-se que ele tem um contrôle muito diminuto sobre os assuntos de Zanzibar. Mas os ultimos acontecimentos não foram decerto muito lisonjeiros para a sua imagem junto da opinião publica internacional.

Obote, do Uganda, utilizou a prisão preventiva mais frequentemente e provávelmente mais hábilmente que os seus vizinhos. O facto de ter encarcerado alguns adversários ao mesmo tempo que libertava outros tem sido descrito como uma politica de «porta giratória».

Mas alguns dos seus adversários, como, por exemplo, Abu Mayanja (da oposição parlamentar) têm definhado nas prisões do Uganda durante longos periodos sem julgamento.

Os amigos do continente africano encaram todos estes acontecimentos como novas fontes de sofrimento para um continente que só há 10 anos conseguiu libertar-se do colonialismo. E o mês de Outubro de 1969 mostrou-se particularmente rico em amargas decepções para aqueles que acreditavam no governo democrático parlamentar como solução politica para o continente africano.

por JINE HOAGLAND

(Exclusivo «The Washington Post» - «D. L.»)

Nota do dia

QUEREMOS MAIS SEGURANÇA

COMO É COSTUME não se sabe bem como foi. Tinha vindo a família de Lamego a Lisboa para um funeral e, já na volta, o automóvel foi esbarrar num autocarro que tinha parado para entrada ou saída de passageiros. Resultado: três mortos, sendo um deles o condutor. Pode dizer-se que o quadro é corriqueiro o bastante para não valer comentário. Entendemos, pelo contrário, que o comentário se justifica pela cadência crescente com que tal quadro se repete.

Os desastres na estrada a que são devidos? Em geral pensa-se e fala-se na imperícia dos condutores. Não se tem dúvida de que tal causa é de incluir e considerar. Mas há outras, evidentemente. Apontam-se desde já o estado mecânico dos carros em circulação e, para não esquecer, também o estado e características das nossas estradas, muitas das quais não suportam as condições do tráfego actual, quer no que diz respeito às velocidades, quer no que diz respeito à própria densidade.

Quanto aos condutores, está claro que a alguém se hão-de pedir responsabilidades. Os exames sanitários, de dez em dez ou de cinco em cinco anos, são indispensáveis. Mas de que valem? Incidem naturalmente sobre a vista, que é fundamental. Mas pràticamente ignoram por exemplo as condições de natureza psíquica, num tempo em que tantas perturbações desse foro constituem uma das mais fundadas preocupações dos organismos que têm a seu cargo, à escala mundial, os problemas da saúde. É preciso reexaminar os exames.

O estado dos carros precisa de ser assegurado com rigor maior: a mecânica, os pneus, todo o funcionamento carece de uma fiscalização atenta e metódica. Está previsto e em parte em execução. Mas talvez seja possível e conveniente variar o critério, eliminando dessa acção o que possa parecer «caça à multa». Remédio possível: menos multas e mais rigor. Por exemplo: apreensão do livrete do carro fora de condições, o qual só seria devolvido quando se verificasse o restabelecimento da segurança do veículo.

Chega-se finalmente ao problema das estradas, que nos parece o mais complexo e, por isso mesmo, aquele que se torna mais urgente de atacar. As estradas, diga-se antes a maior parte delas, não foram concebidas para o tráfego actual. O poder dos carros é cada vez maior, quanto maior é a velocidade menor é o atrito, cresce para o condutor a ilusão de facilidade e é dessa ilusão que resultam muitos dos mais graves acidentes, porque, entretanto, se perdem o «contrôle»: o corcel indomável toma o freio nos dentes.

As estradas não podem, na sua maior parte, com tal carga de trânsito. São estreitas, mal sinalizadas, os pavimentos regularmente irregulares. E todos sabemos como isto varia de distrito para distrito, principalmente pelo que diz respeito a sinalização. A mesma estrada, se bem que com o mesmo traçado, muda de estado de conservação, muda de qualidade e tipo de pavimento, muda principalmente de densidade de sinais quando passa de um distrito para outro. O Ministério é o mesmo, mas cada distrito tem a sua direcção e a sua dotação orçamental.

Tudo isto carece de ser visto em conjunto, o homem, a máquina e a infra-estrutura da circulação. A palavra segurança tem de estar presente em todos os ângulos da nossa vida, cada vez mais complexa e trepidante: segurança na circulação, segurança no trabalho, segurança no próprio sossego das pessoas. O tempo do seja como Deus quiser está revoluto naturalmente para sempre. Temos de pensar nisso e organizar ou reorganizar toda a nossa vida dentro dos novos conceitos, que nem sequer são inventados mas impostos pelas condições que a técnica vai pondo dia a dia ao nosso alcance.

RECTÂNGULOS DA VIDA

AS PALAVRAS MAIS LEVES QUE O AR

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Os grandes e pequenos oradores do dia-a-dia, os do discurso antes e depois da medalha ou antes e depois da homenagem, aqueles que empregam palavras e construções bonitas como tudo, e que quanto mais dizem mais se exaltam — pronto, lá vem a salva de palmas — esses oradores e outros, sempre me deixaram muda de sincera admiração. É que já é difícil olá se é, falar para dizer umas coisas, mesmo poucas, mas falar para não dizer nada, falar inòcuamente, alinhar adjectivos, falar mais branco, em suma, parece-me dificílimo e portanto digno da tal admiração.

Aqui há meses, folheando um jornal, deparei com três homenagens e duas medalhas ou vice-versa, não falando já de outros discursos mais ou menos públicos. Um dos medalhados era considerado pelo elogiador, homem de letras notabilíssimo, mestre indiscutível do belo idioma pátrio herdado dos nossos maiores. Se não era assim mesmo, dava ares. Quanto a um dos homenageados, esse merecia a qualificação de espírito elevado como poucos, cuja modéstia, bem conhecida de todos os que com ele tinham a honra de privar, se sentia decerto ferida com a singela mas sentida homenagem que.

Tudo o que atinge a perfeição é digno de ser apreciado. Eu gosto desses discursos tão vazios, tão empolados, tão felizes de ser assim, que sobem no ar como balões, e como balões estalam sem deixar vestígios. Onde está o pedacinho de bornacha colorida, onde? Mas ninguém sabe, ninguém viu, deve ter-se desintegrado.

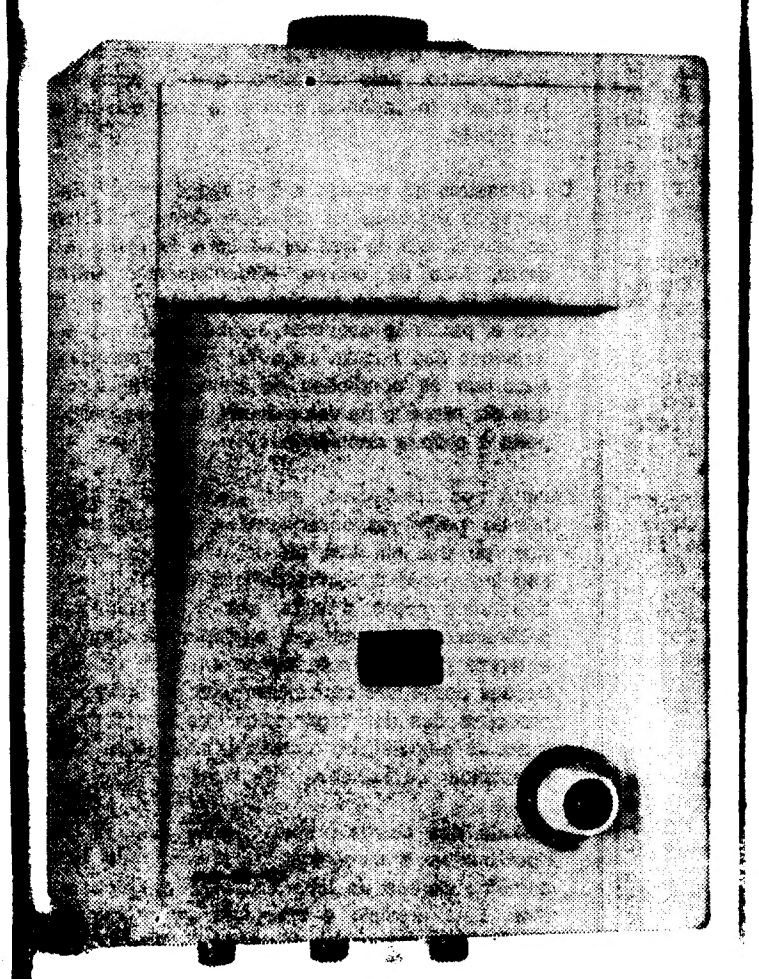
Ah, esses discursos em que o discursador também incha um pouco, só que não se desintegra, fica ali onde está, a apertar emocionado mãos também comovidas — aparentemente pelo menos —, a ouvir frases igualmente vazias mas tão consoladoras. Você foi formidável. Os meus parabéns. Os meus sinceros parabéns. O meu amigo disse coisas muito importantes. V. Ex.ª devia publicar estas palavras, fazer uma «plaquettezinha».

À saída alguém fala e alguém responde. E quem responde, diz: «Não senhor, não senhor. Até lhe fica mal dizer isso. Há talento, há saber.»

Mas de onde é que eu conheço estas palavras?

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

... E, NO OUTONO/69...



a MEC

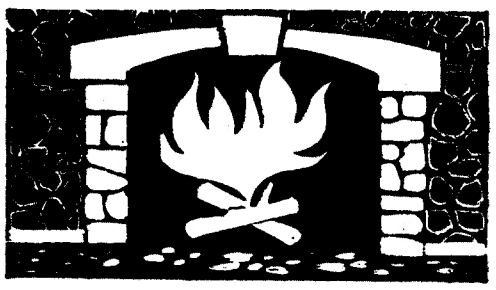
apresenta o esquentador do futuro

12 LITROS de capacidade por minuto, mutação automática para maior ou menor volume de saída de água.

Inteiramente condicionado às necessidades de quem o usa.

Uma inovação à escala europeia. Totalmente esmaltado, canalização de combustão em liga especial.

O ESQUENTADOR que vai marcar o tempo na Europa.



e para celebrar este acontecimento a MEC anuncia o I FESTIVAL DE OUTONO MEC, em que serão entregues os prémios do concurso, um cravo (desenho) e um esquentador, com a participação de:

ANTÓNIO CALVÁRIO • ANTÓNIO MOURÃO • CARLOS DO CARMO • JOÃO MARIA TUDELA • MANUEL DE ALMEIDA • MARIA JOSÉ VALÉRIO • MIRENE CARDINALI • TONICHA

OS CONJUNTOS: **OS FLEYRS * JORGE FONTES * JORGE MACHADO E QUARTETO 1111, além de sensacionais surpresas.**

Apresenta este FESTIVAL: MARIA JOSÉ BAIÃO, ARMANDO MARQUES FERREIRA e colabora especialmente PEDRO MOUTINHO.

Terá lugar este Festival no palco do Teatro Monumental no próximo sábado, dia 8, pelas 21.45 horas.

Tenha ou não tenha um esquentador MEC não perca a oportunidade de ver em cena os seus artistas favoritos.

BILHETES GRATUITOS em distribuição nas bilheteiras do TEATRO MONUMENTAL, DISTRIBUIDORES MEC e STAND MEC, na Rua de Dona Estefânia, 151-C — Lisboa.

MEC — O ESQUENTADOR FEITO EM PORTUGAL PARA A EUROPA

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ODEON

TÍTULO — «O diabo era outro».

REALIZADOR — Constantino Esteves.

PRODUTOR — António Calvário.

INTÉRPRETES — Milú, António Calvário, Nicolau Breyner, Fernanda Borsatti, Armando Cortês, Julieta Castelo, Cunha Marques, Isabel Correia Ribeiro, Juan Carlos Soutullo, Leonor Poeira e Luís Cerqueira. Como artistas convidados, Hermínia Silva, Adelina Campos e Alves da Costa.

UM NOVO FILME PORTUGUÊS

Do filme português ontem estreado no Odéon poderá dizer-se, antes de tudo o mais, que este estilo de cinema seria, talvez, aceitável se não houvesse outro. O diabo é, efectivamente, o outro... António Calvário tinha um sonho (o que não é proibido, valha-nos Deus) — fazer, isto é, produzir filmes. Vai daí, arranjou uma história; arranjou um realizador; arranjou uma equipa de artistas; e, sobretudo, arranjou dinheiro

Desse trabalho, surgiu agora «O Diabo era outro», que traz Milu novamente á presença do publico nacional. Que dizer do filme? A interrogação é pertinente. Ora vejamos: a história, o enredo, ou como lhe queiram chamar, é demasiado frágil. Nota-se a todo o momento a insegurança do autor, que parece ter começado a escrever sem ele próprio saber em que é que aquilo ia terminar.

No entanto, não é por aí que o gato vai ás filhós; todos nós sabemos que a finalidade do filme é trazer ao publico a presença (e a voz) de António Calvário, cujo á-vontade (aponte-se isso em seu favor) vem melhorando de filme para filme. Ora as canções são fracas; as letras menos que isso.

Mas António Calvário não vai mal: cumpre como pode (e sabe) o que se lhe exige. Tem excelentes qualidades de cançonetista; seria desumano obrigá-lo a tê-las igualmente excelentes como actor.

Um dos momentos mais interessantes do filme é, quanto a nós, a primeira cena da casa de fados. A graça de Hermínia é a que nós conhecemos. E Hermínia vai bem. Bem vão ainda Armando Cortês e Nicolau Breyner, embora o primeiro tenha uma participação muito fugaz na fita.

Resta-nos falar de Milu. Continua bonita. Enquadra-se bem e parece segura do seu papel.

Dos outros actores diremos: que Cunha Marques faz um empresário algo convencional mas muito equilibrado; que Alves da Costa usa de uma sobriedade que confere nota positiva á sua actuação: que Adelina Campos confirma qualidades que já lhe têm sido apontadas; que Fernanda Borsatti exagera com a sua teatralidade; que Julieta Castelo é... Julieta Castelo; que Luis Cerqueira não desilude; que os que faltam não teriam feito falta no filme

E pronto, temos mais um filme português. O publico do Odéon bateu palmas Os publicos lá sabem porquê...

TORQUATO DA LUZ

HOTEL DOM CARLOS

A reputação do nosso **RESTAURANTE** é feita pelos seus próprios clientes. A par da cozinha internacional há sempre uma especialidade portuguesa à sua disposição.

AMANHÃ AO ALMOÇO:

BACALHAU À MODA DAS TAIPAS

AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53 90 71 — LISBOA

• NO ESTÚDIO

TÍTULO — «O Homem da Cabeça Rapada» («De Man Die Zijn Haar Kort Liet Knippen»).

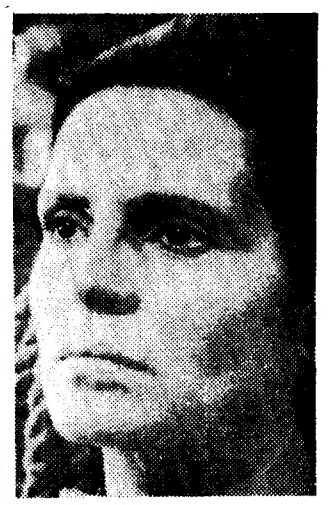
REALIZAÇÃO — André Delvaux, 1965 (Bélgica).

INTÉRPRETES — Senne Ronffaer, Beata Tyszkiewics, Hector Camerlynck, Paul Jongers, Luc Philips, etc.

«O Homem da Cabeça Rapada» parte de um romance de Johan Daisne, tido como um clássico da literatura belga. André Delvaux explicou (em entrevistas concedidas a revistas francesas, de que o *Suplemento Literário* deste jornal dá hoje notícia e para as quais remetemos o leitor) algumas das muitas dificuldades encontradas na adaptação desta obra. O livro de Daisne é um longo monólogo mental, sem pausas, nem tréguas, ao longo do qual o protagonista vai revelando crescentes sintomas de alienação. Delvaux não poderia utilizar o «eu» em cinema e teria de «dar» a desagregação do universo mental de Govert através de processos puramente cinematográficos. Para tanto haveria que recriar uma linguagem, um estilo.

Um dos vários caminhos a percorrer poderia ser o da descrição fantástica do delírio em que o personagem se deixa afundar. Delvaux pre-

(Continua na 18.ª página)



AMÁLIA CANTARÁ NUMA FESTA NO CASINO ESTORIL

Organizada por Humberto de Sabóia e por Joana da Bulgária, promete ser brilhante a festa de caridade marcada para o próximo dia 5 de Dezembro no Casino Estoril. Tem-se para já como certa a presença entre a assistência da duquesa de Brunswick, mãe da rainha Frederica da Grécia, dos príncipes de Hannover, Simeão e Margarida da Bulgária, aos quais se somarão muitas outras figuras do «Gotha» internacional e representantes das mais conhecidas famílias portuguesas.

O programa da festa (cujo produto se destina á construção de uma escola para raparigas que será mantida pelas Irmãs de Maria Auxiliadora) inclui a apresentação do «show» internacional que, nessa ocasião se apresente no Casino Estoril e a presença da grande Amália Rodrigues, que gostosamente acedeu ao convite para cantar nessa noite.

Com os organizadores da festa estão a colaborar algumas senhoras da nossa sociedade, entre as quais a senhora de Dias de Andrade, que está já a encarregar-se da venda de bilhetes, os quais podem ser pedidos pelo telefone 289494

Desde 1 de Novembro de 1969 redução de tarifas aéreas de Lisboa para N. York e Boston

A Pan Am reduz para 6 945$00** a tarifa aérea para N. York e Boston

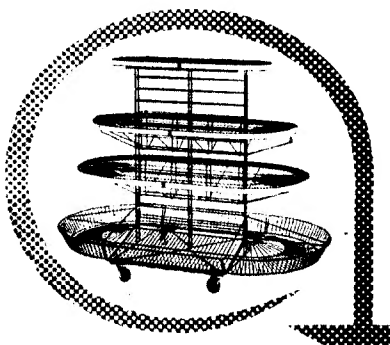
A partir de agora pode poupar 1.940$00 na viagem para N. York ou Boston.
Não acha maravilhoso?
Voe para N. York ou Boston por um mínimo de 23 dias *
e pague simplesmente 6.945$00 ** pela ida e volta em classe turística.
É uma redução de 20% sobre os preços actuais das excursões de 14/21 dias.
E a partir de N. York ou Boston podemos oferecer-lhe ligação para qualquer outra cidade americana.
Contacte hoje mesmo o seu Agente de Viagens ou a Pan American.

PAN AM

A linha aérea de maior experiência no mundo.

Pan Am torna a sua viagem maravilhosa

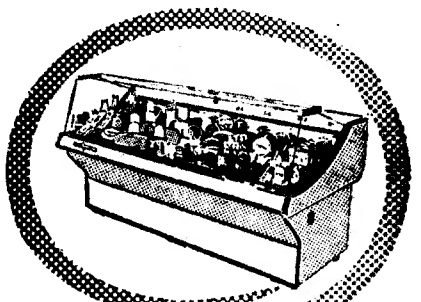
* Deve regressar até 15 de Maio de 1970. ** Não inclui a taxa portuguesa de imposto de selo.



Estanterias para SUPER e MINIMERCADOS, mercearias e outros géneros de negócio. Grande variedade de modelos para todos os fins. Visite a nossa exposição

estanterias

vitrinas expositoras



Maior facilidade para a venda e sobretudo o seu estabelecimento mais valorizado. Vitrinas frigoríficas dos melhores fabricantes do mundo para SUPERMERCADOS, SALSICHARIAS, TALHOS E PASTELARIAS. Assistência técnica garantida.

REPRESENTANTES EM PORTUGAL:
FRIAL
AVENIDA DO BRASIL, 40-A E 40-B — TELEFONES 76 99 03/05/63/78 — LISBOA

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

APRESENTA EM

2.ª semana

DE LOTAÇÕES ESGOTADAS

UM FILME SUPERIOR

RANK FILMES — 12 anos

por ordem alfabética:

Harry Andrews Michael Caine Trevor Howard Curt Jurgens Ian McShane Kenneth More
Laurence Olivier Nigel Patrick Christopher Plummer Michael Redgrave Ralph Richardson
Robert Shaw Patrick Wymark Susannah York

ARGUMENTO DE James Konnaway E Wilfred Greatorex REALIZAÇÃO DE Guy Hamilton
SD United GD Artists
Technicolor® Panavision®

16.ª semana

200 000

ESPECTADORES

VIRAM JÁ

HELGA

O SEGREDO DA MATERNIDADE

Falado em Português

maiores de 21 anos

Filmes Lusomundo

FILME EDUCATIVO DE CARACTER DOCUMENTAL CIENTIFICAMENTE ELABORADO

CINEMA VOX

TIVOLI ÀS 18 e 30

grupo 4

«AMANHÃ DIGO-TE POR MÚSICA»

M/ 17 ANOS

HOJE E AMANHÃ

DESCONTO DE 50% A ESTUDANTES

VASCO MORGADO APRESENTA

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

SÓ

MAIS ALGUNS DIAS

HOJE, às 21.45 horas

EM UMA PEÇA DE "SUSPENSE CÓMICO"

Raúl Solnado

UMA DIVERTIDÍSSIMA TRAGÉDIA AMOROSA

● A REVISTA QUE BATEU TODOS OS RECORDS DO ÊXITO!

MARIA VITÓRIA

● Às 21.45 e ÀS 23 H.

E COLOSSAL REVISTA

ESPERTEZA SALOIA ADULTOS

BARROSO LOPES no «Apreciador da Natureza»

● UM ÓPTIMO ELENCO, COM:
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA
● MARIEMA ● BARROSO LOPES
● DORA LEAL
● VITOR MENDES ● DINA MARIA
● CRISTINA CASSOLA
A ATRACÇÃO NACIONAL
● HELENA TAVARES
A ATRACÇÃO FILIPINA
● «THE MELODIES»
à frente de uma grande companhia

● DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS ●

COLISEU

HOJE às 21.30
(Maiores 12 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

As maiores atracções
PALHAÇOS

ABC Às 20.45 e 23 h. Adultos

ENA, JÁ FALA!

SOLAR DO MINHO *

Rua do Vigário, 60
Telefone: 86 68 11
ALFAMA
(a Santo Estêvão)

PARA ADULTOS

Proprietária: artista EDUARDA MARIA

FADOS—FOLCLORE
RESTAURANTE TÍPICO
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MANHÃ

ABERTO AOS DOMINGOS

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Atrás do Reposteiro

- *A peça «Os Maias» está a ser ensaiada pela companhia de Amélia Rey Colaço nada estando, porém, decidido quanto ao local da estreia, que tanto pode ser o Trindade como o Capitólio.*
- *A peça «Os direitos da mulher» presentemente em cena no Variedades, deve transitar para o Monumental.*
- *Os artistas Florbela Queirós e Octávio de Matos deixam em breve a companhia do Monumental.*
- *Luís Stau Monteiro é um dos autores que trabalhou na adaptação da peça de Eça de Queirós, «A Relíquia».*

JOVENS

DOS 17 AOS 21 ANOS!

Para viverem o espírito combativo e a corajosa juventude de Mestre Aquilino Ribeiro, vibrantemente presentes na peça **«TOMBO NO INFERNO»** o Teatro Maria Matos oferece 50% de desconto para os espectáculos de domingo, às 16 e 21.45, a todos os jovens dos 17 aos 21 anos, seja qual for a sua profissão ou actividade

Teatro Maria Matos — ADULTOS

Av. Frei Miguel Contreiras (à Av. de Roma)
TELEF. 71 70 17

Todas as noites às 21.45 h. Amanhã — Récita de autor

Por um valioso elenco e
ELVIRA VELEZ
num papel em que reafirma o seu excepcional talento

TOMBO NO INFERNO

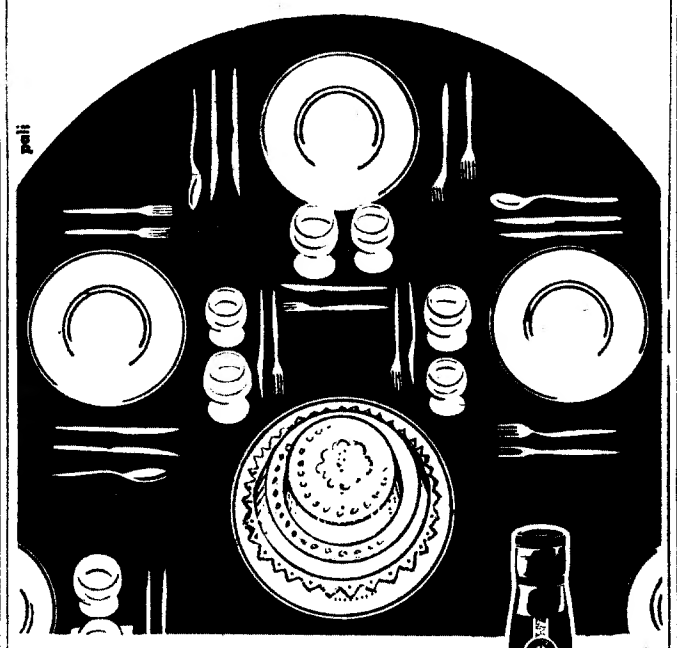
Uma peça portuguesa de intensa vibração que o público **entende** e aplaude de pé com o maior entusiasmo de **AQUILINO RIBEIRO**
dirigida por **Igrejas Caeiro**
Subsídios: Fundação Gulbenkian e Fundo de Teatro

CASA DA COMÉDIA
R S. Francisco Borja, 22
Todas os dias às 22 h. excepto às 2.ªs-feiras

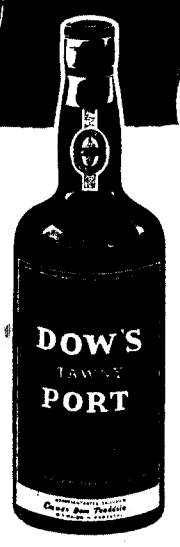
A Dança da Morte
com
Carmen Dolores, Álvaro Benamor e Augusto Figueiredo
direcção de **Jorge Listopad**
MARCAÇÕES
T. 677299 d. 18.30 h.
Maiores 17 anos
Subsidiado pelo Fundo do Teatro

amanhã ESTREIA no FILMES LUSOMUNDO **MUNDIAL**

pali



Para si que conhece as virtudes dum bom Vinho do Porto como aperitivo ou para finalizar qualquer boa refeição, aconselhamos-lhe DOW'S (leia DAUSSE). DOW'S PORT é um vinho invulgar, um Porto de privilegiados... perfeitamente ao seu alcance.



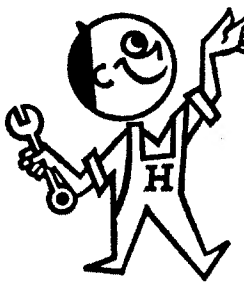
VINHO DO PORTO
DOW'S PORT
O "PORTO" QUE A BOA MESA NÃO DISPENSA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: **CAVES DOM TEODÓSIO** – RIO MAIOR

pali

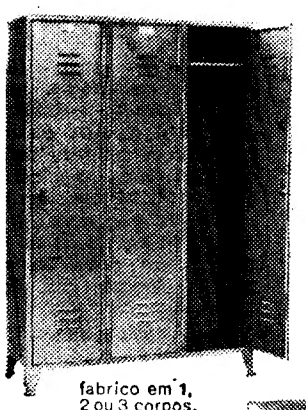
HANDY

... pela primeira vez em Portugal,



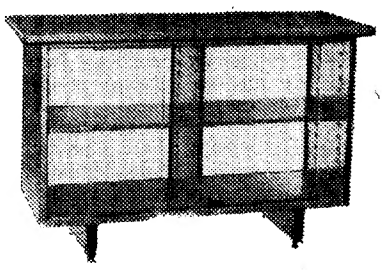
MÓVEIS METÁLICOS
de bom gosto e bom preço

VESTIÁRIOS

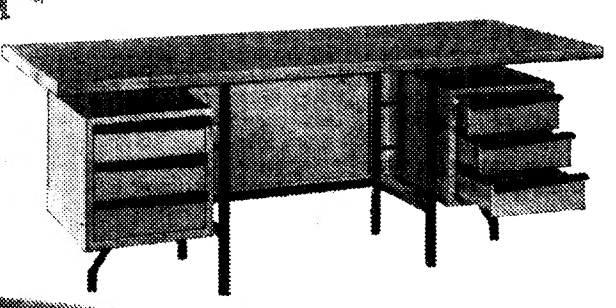


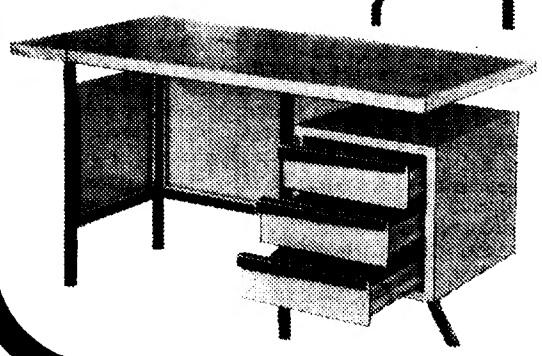
fabrico em 1, 2 ou 3 corpos.

BALCÕES



SECRETÁRIAS





HANDY apresenta ainda um variado sortido de:
arquivos, cadeiras (fixas e giratórias) gavetas, armários divisórias, mesas de reunião e de telefone, etc.

PEÇA CATÁLOGOS

no seguimento da sua famosa linha de fabrico de:

CANTONEIRA TUBULAR
PRANCHA METÁLICA
CANTONEIRA PERFURADA

HANDY PORTUGUESA, LDA.

PORTO — RUA DA CONSTITUIÇÃO, 863 — TELEFONE 493883 – 494026
AGUEDA — APARTADO 25 — TELEGR. «HANDY» — TELEFONE 64131
LISBOA — AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 38-A — TELEF. 562011/2 — 561157/8

RESTAURANTE TÍPICO
«JANSEN»
RUA LEÃO DE OLIVEIRA, 2 (AO CALVÁRIO) — **LISBOA**
TELEFONE 640613 (Maiores de 17 anos)

HOJE, ÀS 20 HORAS **INAUGURAÇÃO DO MAIS MODERNO ESTABELECIMENTO DO GÉNERO**

RANCHO FOLCLÓRICO CANTARES DE PORTUGAL

UM ELENCO CRITERIOSAMENTE SELECCIONADO

UM GRANDE ESPECTÁCULO DE TEATRO

«Amanhã digo-te por música» pelo «Grupo 4», no Tivoli

Acontecer um espectáculo como o que o «Grupo 4» ontem estreou no Villaret é, no panorama teatral português, um facto que merece ser assinalado de maneira especial. Num teatro ferozmente submetido aos valores comerciais do lucro e da inerente satisfação dos mais alienados desejos do mercado, «Amanhã digo-te por música», de James Saunders, na realização de Fernão Gusmão, reveste o carácter de uma experiência exemplar, cujo significado poderia ser desfigurado se os seus méritos fossem alvo de um elogio judicioso, formulado nos termos habituais da auto-satisfação nacional.

Não se trata, pois, de enaltecer uma realização e render homenagens aos seus obreiros: «Amanhã digo-te por musica» traduz algo mais que a simples boa (ou excelente) qualidade. De facto, estamos em presença de um empreendimento cujo alcance escapa ás classificações tradicionais do ambiente, pois sai fora deste, encontra-se em completo conflito, em aberto confronto com as normas habituais e o sistema convencionalmente utilizado de fazer digestões (mais ou menos justificáveis) nas salas de espectáculo, depois do jantar.

Se temáticamente (no caso da palavra poder ser aplicada em relação a este caso especial em que o tema é quase sómente o *grande tema*, ou seja a complexa rede de caminhos da solidão do homem) a peça se encontra já fora dos carris por onde mais clássica ou mais modernísticamente circula a produção teatral entre nós, formalmente o «Grupo 4» propõe-nos uma visão nova, ou pelo menos rara, das possibilidades da realização cénica, do seu processo e do seu sentido último e essencial.

Em «Amanhã digo-te por musica» está em jogo uma concepção de teatro: concepção que nos força a optar e nos coloca irremediávelmente face ao problema central do teatro dos nossos dias, que é a antinomia (tantas vezes objecto de tentativas de superação) entre um teatro construído na ilusão ou um teatro que, despedido dos seus mistérios, mergulhe a sua estrutura na realidade circundante, não receando perder os seus atractivos num directo contacto com o publico.

Fernando Gusmão, o encenador, opta com clareza pela segunda via, ajudado, naturalmente, por um texto que é já decorrente de uma concepção semelhante (e não esqueçamos que a escolha da peça é um dos principais elementos para a correcta leitura artística de um espectáculo).

Temáticamente, a peça de Saunders, não pode sintetizar-se. Servindo-se de um fio de acção pretextual e ténue, a obra aflora todas as grandes questões de ambito existencial que se colocam ao homem moderno. O pretexto de Saunders foi um facto verídico: a reclusão voluntária de um homem, durante perto de quarenta anos, numa cabana onde viveu e morreu como verdadeiro solitário.

Este ponto de partida serve-nos para, através da apreciação crítica da figura desse homem, e das revelações a que o seu temperamento for sendo submetido, irmos penetrando no oceano angustiante da pesquisa existencialista, cada vez mais profundamente mergulhada no sentido ultimo das coisas e das relações abstractas entre elas. Por vezes sentimos que uma análise se encontra prestes a ser concluída e, eis senão quando, como no vaivém marítimo das ondas, ela se desmorona face a uma nova interrogação ou se dispersa na complexidade das próprias contradições que encerra. As personagens de Saunders são tão solitárias e tão incapazes de entre si comunicarem experiências como nós mesmos. Os diálogos não passam afinal de monólogos entrecortados, onde cada um busca a definição da sua singularidade e estabilidade da sua posição relativa no plano da vida. Daí que não haja nesta peça, propriamente, um assunto, ou, mais rigorosamente, que o assunto desta peça seja o de sempre, o de todos, e o de todas as obras universais. A perplexidade do homem na sua aventura terrena é o único protagonista de «Amanhã digo-te por musica» e não serão duas ou três alusões de índole temporária e temporal que modificarão este sentido visível da mensagem de Saunders.

Entre o autor de «Next time I'll sing to you», nascido em 1925, e os dramaturgos modernos ingleses da geração a que pertence um Osborne ou um Wesker, existe o ponto comum da impotência humana transformada em raiva e em absurdo. «Continuamos fechados nos nossos crâneos», diz uma das personagens da peça, tentando demonstrar que entre a prisão de cada um em si mesmo e a reclusão do eremita não há uma diferença notável. Como outras tentarão demonstrar com o tipo de lógica que desconhece os valores objectivos, a mula diferença que existe entre o estar acordado ou o estar a dormir, ou o sentido idêntico das afirmações e suas respectivas réplicas negativas.

Não se pense, porém, que este clima e esta problemática são dados através de uma sucessão de tiradas monótonas e pouco teatrais: pelo contrário, a obra está construída com extrema habilidade, mantendo um constante clima de humor, realmente satírico e por vezes cruel, e construindo, na falta da intriga, uma nova espécie de intriga alimentada daquela ausência.

Fernando Gusmão dirigiu o espectáculo de forma a valorizar cada uma das palavras, a não deixar perder o mínimo elemento para a apreensão do texto. A sua encenação tem a qualidade maior de uma unidade estética e de uma coerência de processos que não ignora a realidade do texto e permite aproveitá-lo integralmente na sua significação. Neste sentido, o espectáculo exigiu e conseguiu uma perfeita coordenação de todos os elementos de expressão cénica reduzidos ao cenário despido do palco, á luz branca, á cuidadosa direcção de actores.

Rui Mendes, na figura de Meff, o só aparentemente passivo criador de enigmas, a personagem que serve frequentemente de contraponto ás restantes, tem uma das melhores, senão a melhor interpretação da sua carreira, pondo inteligência e uma criteriosa técnica de expressão em cada uma das frases com que sacode o publico e exerce, na peça, o papel de quase agitador ou animador se preferirem. João Lourenço e Morais e Castro, nas figuras de Dust e Rudge representam mais — com inteiro acerto — a visão já derrotista, primeiro, e a procura angustiada, no segundo. Luísa Salgueiro, no papel da esupida Lizzie, a reflectora na peça do mundo banal pequeno-burguês a personagem que verdadeiramente representa o chamado senso-comum e que além dele não vai, consegue, apesar de ser estreante, uma excelente interpretação que certamente a lançará, com maiores responsabilidades do que sucede na maioria de casos como o seu, na vida do estudo e do teatro. Fernando Gusmão é inexcedível na interpretação do eremita, a figura verdadeira e exemplarmente destruída na peça.

No final do espectáculo (em que também colaborou Irene Cruz, como assistente de encenação) o «Grupo 4», que em boa hora reapareceu, teve uma entusiástica saliva de palmas. Desejamos apenas que ela se repita em muitos espectáculos, a bem do teatro português.

JOAQUIM BENITE

Um momento da peça

Bilhetes à venda (amanhã à tarde) para a «Grande Noite do Fado»

Abre amanhã, ás 13 horas, a bilheteira do Coliseu dos Recreios para o «espectáculo do ano», a «Grande Noite do Fado» que a Casa da Imprensa organiza no próximo dia 18.

Para além de um numero de atracções (os mais conhecidos nomes dos tablados portugueses e prestigiosas vedetas internacionais) o «clou» da «Grande Noite do Fado» será o despique, emocionante e apaixonado, de fadistas amadores que defendem as cores dos mais castiços bairros de Lisboa e arredores.

Espectáculo que entrou já no calendário das noites festivas da cidade, a «Grande Noite do Fado» provocará, por certo, uma enchente do Coliseu dos Recreios, como tem acontecido nos anos anteriores.

AULAS DE TOUREIO NO «SECTOR 1»

Reabrem hoje as aulas da Escola de Toureio do Grupo Tauromáquico «Sector I», que continua sob a direcção do antigo bandarilheiro Sebastião Saraiva.

As aulas efectuam-se às quintas-feiras às 21 e 30, no Pavilhão dos Desportos, e aos domingos, de manhã, na Praça do Campo Pequeno.

As inscrições para a Escola poderão ser feitas na sede do Grupo, Rua 1.º de Dezembro, 85-2.º, onde se prestam todos os esclarecimentos.

AUTOMOVEIS

BOND Equipe 2 litros GT

Agora na

MARCAMPO

Agente Oficial

Em exposição hoje e amanhã até às 24 horas nos stands

Av. Almirante Gago Coutinho, 56-D LISBOA

JOMA BFB-1

o banco para toda a gente

Todos os caminhos vão dar ao banco. O banco tem todos os caminhos para lhe dar.
A poesia do banco é o dia-a-dia de quem passa e descansa no BANCO...
O BANCO PARA TODA A GENTE.
O BANCO renovou-se, modernizou-se, apetrechou-se de forma a poder oferecer
TÉCNICA MODERNA.
Criou para si, qualquer que seja a sua profissão, o seu ramo de comércio ou indústria
um SERVIÇO PERSONALIZADO.
Para a resolução do seu problema a nossa RAPIDEZ DE DECISÃO.
Não esqueça... EXISTIMOS PARA O SERVIR.

BANCO FONSECAS & BURNAY

o banco para toda a gente

Só autores portugueses no IV Ciclo de Teatro Amador na Empresa

É inteiramente preenchido com peças de autores portugueses o IV Ciclo de Teatro Amador na Empresa, que começa amanhã e, como os anteriores, é organizado pela Phillips Portuguesa.

É o seguinte o programa do ciclo: amanhã — «Silva Vicentina», textos de Gil Vicente seleccionados por Pedro Lemos, que encenou este espectáculo para o «Proscenium», grupo de teatro do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa; dia 10 — «O Piquenique», de Miguel Barbosa e «O Homem da Caneta de Ouro», de Álvaro Martins Lopes, pelo grupo de teatro do Centro de Desporto, Cultura e Recreio dos C. T. T., com encenação de Maria Schulze e António Sarmento; dia 14 — «Antígona», de António Pedro, pelo grupo cénico da Companhia Nacional de Navegação, sendo encenador Rui de Matos; dia 17 — «O Criado do Tavares», de André Brun e «Funerais», de José Estêvão Sasportes, pelo grupo de teatro de ensaio da Fima-Lever, com encenação de A. Rego da Silva; dia 1 de Dezembro — «O Vagabundo das Mãos de Ouro», de Romeu Correia, pelo Grupo Desportivo do Pessoal da «Messa», com encenação de José Raul Gonçalves; dia 30 — «O Noivado do Dafundo», de Almeida Garrett, e «O Ilustre Conferencista», de Pérsio e Fauno, pelo grupo cénico da Phillips Portuguesa, com encenação de Armando Caldas.

O preço dos bilhetes para estes espectáculos, a nível verdadeiramente popular, oscila entre um máximo de 20$00 e um mínimo de 2$50.

O produto dos espectáculos reverte a favor da obra social da Casa da Imprensa.

O CÃO DESCONHECIA O VALOR DA LUZ VERDE — E PRONTO

Foi esta manhã, na esquina da Avenida de Roma com a Avenida João XXI. O cão atravessou a via pública no preciso instante em que se acendia a luz verde. Sobre ele desabou a violência do trânsito e a morte foi a consequência.

O condutor do táxi GH-24-12, que atropelou o animal, transportou o cadáver á esquadra mais próxima, a fim de ilibar responsabilidades, que seriam apenas de ordem moral pois o sinaleiro estava dentro da situação.

Trata-se, ao que se diz, de um cão de raça. A única saída está em conhecer o significado dos sinais luminosos. Ciência que muitos humanos ainda não possuem.

Necrologia

FUNERAIS

Guido Frederico Von Doellinger

Guido Von Doellinger

CALDAS DAS TAIPAS, 6. — Foi a enterrar nesta localidade o antigo farmacêutico e funcionário do Fundo de Desemprego, sr. Guido Frederico Von Doellinger, que durante muitos anos aqui exerceu com toda a diligência o cargo de correspondente do «Diário de Lisboa».

Guido Von Doellinger, natural de Fafe, contava 69 anos de idade e era casado com a sr.ª D Amélia da Piedade Crespo Von Doellinger, a quem apresentamos os protestos do nosso pesar.

D. Wilma Octávia Patkoczy de Andrade

Após missa de corpo presente celebrada na sua residência, seguiu esta manhã para jazigo no cemitério dos Prazeres o funeral da sr.ª D. Wilma Octávia Patkoczy de Andrade, viuva do sr. dr. Cupertino de Andrade.

A extinta, natural de Lisboa, contava 78 anos e era mãe do sr. eng.º Luís Patkoczy de Andrade, director da Standard Electric, e das sr.as D. Ilka Patkoczy de Andrade Cajão e D. Gabriela Patkoczy de Andrade Ribas, sogra da sr.ª D. Michele Parbut Patkoczy de Andrade e dos escritores Luís Cajão e Tomás Ribas, e avó da eng.ª D. Maria Manuela de Andrade Cajão e dos meninos Gonçalo de Andrade e Maria Alexandra Andrade Ribas.

D. Isabel Llansol Mata-Mouros Cruz Nunes

Foi esta tarde a sepultar no cemitério dos Prazeres a sr.ª D. Isabel Llansol Mata-Mouros Cruz Nunes, de 89 anos. Natural da Sé do Porto, era mãe das sr.as D. Maria Margarida Llansol Nunes Lima e D. Elvira da Luz Llansol Nunes Rodrigues, avó da escritora Maria Gabriela Llansol (D. Maria Gabriela Llansol Nunes Rodrigues) e do sr. Jorge Manuel Llansol Mata-Mouros Nunes Barata, e irmã do sr. António Ferreira de Lemos.

Comandante José Luís Sales Henriques de Brito

LUANDA, 6 — Faleceu subitamente nesta cidade o capitão-de-fragata José Luís Sales Henriques de Brito, antigo governador do distrito de Moçamedes.

O extinto, que contava 47 anos, era casado com a sr.ª D. Beatriz Gonçalves Sequeira Cantinho de Brito e sobrinho do comandante Sales Henriques, administrador da Companhia Nacional de Navegação.

SUFRÁGIOS

Duques de Bragança

A exemplo dos anos anteriores, e no seguimento da sua acção espiritual, o conselho administrativo da Fundação da Casa de Bragança mandou celebrar hoje, ao meio-dia, solenes exéquias por alma dos duques de Bragança, no Panteão dos Agostinhos, em Vila Viçosa.

Proferiu a oração funebre o rev. Manuel Dias Costa, pároco da freguesia da Foz do Douro, e estiveram presentes ao acto religioso, além dos membros directivos da Fundação da Casa de Bragança, muitos fiéis.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Vendo
Consolidado 4 3/4%	—	518$	—
Consolidado 3%	—	532$	535$
Consolidado 3 1/2%	—	632$	635$
Centenários 4%	—	1.495$	1.500$
Obrgs Tesouro 5%	1.003$	1.002$	1.004$
Externo série	—	—	760$
Externo Série C	840$	—	850$
Externo 3 Série	—	755$	—
Externo 3 Série C	880$	875$	880$
Coutelas 3 Série	—	155$	165$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%			
A. P. I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	935$	950$
C P 4 1/2% 65	—	935$	—
C P 5 1/2% 67	860$	860$	870$
C U F 6%	—	995$	—
C U F 6% 68	—	995$	998$
Gás Elect 4% 48	1.008$	—	1.008$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	780$	800$
Gás Elect 5% 52	—	—	—
Gás Elect 5% 58	—	—	890$
Gás Elect 5% 59	—	—	890$
Gás Elect 5% 62	—	—	—
Gas Elect 5% 63	—	925$	940$
Gás Elect 5% 65	—	915$	930$
Gás Elect 6% 67	—	—	—
H E A Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	—	820$	—
H E Cávado 6%	—	—	830$
H E Douro 5%	—	1.012$	—
H E Douro 6%	815$	815$	820$
H E Norte Port 5%	1.017$	1.017$	1.019$
H E S Estrela 6%	—	—	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	1.000$
H E Zêzere 5% 57	830$	—	830$
Lisnave 6%	—	—	835$
Metropolitano 4%	—	1.015$	1.030$
Metropolitano 5 3/4%	895$	890$	900$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	—	780$	—
Nitratos 5%	—	—	840$
Nitratos 5% 60	—	785$	—
Petroquímica 5%	—	775$	—
Port Celul 5%	855$	850$	860$
Sacor 5% 54	—	850$	860$
Sacor 5% 60	—	—	935$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	900$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	—	—	—
T A P 4%	850$	845$	850$
Termoelect Port 5%	—	—	960$
U E P 3 3/4%	—	800$	810$
U E P 4%	—	84$5	—
U E P 4 1/2%	—	86$	—
U E P 5%	—	90$	—
U E P 5% 60	—	—	82$
U E P 5% 63	—	—	825$
AC ÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.725$	1.720$	1.730$
Alentejo	905$	905$	908$
Angola	3.190$	3.180$	3.190$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	4.700$	4.700$	4.750$
E. Santo	—	—	—
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	20.000$	—
L & Açores p	7.100$	7.095$	7.120$
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.600$	6.595$	6.620$
Portugal n	—	3.200$	—
Portugal p	—	—	—
Totta Aliança	—	6.250$	6.400$
Ultramarino n.	2.950$	2.960$	3.000$
Ultramarino p.	3.220$	3.220$	3.230$
Seguros			
Alentejo	76$	75$5	80$
Douro	—	1.400$	—
Mundial	790$	780$	805$
Sagres	—	1.750$	—
Tranquilidade	—	50.000$	—
Ultramarino	—	15.000$	30.000$
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	951$	970$
Ag Cassequel	910$	900$	910$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	300$	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	320$
Boror	—	—	—
Buzi	89$5	89$5	90$
Cabinda	242$	241$	242$

Ultramarinos	Efec	Compra	Vendo
Diamantes Angola	1.980$	1.970$	1.980$
H E Revue	—	625$	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	194$5	194$	195$
Sonete n	—	—	—
Sonete p	440$	435$	445$
Zambézia	—	93$	94$
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	—	7.800$	—
Cim Leiria	4.500$	4.450$	4.550$
Cim Tejo	6.500$	6.300$	6.700$
Sor Navegação	1.560$	1.560$	—
C U F	1.500$	1.495$	1.505$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	3.850$	3.800$	3.900$
Petroquímica	—	—	—
Port e Colónias	1.530$	1.520$	1.528$
Port Celulose	4.750$	4.750$	4.800$
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	773$	773$	775$
Saca	—	4.820$	5.000$
Siderurgia Nac	—	1.700$	—
Soce	3.280$	3.280$	3.300$
Tabacos de Portugal	—	1.560$	—
Tabaqueira	—	8.900$	—
U F Azoto	890$	888$	891$
Aguas, Electr e Gás			
Aguas Lisboa p	—	410$	435$
Aguas Lisboa 34	—	430$	440$
Aguas Lisboa 36	—	395$	—
Eléct Beiras	—	1.650$	1.730$
Gás Electr	427$5	427$	427$5
H E Alto Alentejo	157$5	157$	158$
H E Cávado	1.242$	1.242$	1.244$
H E Douro	1.235$	1.234$	1.235$
H E Norte Portugal	—	—	320$
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.246$	1.245$	1.250$
Nac Electricidade	—	1.240$	1.250$
Termoeléctr Port	—	—	—
U E P	192$5	192$	193$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F Atlântico	—	200$3	206$3
F D E S	—	125$	128$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 = 100)

	30/10/69	5/11/69	6/11/69
GERAL	144,7	144,3	**144,6**
METRÓPOL	139,0	138,9	**139,5**
ULTRAM.	186,2	184,0	**182,3**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 e 2		
— Rands de 5 a 20	36$50	38$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$35	28$75
— Dollars de 5 a 000	28$55	28$95
Canadá — Dollar	26$40	26$90
Alemanha — Marco	7$65	7$95
Austria — Schilling	$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$90	8$20
Inglaterra — Libra	68$50	70$50
Itália — Lira	$04,45	$04,67
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$80	5$20
Suiça — Franco	6$62	6$82
Marrocos — Dirham	4$70	5$30
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	303$00	318$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$00	38$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

OS TRABALHOS DO 3. CURSO DE PNEUMOLOGIA

Com duas conferências, do dr. José Maçanita, sobre «Terapêutica médica do cancro do pulmão», e do prof. Albano Ramos, sobre «Terapêutica pelas radiações», continuou esta manhã o 3.º Curso de Pneumologia para pós-graduados da Faculdade de Medicina de Lisboa.

À tarde houve as habituais sessões práticas, e á noite realiza-se mais uma mesa-redonda, que tem como tema «Prevenção e terapêutica da patologia pulmonar do recém-nascido», sendo moderador o prof. Mário Cordeiro, e participantes o dr. Ramos de Almeida e as dr.as Maria Amália Vaz Guedes e Maria Fernanda Sampaio.

Do programa de amanhã constam conferências pelos profs. Thomé Vilar e Celestino da Costa.

A Varig melhora as ligações entre o Rio e Tóquio

Deixando de escalar Honolulu, a Varig passou a fazer os seus voos para o Japão via Anchorage, no Alasca, conseguindo assim uma redução de duas horas na viagem entre o Rio de Janeiro e Tóquio.

A viagem de regresso, agora directa a Los Angeles, foi reduzida em duas horas e meia no seu tempo de voo.

A escala em Anchorage tem apenas carácter técnico-operacional.

A Varig mantém duas frequências semanais para o Japão, partindo do Rio, ás segundas e quartas-feiras, ás 21 horas, e de Tóquio, ás quartas e sextas-feiras, ás 22.30 h.

Pão aos pombos e «queima das fisgas»

O Grupo dos Amigos dos Animais e das Plantas, fundado e mantido pelo jornal «O Educador», vai promover, pela sétima vez, no próximo domingo, a tradicional cerimónia da distribuição de «Pão aos Pombos». Colaboram na iniciativa a Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, Sociedade Protectora dos Animais, União Zoófila, Corpo Nacional de Escutas, P. S. P. e Batalhão de Telegrafistas.

A caravana de distribuição é organizada no arruamento poente do Parque Eduardo VII donde partirá, às 9 e 30, para oferecer pão aos pombos no Jardim Guerra Junqueiro (Jardim da Estrela), Praça Luís de Camões, Jardim António Nobre (Rua de S. Pedro de Alcântara) e Praça D. Pedro IV (Rossio).

Durante a cerimónia, que será animada por grupos cantantes infantis, proceder-se-á à «queima das fisgas» e a uma grandiosa solta de pombos.

LOJA

Com grande armazém (1000 m2), bom local — R. Antero Figueiredo, 4-A-B (á Av.ª Roma e Cinema VOX).

O advogado e ex-futebolista chegou para cantar

O dr. Julio Iglésias, advogado catalão que foi guarda-redes do Real Madrid, abandonou a carreira desportiva depois de um acidente de viação, chegou hoje a Lisboa para uma estadia de dois dias durante a qual gravará um programa para a R.T.P. e o primeiro disco da nova etiqueta «Roda».

Iglésias, vencedor do ultimo festival de Benidorm recordou á chegada ter já estado em Lisboa com o Real Madrid, tendo defrontado o Sporting. Revelou ainda que cantará em português, também.

TÉCNICO BRASILEIRO NO L. N. E. C.

Encerraram-se esta tarde os trabalhos do programa de actividades do Convénio de Cooperação entre o Laboratório Nacional de Engenharia Civil e a Universidade de S. Paulo, patrocinado pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil e pelo nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O ciclo de conferências terminou com o trabalho apresentado pelo prof. José Augusto Martins, chefe do Departamento de Engenharia Civil — Hidráulica e Transportes — da Escola Politécnica daquela Universidade, que versou o tema «Lançamento de esgotos em cidades litoraneas: Santos».

PROCURADORES À CÂMARA CORPORATIVA

Em todos os municípios do País são amanhã eleitos os seus representantes á XII Secção da Câmara Corporativa. Dentro de dias deverão ser também conhecidos os nomes dos procuradores designados pelo Governo.

Dizem os leitores...

LINHA FÉRREA DO VALE DO VOUGA

De um leitor que usa o pseudónimo de «Um Vouzelense» recebemos a carta que, a seguir, publicamos na íntegra:

«Se não causo transtorno de maior e as colunas do seu conceituado jornal o permitem, caso o assunto que apresento ainda não tenha perdido oportunidade de agitação, bastante grato lhe fico se der publicidade às linhas que se seguem.

Por bem ou por mal dos tributos que é dado pagar à vida, já vi há mais de sessenta anos a luz do pequeno universo espiritual que nos envolve. Como deve calcular, com tal carrada de aniversários, aceita-se já com certa indiferença, sem grande viço de nervos, quase toda a espinha dorsal das vivências sociais, mesmo as mais desconchavadas, conquanto muitas delas se encontrem mascaradas de sensatez, de isenção e de lógica.

Sou lafonense apenas por nascimento ocasional e nada me prende directa ou indirectamente aos interesses materiais do que pretendo criticar. Vim acidentalmente ao mundo na terra do «Decepado» — o épico Duarte de Almeida — e nunca me passou pela cabeça assistir, na velhice, à tentativa de uma segunda edição, em terras portuguesas, desse sucesso histórico ocorrido na memorável batalha de Toro

Com certa indiferença, outrora, tal herói foi decepado por estrangeiros em holocausto patriótico. Presentemente, são os próprios portugueses (um e seus concordantes, pelo menos) que desejam, por razões confinadas a objectivos que desconheço nos seus fundamentos, mutilar totalmente um dos mais belos traçados ferroviários nacionais que pouco ou muito a Pátria tem servido, traçado esse que até os próprios estrangeiros admiram; nanja por comodidade e eficiência, infelizmente, mas apenas pela sua variada riqueza de panoramas.

E, por irónica coincidência, nas perspectivas do seu insólito destino, pretende-se decepar por completo essa inconfundível linha do Vale do Vouga, cujos combóios já circulam há mais de meio século nessa mesma região do «Decepado»!

Porquê, afinal? Quais os motivos verdadeiramente justos para tão drásticas medidas em projecto? Serão suficientemente válidas, para a justificação do seu total desmantelamento, as razões expostas há pouco tempo no Colóquio sobre Turismo e Termalismo, quanto ao problema dos transportes na região de Lafões? A questão será por si própria inescorável, axiomática, sem plataformas nem alternativas?

Magister dixit!... E pronto: — vasadouro ou sepultura!

*

Deambulando por considerações honestas que a elasticidade do entendimento proporciona, cabe-me afirmar que em alguns anos idos era ofensivo para qualquer mentalidade burguesa, habituada a ócios e sossegos, os manifestos ideológicos com abruptas e revolucionárias demolições. E ai de quem se metesse a trilhar tal caminho! Sem apelo nem agravo era posto à margem como um proscrito, afora as incómodas sacudidelas aplicadas pelo zelo das autoridades.

Pelos vistos, com o andar dos tempos, tudo passa de moda.

(Continua na 22.ª página)

Novo vice-reitor do Liceu da Covilhã

COVILHÃ, 6. — Em virtude de ter sido transferido para o Porto o dr. Francisco Libório Morcela, que desempenhava as funções de vice-reitor do Liceu desta cidade assumiu aquele cargo o dr. Justino Carvalho Vasconcelos.

Artes plásticas

Exposição de Carlos Calçada

Numa das salas de exposições do Palácio Foz, é inaugurada, amanhã, ás 18 horas, uma exposição do artista Carlos Calçada.

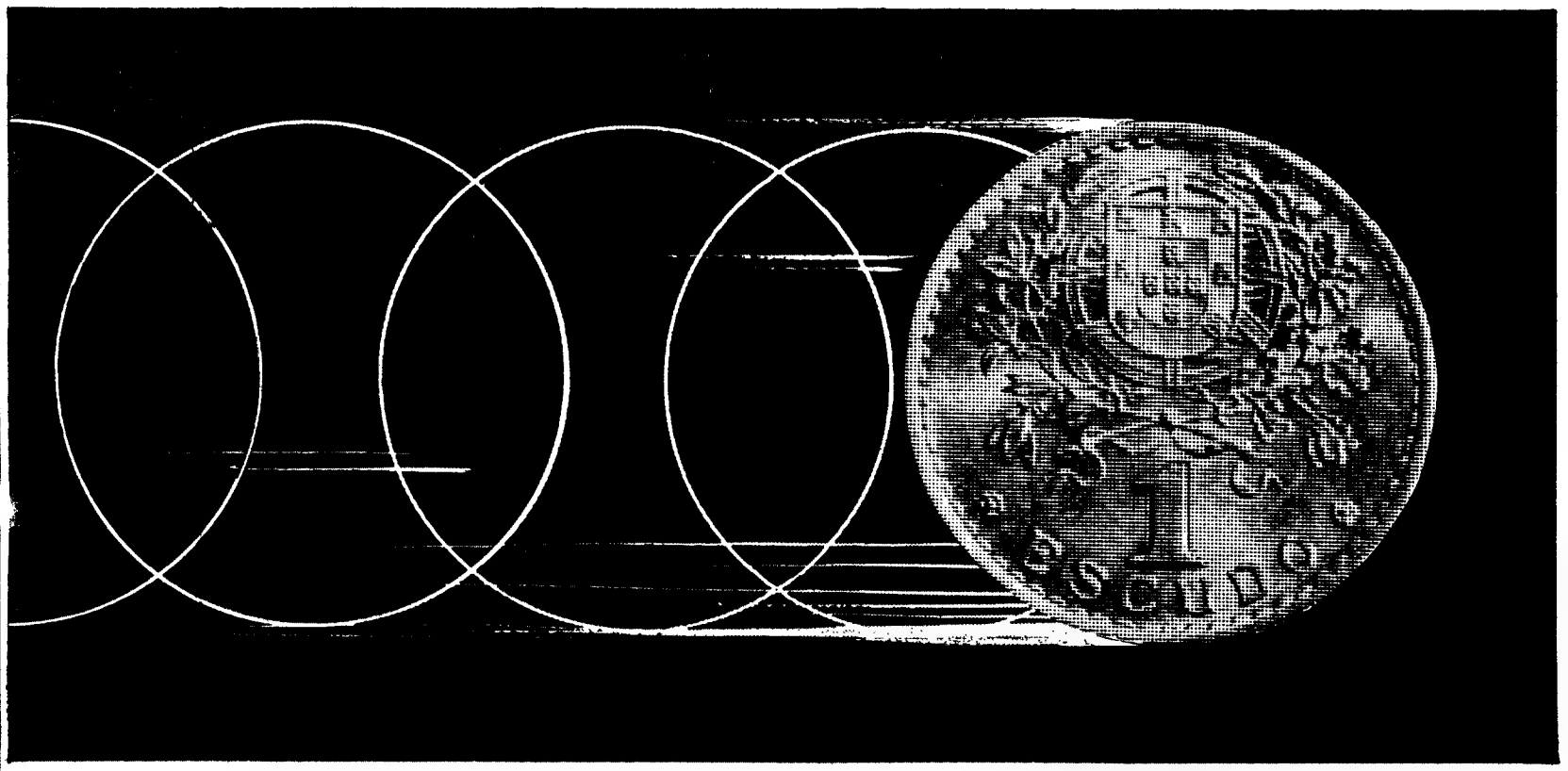
IV Salão Anual de Arte Infantil

No Casino Estoril é inaugurado, depois de amanhã, ás 19 horas, o IV Salão Anuall de Arte Infantil.

A exposição estará patente ao público até ao dia 16.

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.



DINHEIRO EM MOVIMENTO
É SINAL DE RENDIMENTO.

Dinamize as suas economias, contribuindo para o desenvolvimento económico e social do país.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano, isento de impostos.
Segurança total.
Colocação eficaz do seu dinheiro.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:
LISBOA
Rua Braamcamp,6
PORTO
Av. dos Aliados, 58-64

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

ECOS

QUEM conheceu em Paris o prof. Georges Le Gentil, nobre figura intelectual e moral, pioneiro dos lusistas franceses, não poderá deixar de ler com emoção e respeito o seu importante estudo sobre Camões, agora traduzido para português e valorizado com o aparato crítico que José Terra, leitor de português na Sorbonne, diligente e avisadamente soube restituir-lhe. O ensaio do prof. Le Gentil visa essencialmente a interpretação da obra lírica e épica de Camões, através de uma leitura comparativa e em profundidade, com lato conhecimento de toda a literatura erudita dos camonianistas.

★

NO seu bloc-notes, **que o** Figaro Littéraire **regularmente publica, François Mauriac responde a um leitor que lhe pergunta: «O que ficou para si da obra de André Gide?»** E responde com severidade, com uma severidade da qual totalmente discordamos, mas que leva o selo da sua arte de escritor e da sua forte personalidade: **«A porta estreita** põe ao velho em que eu me tornei o enigma desse amor que aos vinte anos se experimenta por um livro e que depois já não se sente. Quando releio, não descubro uma só das razões que aos meus olhos o haviam tornado incomparável. Tudo nele hoje me soa a falso e não é decerto por conhecermos agora a verdadeira história de Alissa.» Não será? Mas Mauriac ainda continua, cruelmente, referindo que o próprio Gide, em conversa com ele, havia caracterizado **A porta estreita** como «um livro de ironia», o que, aliás, nada prova, até porque a ironia está presente amiúde nas mais veementes e apaixonadas obras de invenção literária. Comentando **O imoralista**, Mauriac tem-no ainda na conta de «belo livro onde Gide transpôs o seu drama conjugal e onde tudo permanece ferozmente verdadeiro.» Dos **Falsos moedeiros** só aceita já o diário de Édouard. Acaba por concluir que o caso de Gide é a história de uma obra dominada, esmagada, pelo seu autor.

Vai começar a construção da Escola Náutica Infante D. Henrique

Nove anos depois de ter sido autorizada por decreto-lei, vai começar, finalmente, a ser construída, em Paço de Arcos, a Escola Náutica Infante D. Henrique, que englobará a Escola Náutica (de oficiais) e a Escola de Marinheiros e Mecânicos da Marinha Mercante

A Escola ficará instalada em diversos edifícios a construir num terreno já preparado junto á Estrada Marginal, entre o Forte das Fontainhas e a Escola Militar de Electromecânica. Nesses edifícios funcionarão a Escola Náutica, destinada á preparação de oficiais da Marinha Mercante, actualmente instalada na antiga Escola Naval, e a Escola de Marinheiros e Mecânicos da Marinha Mercante, onde se prepara o pessoal de categoria inferior a oficial, das classes de convés, fogo, electricidade e copa, agora funcionando em Caxias. Ambas as escolas estão actualmente mal instaladas, além de ficarem, com evidente desvantagem, muito distanciadas.

A realização da obra foi confiada á Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, do Ministério das Obras Publicas, sob cuja orientação já se procedeu á fase de terraplanagem, arruamentos, esgotos e vedações. Até ao presente, com a aquisição dos terrenos, projectos e obras, gastaram-se cerca de 10 000 contos Para terminar o empreendimento haverá ainda que despender cerca de 60 000 contos, prevendo-se que a sua execução compreenderá quatro fases, a concluir em 1974.

Para a 1.ª fase, foi recentemente aberto o concurso da estrutura da Escola de Oficiais e oficinas, prevendo-se que os trabalhos possam estar terminados em 1971.

A Junta Nacional da Marinha Mercante e os armadores comparticipam neste empreendimento com 16 645 contos

O NEVOEIRO PREJUDICOU O TRÁFEGO NA PORTELA

O nevoeiro prejudicou hoje, mais uma vez, o escoamento normal do tráfego aéreo do Aeroporto da Portela. Efectivamente, desde cerca das 7 horas da manhã, que uma espessa neblina provocou atrasos nas chegadas e partidas de alguns aviões, e obrigando outros a terem de se desviar para outros aeroportos.

Assim, os voos da TAP vindos respectivamente do Rio de Janeiro e do Porto viram-se na necessidade de divergir para Faro. No entanto, determinados períodos de boas abertas permitiram a aterragem na Portela dos voos da K. L. M. e da T. W. A. procedentes de Paramaribo e de Nova Yorque, e das saídas da Lufthansa para Francfurt, da T. A. P. para o Porto e de S. A. A. para Paris e Londres. Ao princípio da tarde a situação normalizou-se.

A X LEGISLATURA NAS DUAS CÂMARAS

Começam no próximo dia 25, sob a presidência do deputado e do procurador mais antigo, respectivamente conselheiro Albino dos Reis e dr. Gabriel Pinto Coelho, os trabalhos preparatórios da X Legislatura da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa

Essa primeira sessão destina-se apenas a eleger as comissões de verificação de poderes que vão apreciar os documentos referentes ás eleições de procuradores e deputados. No dia 28 ou 29 volta a haver nova reunião para analisar o parecer das referidas comissões, após o que serão proclamados os membros da Assembleia e da Câmara Corporativa, sendo imediatamente eleitos os presidentes das mesas.

Estes, por seu turno, convocarão, para 1 de Dezembro, ás 17 horas, os deputados e procuradores para a sessão solene da abertura da X Legislatura, que será presidida pelo Chefe do Estado, estando presentes o Presidente do Conselho, todos os membros do Governo e o Corpo Diplomático acreditado em Lisboa.

O CENTENÁRIO DE RICARDO SEVERO

Foi uma personalidade de artista e homem de acção, Ricardo Severo cujo centenário do nascimento hoje passa. Quase ignorado hoje em dia em Portugal, metade da sua vida tendo decorrido na tentacular S. Paulo para cujo progresso muito contribuiu, Ricardo Severo foi centro motor da sua geração.

Arqueólogo, político, engenheiro, construtor, em todas essas facetas marcou lugar de primeiro plano, como político conheceu o exílio depois de ter participado na revolta do 31 de Janeiro de 1891; como arqueólogo deixou esse monumento imperecível que é a «Portugália», e como engenheiro e construtor a cidade de S. Paulo deve-lhe parte do surto que em dado momento a tomou, modernizando se e crescendo desmedidamente.

Ricardo Severo da Fonseca e Costa nasceu em Lisboa, mas estudou no Porto, terminando o curso em 1890, na Academia Politécnica. Engenheiro de Obras Publicas e de Minas, foi companheiro de Basílio Teles, de Júlio de Matos, Rocha Peixoto, João Barreira, tantos mais dessa geração em que os investigadores acamaradavam com os artistas e com os políticos, quando as suas actividades se não entremeavam. Primeiro foi o animador da publicação da «Revista de Ciên-

ESTÃO A SER DERRUBADAS ÁRVORES NA AV. DE BERNA

Na Avenida de Berna, em frente ao edifício da Fundação Calouste Gulbenkian, operários procedem ao abate das árvores existentes na placa central da citada artéria. Já foram derrubadas cerca de trinta e a medida relaciona-se, segundo pudemos apurar, com a construção do colector de águas de Entre-Campos — obra que porá termo ás cheias habituais durante o Inverno.

Supõe-se, por outro lado, que, depois de concluída a construção do colector, a Avenida de Berna ficará com um aspecto semelhante ao da Avenida Gulbenkian, ou seja, com uma placa central mais estreita — para facilitar o trânsito — e ajardinada. Se for adoptada essa solução, as árvores desaparecerão da placa central daquela artéria, por completo.

FIM DAS ÁRVORES, FIM DAS CHEIAS? — As árvores da placa central da Av. de Berna estão a ser derrubadas. Segundo parece, tal medida relaciona-se com a construção de um colector de águas, em Entre-Campos, tendente a eliminar as cheias habituais

CIRURGIA PLÁSTICA E RECONSTRUTIVA

A Sociedade Portuguesa de Cirurgia Plástica e Reconstrutiva reune-se amanhã, ás 22 horas, para receber os drs. Charles Horton e Igreer Ricketson, do American Society of Plastic and Reconstrutive Surgery» que ali vão dar uma lição em conjunto.

NOIVOS
As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

Jornadas de Estudo (sobre problemas socioeconómicos) promovidas pela U. C. I. D. T.

A análise e discussão dos grandes problemas da validade sócioeconómica portuguesa por parte da U. C. I. D. T. (União Católica de Industriais e Dirigentes de Trabalho) vai ser concretizada com a realização de Jornadas de Estudos que começam já depois de amanhã, em Lisboa.

O estudo do primeiro tema das Jornadas — «Posição do sindicalismo no desenvolvimento sócioeconómico português» — prolongar-se-á por dois dias. Seguir-se-á, depois, nos dias 13 e 14 de Dezembro, no Porto, a análise de «Regionalização e descentralização dos Centros de Decisão do sector público»

As Jornadas continuam no próximo ano com o seguinte calendário: 24 e 25 de Janeiro, em Lisboa — «Condicionamento industrial e desenvolvimento económico; 7 e 8 de Março, em Coimbra — «Critérios de fiscalidade e justiça social»; 25 e 26 de Abril, em Lisboa — «Integração económica no Espaço Português»; 20 e 21 de Junho, em Lisboa — «A informação como factor dinamizador do desenvolvimento».

TELEVISORES
MARCAS CONCEITUADAS
C/ GARANTIA
49 cm c/UHF **3.450$**
59 » » **3.950$**
+ o seu T.V. usado
QUANTIDADE LIMITADA
M. L. FERREIRA
R. D. ESTEFÂNIA, 48 A (JUNTO AO LARGO)

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDIC

O ANVERSO E REVERSO da medalha em que mestre Leopoldo de Almeida nos deu a figura e simbolizou o carácter de grande democrata que foi o prof. Mário de Azevedo Gomes

A medalha do prof. Mário de Azevedo Gomes modelada por Leopoldo de Almeida

Foi uma personalidade grande na vida universitária e na vida política portuguesa o prof. Mário de Azevedo Gomes que esteve sempre na brecha em todas as campanhas de civismo. Um desastre brutal o levou há pouco tempo, mas a lição de combatente de rara fibra continua viva em quantos o conheceram, com ele trataram e em todos os alunos que pelas aulas do Instituto Superior de Agronomia passaram e onde se habituaram a respeitar não só o técnico, o mestre de silvicultura, mas o cidadão.

Acompanhou movimentos como o da «Seara Nova» desde o princípio. Foi ministro da Agricultura em 1924 e nunca deixou de afirmar os seus direitos, em todas as circunstancias até as mais difíceis. Com António Sérgio e Jaime Cortesão ele foi o exemplo vivo, o elo de ligação entre os homens que quiseram realizar uma democracia autêntica, esclarecida, actuante, no período anterior a 1926, e as novas gerações. Foi também o ultimo dos três a desaparecer.

A memória de Mário de Azevedo Gomes foi perpetuada agora numa medalha que é uma obra de arte, realizada por Mestre Leopoldo de Almeida. Homenagem ao cidadão intransigente e ao técnico de valor, o grande artista soube interpretar o carácter de Mário de Azevedo Gomes, não apenas ao modelar-lhe as feições, mas até no simbolismo do reverso da medalha.

No reverso apresenta-nos o escultor um sobreiro de raizame firme e copa larga, sólida e em torno a legenda. «Mestre de agrónomos e silvicultores. Cidadão íntegro e democrata indomável». A árvore passa assim da realidade corrente da silvicultura, como tantas e tantas outras que Mário de Azevedo Gomes estudou e tratou, para lhe representar o carácter, a têmpera de lutador.

No anverso, mestre Leopoldo de Almeida modelou a figura de Mário de Azevedo Gomes, o olhar firme e sereno, o conjunto de rara nobreza, como o conheceram quantos com ele trataram. Em volta o nome, as datas do nascimento e da morte, e o ponto alto da sua carreira de técnico e cidadão: Ministro da Republica.

A medalha de 8 centímetros de diametro, de tiragem reduzida de exemplares, encontra-se na Livraria Sá da Costa que é depositária.

cias Naturais e Sociais»; depois da «Portugália», tendo realizado explorações arqueológicas em quase todo o Norte do País.

Revolucionário do 31 de Janeiro tinha de emigrar para o Brasil de onde voltou em 1898 e aonde regressaria em 1908, firmando-se lá para sempre até morrer na sua S. Paulo, em 1940. S. Paulo o homenageou, em 1932, salientando-se os serviços que á cidade prestara.

Republicano na mocidade, permaneceu fiel a si mesmo até o fim e o luso-brasilismo teve nele um dos mais estrénuos defensores e ferveroso realizador de muitas iniciativas que para o entendimento dos dois povos irmãos mais contribuiram.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

MEDICINAL

Dois membros do Governo na inauguração da residência de estudantes de Bragança

BRAGANÇA, 6. — Milhares de pessoas, na maior parte estudantes (a população estudantil da cidade ascende a mais de quatro mil) assistiram hoje á inauguração da Residência de Estudantes de Bragança, mandada construir pela Fundação Gulbenkian. A cerimónia que constituiu acontecimento de relevo na vida da cidade, de modo a justificar o encerramento do comércio e a dispensa dos funcionários publicos, começou com a bênção do edifício pelo bispo da diocese, D. Manuel de Jesus Pereira. Seguiu-se o descerramento de um busto de Calouste Gulbenkian, patrono da residência, e de uma lápida comemorativa no átrio do edifício, uma sessão solene e a visita ás instalações, que são modelares.

Durante a sessão solene, a que presidiu o ministro da Educação Nacional, dr. José Hermano Saraiva, falaram o presidente do Município, dr. Abílio Machado Leonardo, em nome da população da cidade e do concelho, que se referiu a tão importante melhoramento; o director-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, eng.º Pena da Silva; o director-geral do Ensino Liceal, dr. Sabino Costa; o ministro das Obras Publicas, eng.º Rui Sanches, e o presidente do conselho de administração da Fundação Gulbenkian, dr. Azeredo Perdigão que, referindo-se ás circunstancias em que a residência foi construída, afirmou:

— *Não obstante o interesse que, tanto a Direcção-Geral do Ensino Liceal, como a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e as respectivas Camaras Municipais sempre manifestaram pela realização deste projecto, a verdade é que devido a diversas circunstancias — entre as quais me permito destacar a dificuldade de dispor de terrenos apropriados á implantação dos edifícios e a demora na vida na publicação de um diploma legal estabelecendo as bases da organização e funcionamento das residências de estudantes, o Decreto n.º 47 554, de 22 de Fevereiro de 1967, só em 12 de Fevereiro do ano imediato, o Conselho de Administração da Fundação teve possibilidade de homologar a proposta da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais no sentido de serem adjudicadas as empreitadas da construção das residências de Bragança e de Castelo Branco respectivamente por 5 753 385$50 e 4 204 885$00. Quer dizer, só a construção destes dois edifícios custaria mais 958 270$50 do que estava previsto, como máximo para a construção de três. Mas a verba de 9 958 270$50 ainda não era suficiente porque não incluía o custo dos arranjos paisagísticos, dos equipamentos e do mobiliário. Por esse motivo, e unicamente para fazer face aos encargos com as residências de Bragança e Castelo Branco, foi necessário votar mais uma dotação de 1450 contos.*

AS RESIDÊNCIAS DEVEM SER CENTROS DE EDUCAÇÃO E DE PROMOÇÃO SOCIAL – disse o dr. Azeredo Perdigão

As novas residências não devem ser albergues

Mais adiante, o dr. Azeredo Perdigão afirmou:

— *Seja qual for o futuro da iniciativa uma coisa temos por definitivamente estabelecida: as novas residências, como as três cuja construção e instalação a Fundação já financiou, não devem ser simples albergues ou seja lugares onde se recolha alguém por caridade. As residências de estudantes têm de ser verdadeiros lares, centros de educação e de promoção social.*

A finalizar, afirmou:

— *O que a Fundação fez está na linha do pensamento e acção do Ministério da Educação Nacional o que constitui garantia de que ao esforço da Fundação outros idênticos esforços oficiais e particulares se seguirão, e de que, portanto, o gravíssimo problema que, em Janeiro de 1965, o sr. director-geral do Ensino Liceal nos submeteu, deixará, em poucos anos, de estar inscrito no quadro das nossas graves preocupações nos domínios da educação, tanto secundária, como superior.*

Encerrou a sessão o ministro da Educação Nacional.

O edifício da Residência de Estudantes, de Bragança que a Fundação Gulbenkian mandou construir e que fica situado junto do novo Liceu Nacional

O MINISTRO DA SAÚDE PROIBIU A VENDA LIVRE DE PRODUTOS COM CICLAMATOS

Os produtos medicamentosos contendo ciclamatos só poderão ser vendidos sob receita médica, segundo determinação do ministro da Saúde em recente despacho no qual foram atendidos elementos de informação chegados ao Ministério e também as implicações que o consumo indiscriminado dos referidos produtos poderá eventualmente causar á saúde pública.

É o seguinte o texto do despacho: «Enquanto se não encontrar completamente esclarecida a possível acção nociva causada pelos ciclamatos no género humano, todos os produtos ou substâncias medicamentosas que contenham esses mesmos ciclamatos como princípio activo, qualquer que seja a sua forma, só poderão entrar no domínio público, mediante a apresentação da respectiva receita médica. São desde já abrangidos pelas disposições do mesmo despacho, constituindo lista anexa a actualizar sempre que necesário, os produtos «Dulceril», «Edulcorol», «Hermesetas» extra-fino e «Sucaryl».

ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DE FRANCÊS

Na sala de teatro do Liceu Charles Lepierre realiza-se hoje, ás 21 e 30, mais uma reunião de trabalho da Associação dos Professores de Francês em Portugal para debater problemas de metodologia. Haverá um colóquio sobre o tema «A passagem da oralidade á escrita».

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA
A
Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1870
EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

ATENÇÃO

OS CICLAMATOS E AS BEBIDAS GASEIFICADAS

O Grémio Nacional dos Industriais de Águas, Refrigerantes e Sumos de Frutos, em razão das alarmantes notícias que ùltimamente têm vindo a público sobre o perigo do uso dos ciclamatos na preparação de produtos alimentares, vem informar os interessados que a **Lei Portuguesa não consente na fabricação de refrigerantes ou de quaisquer bebidas gaseificadas o uso de adoçantes artificiais** (caso dos ciclamatos) sendo para o efeito apenas consentida a utilização do açúcar granulado.

Actualidade internacional

Prevê-se para breve um cessar-fogo entre Biafra e Nigéria

ADDIS ABEBA, 6 — (F. P.) — Quarta-feira á noite dominava a impressão em Addis Abeba de que «algo mexe» finalmente na questão nigero-biafrense.

Mas, ninguém na capital etíope está habilitado ou quer desmentir ou confirmar que o Biafra tenha efectivamente feito saber que está disposto a ceder ao princípio da soberania em troca de garantias sólidas de segurança para os ibos.

Segundo os meios informados, parece, no entanto, que se caminha progressivamente para a abertura de conversações preliminares em escalão «subalterno» entre representantes biafrenses e nigerianos. Estas conversações, que, segundo se crê, poderiam começar brevemente em Abidjan, teriam por finalidade preparar o terreno com vista a um cessar-fogo e á abertura de verdadeiras negociações de paz.

Esta iniciativa, se tiver êxito, terá resultado dos esforços pessoais do imperador Hailé Selassié depois da sexta reunião de alto nível dos chefes de Estado africanos celebrada em Addis Abeba em Setembro. O princípio essencial era levar as duas partes a sentarem-se á mesa de conferência sem pessoas interpostas.

A Organização da Unidade Africana poderia ser levada, pela sua parte, a prestar o seu concurso aos interessados numa fase ulterior, no decorrer de negociações propriamente ditas.

MANIFESTAÇÃO EM LONDRES — Uma criança árabe envergando um uniforme camuflado é transportada aos ombros de um dos manifestantes que tomaram parte numa marcha de protesto contra Israel. A manifestação foi organizada pela Campanha de Solidariedade com a Palestina e os seus participantes, empunhando cartazes em que se apoiava a acção da Fatah, marcharam desde Hyde Park até á Embaixada de Israel, em Londres

Continuam por localizar os 36 tripulantes do navio partido em dois

BOSTON, 6 — (R.) — Navios de salvamento passaram a pente fino, durante a noite, mares do Atlântico, ao realizarem uma busca maciça para encontrar a popa de um petroleiro liberiano, onde, segundo se anunciou, estão 36 homens.

Contudo, decorridas mais de 12 horas depois do comandante do petroleiro «Keo», de 15 000 toneladas, comunicar que o seu barco se partira em dois, a força de salvamento não deparara com qualquer sinal da popa, embora um avião tivesse informado ter localizado a proa flutuando numa mancha de petróleo.

Nada mais se soube da tripulação do «Keo» desde as 15 e 30 horas T.M.G. de ontem, quando o comandante comunicou pela rádio que a tripulação passara para a parte da popa e que esperava que ele se mantivesse a flutuar apenas durante cerca de uma hora.

A ultima posição fornecida pelo «Keo» era a 200 quilómetros a sueste da ilha de Nantucket, ao largo da costa do Massachusetts. A área foi fustigada ontem repentinamente por um temporal, que foi acompanhado por ventos de 40 nós e intensa chuva.

Oficiais da guarda costeira disseram nesta cidade que aos barcos de socorro se juntariam ao alvorecer aviões da Força Aérea e daquela unidade.

Seis contratorpedeiros, três barcos da guarda costeira e um cargueiro britânico participam nas buscas.

Um informador da guarda costeira recusou-se a conjecturar sobre o tempo que a popa do petroleiro se poderia aguentar no mar tempestuoso. Disse que era possível que os tripulantes pudessem ter abandonado o petroleiro em baleeiras.

O «Keo» navegava da Bélgica para Nova York com uma carga de «fuel oil». Deveria ancorar amanhã.

Entretanto, a escuna americana «Whisper» enfrentava o mesmo temporal ao largo de Marion, no Massachusetts, após enviar ontem um S.O.S. comunicando que estava a afundar-se. O barco tem sete pessoas a bordo.

Travessia marítima do Atlântico em 24 horas?

LONDRES, 6 — (A. N. I.) — É de prever para breve a construção de embarcações do tipo «Hoverliner», com 15 000 toneladas de deslocamento, capazes de atravessarem o Atlântico num só dia.

Na edição do anuário «James Surface Skimmer Systems», agora publicada, calcula-se que estas embarcações entrem em operação cerca de 1980. Este barco permitirá que uma família, com o seu automóvel, atravesse o Atlântico, num só dia, por cerca de 100 dólares (menos de 3 contos). Foram já constituídas várias companhias para o aperfeiçoamento destes barcos nos Estados Unidos, no Canadá, na Inglaterra, na Alemanha e na Suécia.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

SERVIÇO DE ABASTECIMENTOS

Grupo XII — Concursos para fornecimento de artigos de expediente e impressos em 1970

Até às 17,30 horas do dia 24 do corrente, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17,30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13,30, as condições para o fornecimento em referência.

LISBOA, em 5 de Novembro de 1969.

O CHEFE DO SERVIÇO

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Tito e Boumediene salientam o valor do não-alinhamento

ARGEL, 6 — (F. P.) — «A Argélia, país não-alinhado, põe tudo em acção, ao lado de todos os países que são verdadeiramente partidários desta política, para ressuscitar a corrente dinâmica e eficaz que é o não-alinhamento», declarou ontem á noite Houari Boumediene, presidente da República argelina, num discurso que pronunciou depois do jantar oferecido em Argel em honra do presidente Josip Tito e da delegação jugoslava actualmente na Argélia.

«Os esforços que não cessamos de empregar para reforçar a política de independência nacional não se opõem de modo nenhum á política de cooperação com todos os que desejem cooperar connosco na base do interesse comum, do respeito mutuo dos regimes políticos e das experiências de cada país, segundo o princípio de não-ingerência nos assuntos dos outros», disse ainda o presidente argelino.

Na sua resposta, o presidente Tito afirmou nomeadamente que «o estado das relações internacionais suscita uma grave inquietação. As forças imperialistas e reaccionárias procuram obstinadamente parar ou demorar, por diferentes formas de pressão, pela ingerência nos assuntos internos alheios e mesmo por guerras locais, o movimento histórico irreversível da emancipação política e económica dos povos».

Quanto á política de não-alinhamento, Tito declarou: «O desenvolvimento da situação internacional sobretudo durante os ultimos anos, confirma o valor histórico da política de não-alinhamento que evoluiu como um factor cada vez mais poderoso na luta contra a política de força e contra toda a forma de hegemonia e de domínio, pela contribuição que prestou ao apaziguamento internacional».

Dois portugueses implicados no rapto de Dolan

SÃO PAULO, 6 — (A. N. I.) — São dois os portugueses implicados no rapto e morte de Patrick Dolan — anunciaram as autoridades brasileiras, que identificaram os dois homens como sendo José Rias Resende e seu filho José Daniel Dias Resende.

Os dois suspeitos foram ontem detidos em S. Roque, a 60 quilómetros de São Paulo, depois de ter sido descoberto o corpo da vítima.

A Polícia informou que o jovem, que era filho de um dos directores de uma companhia norte-americana e da sua filial no Brasil, foi raptado quando se dirigia para o liceu.

Os dois homens que, segundo a Polícia, afirmaram que precisavam de dinheiro e que tinham primeiro pensado em assaltar um banco, abandonaram a ideia porque o rapto lhes pareceu menos arriscado, ofereceram uma bolefa no dia 30 a Patrick, quando este se encontrava, como todos os dias, ás 6 e 45 na paragem do autocarro.

Ao conduzirem o rapaz para São Roque, disseram-lhe que estava a ser raptado. Pediram depois um resgate de doze mil dólares aos pais de Dolan, que lhes comunicaram que não poderiam levantar mais de metade dessa quantia, a qual lhes foi entregue.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

A casa que melhor trabalha
ANIBAL GRAVADOR
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

LANÇADA EM PARIS NOVA TRADUÇÃO DE PAÇO D'ARCOS

PARIS, 6 — (F. P.) — Um dos escritores portugueses contemporâneos mais notórios e certamente dos mais traduzidos em França, Joaquim Paço d'Arcos, encontra-se em Paris.

Veio assistir ao lançamento do seu décimo livro, traduzido em francês, «Cellule 27» (edição de «La Table Ronde»). Esta obra, que apareceu em Portugal em 1965, sob o título de «Cela 27», é de carácter político-psicológico. Conta os meses de detenção, na mesma cela, de duas prisioneiras políticas portuguesas que foram mulheres de um militante comunista. Mas é menos o tema ideológico do que o conflito de rivalidade sentimental o que constitui o enredo da obra.

Ontem á noite, durante uma «mesa-redonda» literária, Joaquim Paço d'Arcos evocou o aparecimento do seu livro, durante uma emissão da Televisão francesa.

Voltará a falar no programa de Rádio «France Culture».

Remonta a 1955 a primeira tradução francesa de uma obra de Paço d'Arcos.

Ultimamente tem-se interessado pelo Teatro e acaba de escrever uma peça, que espera ver próximamente em cena, em Lisboa.

NIXON SATISFEITO COM O PRIMEIRO ANO DE GOVERNO

WASHINGTON, 6 — (F. P.) — O presidente Richard Nixon, que festejou ontem o primeiro aniversário da sua eleição, não escondeu durante todo o dia as razões que encontra para se considerar plenamente satisfeito.

Hoje, á noite irá repousar durante três dias na sua casa de Key Biscayne, na Florida.

AS NEGOCIAÇÕES SINO-SOVIÉTICAS MARCAM PASSO?

HONG-KONG, 6 — (F. P.) — «Ainda não há progresso nas conversações sino-soviéticas acerca das fronteiras», afirma hoje o «Ta Kung Pao», jornal de Cantão que circula em Hong-Kong.

Num artigo do seu correspondente em Pequim, o jornal afirma designadamente que as conversações sino-soviéticas estão num beco sem saída, quanto ao estabelecimento de um acordo temporário para a manutenção do «statu quo» para evitar os conflitos armados e para retirar as tropas fronteiriças, acordo esse que permitiria criar as condições necessárias á negociação de um novo tratado acerca do conjunto dos problemas fronteiriços.

TUTTI MUNDI

ALMOCE OU JANTE a preços acessíveis num ambiente agradável, podendo apreciar os últimos MODELOS DA MODA para homem e senhora, de Roma, Londres e Paris.

Ar condicionado ● Aberto até às 2 da manhã

AVENIDA DE ROMA, 48 ● Tel. 71402/4

NASSER DISCURSA HOJE NA ASSEMBLEIA EGÍPCIA

ESPERA-SE DO DIRIGENTE CAIROTA UMA POSIÇÃO DURA EM RELAÇÃO AO MÉDIO ORIENTE

CAIRO, 6 — (R.) — O presidente Nasser, cujo prestígio aumentou devido á intervenção com êxito no conflito entre o Líbano e guerrilheiros árabes, pronuncia hoje o seu primeiro discurso publico em três meses.

O seu discurso na Assembleia Nacional será transmitido pela Rádio e Televisão para todo o país e julga-se provável que o presidente assuma uma linha dura quanto á crise do Médio Oriente.

Os egípcios procurarão verificar se a antiga «magia» existe ainda, pós a sua doença de dois meses e a convalescença de um ataque de gripe e de excesso de trabalho.

Esperarão, também, novas garantias do seu dirigente, de 51 anos, de que a guerra de desgaste que o Egipto escolheu como a sua arma principal contra Israel esteja a pagar dividendos.

Recrudesceu de novo a luta nos ultimos dias ao longo do Canal de Suez e ontem o Egipto comunicou que abatera um avião israelita e que enviara tropas regulares em plena luz do dia para o Sinai ocupado.

O presidente referir-se-á provávelmente a tais combates como prova de que o Egipto — dois anos e meio depois da derrota na guerra de Junho de 1967 — pode mais do que cuidar de si próprio, a despeito do imprudente voo de um avião israelita sobre o Cairo na terça-feira.

Observadores aguardam que o presidente assuma uma linha dura quanto á crise do Médio Oriente, notando que desde o seu ultimo discurso ao país, em Julho, as grandes potências não surgiram com qualquer prova tangível de que podem organizar uma solução política.

Declarações recentes de Tel-Aviv, e aquilo que é considerado nesta capital como uma tendência para o extremismo nas eleições israelitas, convenceram funcionários egípcios de que uma solução pacífica está fora de questão.

Quanto á frente interna, o presidente sublinhará provávelmente o balanço comercial de 43 milhões de libras para 1968-69, recentemente anunciado, e as receitas de petróleo cada vez mais elevadas do Egipto como prova de que a nação está no bom caminho económico.

O GENERAL MOBUTU que visita oficialmente a Bélgica, aparece na gravura ladeado pelo rei Balduino e pelo príncipe Alberto, durante a recepção que lhe foi prestada no aeroporto de Bruxelas. Trata-se da primeira visita á Bélgica de um chefe de Estado do Congo-Kinshasa, desde que este país se tornou independente

ENFORCAMENTOS EM SEUL

SEUL, 6 — (R.) — Um intelectual sul-coreano e um oficial do Exército norte-coreano condenados a pena capital por tentarem derrubar o Governo da Coreia do Sul foram hoje enforcado numa prisão desta capital, segundo comunicou a Procuradoria da República.

Os dois, Mun-Kyu Lee, de 33 anos, formado pela Universidade Nacional de Seul, e o tenente norte-ocreano Kwan-Hak Lee, de 36, foram condenados á morte em Julho pelo Supremo Tribunal por terem chefiado o Partido da Unificação Revolucionária, pró-norte-coreano.

O grupo era chefiado por Chong Ta.-Kim, executado em 10 de Julho, e fora condenado por ter visitado a capital da Coreia do Norte várias vezes a fim de receber fundos para financiar a subversão no sul.

Com as execuções de hoje eleva-se para cinco o número de coreanos do Norte acusados de espionagem enforcados este ano em Seul.

EUA: ORGANIZAÇÃO DE PROTESTOS ATÉ A GUERRA TERMINAR

WASHINGTON, 6 — (R.) — Aumentou hoje nesta capital a preocupação de que a manifestação contra a guerra no Vietnam, planeada para a próxima semana, possa transformar-se em violência.

Embora muitos críticos da guerra continuem a atacar o discurso pronunciado na segunda feira passada pelo presidente Nixon acerca do Vietnam, pareciam, também, receosos de estarem ligados com elementos militantes organizando o protesto.

A nova comissão de mobilização, organizadora da marcha de 15 de Março, declarou que reduziria de 200 000 para 70 000 o numero de pessoas que deseja que participem na marcha até á Casa Branca.

Preveniu, porém, que a possibilidade de actos de violência podia aumentar se o Governo se apegasse á sua recusa de não autorizar a realização da marcha.

Os organizadores da manifestação revelaram ainda que planeavam efectuar protestos todos os meses, aumentando-os em um dia de cada vez, até a guerra acabar.

Uma tentativa de um pequeno grupo de congressistas, adversários da guerra, de realizarem um debate sobre o Vietnam durante toda a noite fracassou ainda não tinha decorrido uma hora.

Pouco menos de 15 congressistas ocuparam a noite passada a tribuna da Câmara de Representantes, de 435 membros, para proferirem discursos. A galeria do publico encontrava-se quase vazia.

Isso contrastou acentuadamente com a sessão efectuada em 14 de Outubro — véspera do Dia da Moratória, o protesto contra a guerra no Vietnam — quando a Câmara e a galeria do publico estiveram cheias para se assistir a um debate frequentemente acalorado.

Durante a sessão de curta duração da noite passada, que se seguiu ao fecho regular da Câmara, o democrata Allard Lowenstein declarou a um interpelante republicano que uma sondagem á opinião publica da Gallup indicando uma aprovação de 77 por cento do discurso do presidente Nixon sobre o Vietnam na noite de segunda-feira, era «o género de aprovação que deriva de uma aparição na televisão e não da substância do discurso».

Acordo russo-americano sobre o Médio Oriente

(Continuação da 1.ª página)

O mesmo jornal assinala que 90 elementos palestinianos capturados nos recentes recontros com o Exército libanês foram entregues aos «fedayine», devendo estes restituir um «jeep» de que se tinham apoderado na mesma altura.

ATAQUE EGÍPCIO

CAIRO, 6 — (R.) — Um informador militar egipcio anunciou hoje que foram destruídos durante um ataque ao princípio da manhã dois tanques israelitas e um veículo blindado no extremo sul do Canal de Suez.

O informador acrescentou que foram mortos os ocupantes de uma posição israelita.

ATAQUE ISRAELITA

TEL-AVIV, 6 — (F. P.) — A aviação israelita bombardeou esta manhã durante 15 minutos as bases da Al Fatah situadas na região de Arad Al-Masra, em território jordano, anunciou um informador militar em Tel-Aviv. Esta acção foi consequência do fogo de morteiros aberto anteriormente do território jordano contra a região de Kfar Ruppin.

A artilharia jordana interveio igualmente, tendo explodido algumas granadas na própria zona do Kibbutz.

Por outro lado, violento fogo de morteiros foi aberto esta manhã do território sírio contra os «kibbutz» instalados nas colinas do Golan. Os israelitas ripostaram. Não se registaram baixas do seu lado.

Ataque a um quartel no Vietnam do Sul

SAIGÃO, 6 — (R.) — As tropas do Vietnam do Sul sofreram hoje pesadas baixas em consequência de um ataque a um quartel-general da Armada e dos fuzileiros no Delta do Mekong.

PUBLICAÇÃO APREENDIDA NA DINAMARCA

COPENHAGA, 6 — (F. P.) A Polícia dinamaquesa apreendeu ontem na tipografia o número que deveria aparecer amanhã do boletim «Politisk Revy» (Revista Política, publicado pelos)comités» dinamarqueses do Vietnam».

O dr. Soeren Soeltoft, advogado dos «comités», declarou que esta medida era devida ao facto de que o número apreendido continha revelações análogas e mesmo mais desenvolvidas ás que foram publicadas pelo boletim «solidariedade com o Vietnam».

O advogado indicou que apelaria contra esta medida perante o tribunal.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

AU-PAIRS
Informe-se.
Tel. 670834

RAUL NETO, LDA.
PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º (c/ elevador) — Esq. R. da Prata
Telefone 32 77 23 — LISBOA
SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM:
TECIDOS PARA DECORAÇÕES
ESTOFOS ★ ALCATIFAS E CARPETES

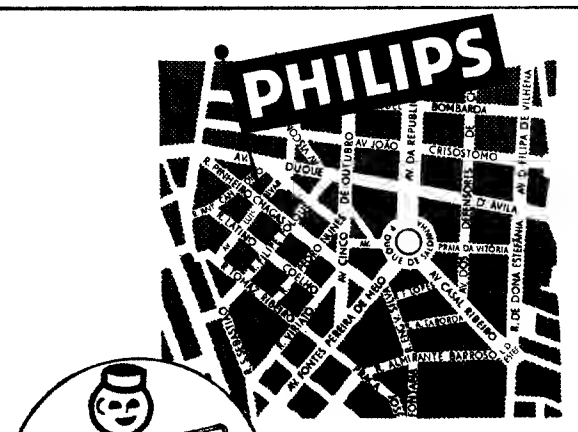
CORPORAÇÃO DE PILOTOS DO RIO E BARRA DE LISBOA

PILOTOS DA BARRA DE LISBOA

Avisam-se os interessados que a partir do próximo dia 10 do corrente os serviços desta Corporação de Pilotos passarão a funcionar na Estação do Bom Sucesso com os seguintes telefones provisórios:

Serviços de Avisos de Chegada e Entrada de Navios	—	*61 12 13*
Serviços de Requisição de Pilotos	—	*61 01 14*
Serviços de Secretaria	—	*61 20 88*
Serviços Administrativos	—	*61 20 96*

PHILIPS



CENTRO COMERCIAL DOS SERVIÇOS TÉCNICOS DA
PHILIPS PORTUGUESA
ÀS SUAS ORDENS PARA:
MONTAGEM DE AUTO-RÁDIOS
VENDA DE ACESSÓRIOS
REPARAÇÕES RÁPIDAS
AV. LUIS BIVAR 85 A • R. PINHEIRO CHAGAS 60 • TEL. 56 20 20 • LISBOA

EMPRESAS, COLÉGIOS, FÁBRICAS OU GRUPOS DESPORTIVOS
AUTOCARROS
Vendem-se 4 em bom estado. Pode facilitar-se pagamento
Trata e mostra: Av João XXI, 9-A — LISBOA

MORADIA NO AREEIRO
Construção moderna em cimento armado, composta de 3 divisões assoalhadas, cozinha, casa de banho, garagem, marquise, sótão, quintal, jardim, etc. Preço 850 contos. Servida por eléctrico, autocarro e comboio. Trata o proprietário Rua José Malhoa 8-B.

NORMA
Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas S.A.R.L.
Av. Duque de Loulé, 47 - LISBOA
DEP. PSICOLOGIA APLICADA

ÀS EMPRESAS

—NÃO PERCA TEMPO
—NÃO ESCOLHA «ÀS CEGAS» O SEU PESSOAL

SE A ESCOLHA DO EQUIPAMENTO É FEITA POR ESPECIALISTAS, COM MAIOR RAZÃO O DEVE SER A DOS HOMENS

UTILIZE A NOSSA EXPERIÊNCIA

PARA ENCONTRAR O COLABORADOR QUE LHE FAZ FALTA

A NORMA põe à sua disposição o Departamento de Psicologia Aplicada.

Quaisquer esclarecimentos podem ser prestados na morada acima referida pelo telefone 562505.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 204/69

Faz-se saber que durante o prazo de 20 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anuncio no Diário do Governo, são aceites na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Av.ª 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso publico referente á «EMPREITADA N.º 36/69 — DIVERSAS OBRAS NO QUARTEL SEDE DA 3.ª COMPANHIA NO B. S. B., AVENIDA RIO DE JANEIRO», com a base de licitação de 1.076.772$50. (Processo n.º 129/6 CP/DSTE).

O depósito provisório é de 26.920$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea a) do art.º 6.º do programa do concurso publico acima referido.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias uteis, na referida repartição, nas horas de expediente e o seu programa e caderno de encargos foram publicados no Diário Municipal n.º 10.410, de 31/10/969.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de obras publicas na I Categoria (Construção Civil) ou 1.ª Subcategoria desta Categoria. Subclasse «A» da 2.ª Classe ou superior.

A abertura das propostas realiza-se ás 10 horas no primeiro dia util que se seguir ao termo do prazo fixado neste anuncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 31 de Outubro de 1969.

O PRESIDENTE
António Vitorino França Borges

De dia ou de noite, à sua escolha, pode deslocar-se a Madrid.

Lisboa-Expresso (T. E. R.) 1.ª e 2.ª classes		HORÁRIO	Lusitânia-Expresso 1.ª e 2.ª classes	
H. M.	H. M.		H. M.	H. M.
9-45	19-40	LISBOA (Santa Apolónia)	21-30	9-20
13-05	16-33	Marvão-Beirã	1-20	5-32
13-35	16-05	Valencia de Alcantara	1-55	5-00
19-05	10-40	MADRID (Atocha)	9-15	22-00

Departamento Comercial — Publicidade

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

II PROGRAMA
ZIP-ZIP

Repete-se, a partir das 22 horas, o 20.º programa da série «Zip-Zip», transmitido do palco do Villaret, numa realização de Luís Andrade. Foi transmitido na rede nacional em 6 do mês passado e é, como se sabe, uma produção de Solnado, Cruz e Fialho.

CONVERGÊNCIA

O quinzenário de informação e divulgação literária «Convergência», coordenado por Eduíno de Jesus, será apresentado, hoje, excepcionalmente, ás 20 e 40, com o seguinte sumário:

— Samuel Beckett, prémio Nobel da Literatura de 1969, por Luís d'Oliveira Nunes;

— Mário de Sá-Carneiro na Casa da Comédia;

— Encontro com Victor Buescu;

— Rosa dos Ventos;

— Projectos para a nova época literária; e

— Crónica, por Fernanda Botelho.

VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA

Cerca das 20 e 15, Artur Agostinho apresenta aos totobolistas algumas sugestões para o próximo concurso.

«UMA GARROTA ENDIABRADA»

Realizado por Olle Hellbom, exibe-se, pelas 19 e 45, mais um episódio da série juvenil «Uma Garota Endiabrada» (Pippi Langstrumpf), com Inger Nilsson na protagonista e ainda Maria Persson (Annika) e Par Sundberg (Tommy).

Se alguém visitar a pequena Pippi, na vila Kunterbunt—uma velha casa no meio de um velho jardim abandonado — e lhe perguntarem o seu nome, a resposta será com certeza esta:

«Chamo-me Pippilotta Viktualia Rollgardina Pfefferminz Efraimstochter Langstrumpf, antigamente o terror dos mares e agora a Rainha dos Negros. Mas todos me chamam Pippi»...

Pippi Langstrumpf (Inger Nilsson), é com certeza a miúda mais sardenta e mais ruiva que algum dia se viu. E é também, agora, a criança mais popular em Portugal

Robert Stack é um dos principais intérpretes da série de aventuras «O jogo da vida» que a R. T. P. transmite todas as quintas-feiras. No episódio de hoje, vê-lo-emos a partir das 22 horas.

«O JOGO DA VIDA»:
UM GOLPE QUASE PERFEITO

Robert Stack é o principal intérprete do episódio intitulado «Um Golpe Quase Perfeito», da série de aventuras «O Jogo da Vida» («The name of the game») que preencherá totalmente o serão de hoje.

Barry Nelson, Arthur O'Connell e Lorraine Gary «um autêntico génio do crime, um ex-prisioneiro, planeia um «golpe» quase perfeito. Depois...» são os restantes intérpretes.

Michael Caffey é o realizador do episódio.

AMANHÃ — **I Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa (Física Moderna); 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «Lanterna Mágica», desenhos animados; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 30: Parada da Industria; 21: «Casei com uma feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22: Grande Plano; 22 e 30: Série policial; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 50: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de cinema: «Paixão de Marinheiro»; 23 e 50: Fecho.

canal da crítica

QUANDO, NA «TORTA», TUDO DÁ PARA O TORTO...

Meu Deus!, as coisas fabulosas que se escrevem por esse mundo! Na Catalunha, imaginem, existe um tal Henrique Barriego, grande dramatugo, autor de uma peça intitoleirada «A torta de maçã». Em Portugal existe um tal Navarro de Andrade. Os dois destinos encontram-se e o belo resultado foi o que se viu ontem na «Noite de Teatro».

Mas na Catalunha, imaginem! Uma coisa que podia ser escrita na Aldeia do Alto da Serra, onde toda a gente é inalfabeta, ou (o que vem a dar no mesmo) por qualquer dos habituais fornecedores portuguesses das noites teatrais e outras que tais. Não, não era preciso ir á Catalunha.

II

Começou tudo com uma maçã reineta já descarcada (por causa dos pesticidas) que Lygia Teles ofereceu e Mário Pereira aceitou. Depois aparece a Felicidade (que põe o menino a fazer chichi), o Ciume, a Esperança que mora ao lado. Ela, a Lygia, que na peça se chama Eva, imagina coisas do marido que, naquela altura, já é Presidente do Conselho de Administração de uma grande empresa. Perde a Felicidade e recupera-a, porque não passava tudo de imaginação.

Assim, aparentemente, tudo não passou de pura fotonovela, uma produção luso-catalã. Tudo na desgraça de ontem inculcava a origem fotonovelesca: as literatices do amor, do ciume e da felicidade, as chachadas de conversa entre marido e mulher, as situações de imobilidade quase absoluta, nitidamente fotográficas.

Aparentemente, tudo não passa de mero conflito burguês com uma senhora que só vive para o seu lar, com um marido que só vive para os negócios da sua Empresa, muito feliz porque «a maçã progride». Tudo se desenvolve num clima de abastança, cheio de vestidos caros, de «visons», de viagens de oito dias ao Algarve, etc.

Digo «aparentemente» porque, na intenção de «puro» divertimento, a nota «educativa» se insinua. O marido, por exemplo, a certa altura, afirma que como ele gosta da esposa é assim mesmo com o feitio dela: boa, meiga, umas vezes inteligente, outras vezes descontentada, apreciadora de ver montras, gulosa de batidos de morango e nada entendedora de política...

A autor da peça, Henrique Andrade Barriego Navarro entretem-se, deste modo, a escrever peças só para entreter, peças completamente «inofensivas» e que apenas podem ser comidas como a perdiz: com a mão no nariz.

III

Confesso honradamente a minha ignorancia da literatura catalã e muito em particular do seu teatro. Angel Guimerá, e pouco mais. Não estou nada habilitado a julgar do valor dramaturgico (que, para português, se tornou dramatúrgido) do tal Barriego. Dado que, acima de tudo, prezo a minha ciência de estar no mundo, hoje mesmo escrevi para a Catalunha a pedir bibliografia de tão glorioso autor que já merece ser exposto (no sentido liturgico) na Televisão Portuguesa — lá onde tantos escritores portugueses não têm acesso.

De qualquer modo, mesmo desconhecendo o Barriego, posso garantir que nunca poderia ofender tão agudamente a oralidade, a naturalidade do falar, como se praticou ontem: «A torta da maçã» não foi escrita por um dramaturgo: foi escrita por alguém completamente alheio ao serviço da secretária.

Nenhum escritor para Teatro seria capaz de pôr as personagens a dizer: «Enormes afazeres reclamam-nos»; «A senhora ajudar-nos-á»; «Um cavalheiro deseja que o receba»; etc., etc.

IV

A falta de naturalidade das palavras e das situações tornou mais difícil a tarefa dos actores — mas deve reconhecer-se que os actores não deram nenhuma saude á «torta de maçã». Ver trabalhar Lygia Teles foi uma aflição da primeira á ultima cena. A sua presença foi um manual completo de como não se deve estar, de como não se deve fazer, de como não se deve dizer. Julgámos estar diante de uma amadora (no sentido pejorativo do termo) que subitamente passasse das récitas dos Bombeiros para um palco de responsabilidade.

Mário Pereira secundou-a da maneira mais completa. Os seus trejeitos, as constantes falhas na colocação da voz, a falta absoluta da mais elementar convicção, o permanente desequilíbrio — tudo redundou numa aventura que não podia deixar de conduzir ao fracasso — e ambreou com o ridículo.

Dos outros artistas não vale a pena falar. Para seu castigo já lhes bastou ter entrado na peça.

E AGORA?

Depois de tudo isto, já não sei o que mais nos reservará o destino quanto a «noites de teatro». É que não se vislumbra o mínimo sinal de redenção. Será que, na

(Continua na página seguinte)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da Tarde — Canções do Nosso Tempo; 17 e 25: A Orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e Sonho; 19 e 45: Rádio rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 32.º Episódio do Folhetim «O Grande Industrial»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Musica, só musica; 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Orquestras e Conjuntos; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 15 e 10: Novos discos; 16 e 30: 3.º Acto da Ópera «Tristão e Isolda» (Wagner); 17 e 53: Preludio em ré bemol op. 28 n.º 15 (Chopin)—piano, Stefan Askenase; 18: Musica do Século XX — Obras de Schönberg; 19: Crítica Literária, pelo dr. João Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore Português — Musica da Beira Alta e da Beira Baixa, recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela BBC); 19 e 25: Musica de tecla; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica instrumental—Abertura «La Bella Greca» (Cimarosa); 20 e 30: Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia, sob a direcção de Friedric Wilhelm Verner; 20 e 52: Solo de piano, por Vladimir Horowitz — Presto Passionato op. 22 (Schumann); 21: Musica de câmara; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pela pianista Olga Prats, preenchida com obras de Croner de Vasconcelos, Armando José Bernardes e Lopes Graça; 22 e 18: Solo de harpa — Claire de Lune, da suite Bergamasque (Debussy), pela artista Olga Erdeli; 22 e 20: Poemas sinfónicos — O Cisne de Tuonela (Sibelius); 23: Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (Cultural MF-2)— 94,3 mc/s — Às 22 e 58; 23: Música de tecla; 23 e 30: Festival de Viena de 1969; em gravações cedidas pela Rádiodifusão austríacaa; 0 e 03: Usquequeo Domine — Salmo 12 (Delalande); 0 e 25: Pulcinela — Suite para orquestra (Stravinsky), orquestra Filarmónica de Nova Iorque, sob a direcção de Leonard Bernstein; 1: Fecho.

Rádio Universidade — 451 m— 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: A universidade e a Nação; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Momento ABC; 20 e 12: Conjuntos vocais; 20 e 30 ás 24: «Quadrante 2-9-0»; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30; Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e pastoral religiosa; 23 e 27: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.» 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Philips; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Vozes do Brasil; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Rádio Placard; 21 e 45: O arauto do verdade; 22 e 03: O santo; 22 e 15: Baile; 22 e 30: Presença Coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Canções das Américas; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: Vozes de Paris; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m— 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Orquestras e canções; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 30: Página um; 21: Variedades; 21 e 30: Toca Filipe de Brito; 21 e 45: Uma voz, um conjunto; 22: A música é boa companhia; 22 e 45: Música ligeira variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 388 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2. **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

A MELHOR APLICAÇÃO DOS SEUS CAPITAIS É EM J. PIMENTA, S. A. R. L.

Rendimento de 6 a 10% garantido por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito.

Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

PREÇO DOS APARTAMENTOS MOBILADOS

135.000$00 — 215.000$00
140.000$00 — 225.000$00
150.000$00 — 230.000$00
155.000$00 — 250.000$00
165.000$00 — 255.000$00
175.000$00 — 265.000$00
180.000$00 — 305.000$00
185.000$00 — 325.000$00
190.000$00 — 350.000$00
195.000$00 — 470.000$00
200.000$00 — 600.000$00

PREÇOS DOS ANDARES

3	assoalh.	190.000$00
3	»	200.000$00
3	»	220.000$00
4	»	300.000$00
5	»	380.000$00
6	»	440.000$00
9	»	750.000$00
12	»	880.000$00

LOCAIS ONDE POSSUIMOS ANDARES E APARTAMENTOS

REBOLEIRA-AMADORA — CENTRO DA AMADORA — VENDA NOVA-AMADORA (Junto à Garagem Eduardo Jorge) — PAÇO DE ARCOS (Espargal) — PAREDE (Rua do Lobito, à Quinta do Junqueiro) — LISBOA e CASCAIS

MORADIAS LUXUOSAS

9 DIVISÕES ASSOALHADAS, 3 CASAS DE BANHO, COZINHA, GARAGEM, QUINTAL E JARDIM MAGNIFICA VISTA DE MAR E SERRA, SITUADA NA RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO BRANCO, EM PAÇO DE ARCOS

Apartamentos em exposição: Reboleira, Amadora Paço de Arcos (Espargal), Cascais (por detrás do Hotel Baía)

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

Azulejos nacionais e estrangeiros — **Plásticos** para revestimentos de paredes e tectos Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, flores e apetrechos para jardins, encontra V. Ex.ª nos mais baixos preços, nos estabelecimentos da Organização J. Pimenta, em Amadora e Queluz, junto às estações de caminho de ferro respectivas.

Escritórios: LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15 — Tels. 45843 e 47843 QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Tels. 952021/22; AMADORA-REBOLEIRA, Tel. 933670.

A nossa organização vende mais barato e com mais garantias porque é a única do país devidamente apetrechada na indústria e comércio do ramo

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

R. T. P., ninguém repara que os tempos mudaram, que a exigência do publico, mesmo o publico mais preparado (em termos de gato) se tornou maior e mais difícil de fintar com estas telecincoletras? Ninguém reparou que é possível acordar a qualidade teatral com a relativa qualidade do publico? Que nenhum bem se traz para o Teatro nem nenhuma glória para a Televisão portuguesa com estas traficancias de mau gosto repugnante?

Será que, nas esferas responsáveis da Televisão portuguesa, se acredita que os críticos são simples máquinas de dizer mal, para satisfação de inconfessáveis desígnios ideológicos? Por outras palavras, meus senhores: acham que a «Torta de maçã» está certa para ser oferecida a três milhões de espectadores que, na sua maioria, não têm ninguém mais que lhes fale de teatro a não ser a própria televisão?

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Com o cartão

RAIL EUROP JUNIOR

os jovens com menos de 21 anos terão a redução de 25%

nas suas viagens internacionais

entre PORTUGAL-BÉLGICA-ESPANHA-FRANÇA

HOLANDA-ITÁLIA-LUXEMBURGO E SUIÇA

Informe-se nas estações e nas Agências de Viagens

CP - Departamento Comercial - Publicidade

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da 5.ª página)

feriu, contudo, ao efeito exterior (demasiado fácil e transigente) a análise interna de uma figura «O Homem da Cabeça Rapada» é, assim, um filme rigorosamente concebido, entrelaçado de pausas e silêncios, de gestos imprecisos e de olhares.

O próprio Delvaux afirma ser o filme construído fundamentalmente com base em três longas sequências e um epílogo. Govert aparece-nos primeiramente em casa, rodeado pela mulhtr e os filhos. O olhar de Delvaux inicia a descrição exaustiva do espaço: uma casa, os móveis, os objectos. Depois Govert assiste a uma cerimónia de encerramento de curso e entrega de diplomas num colégio onde é professor. Sabe-se então que vive apaixonado por uma aluna: Fram. Ao longo da cerimónia encontraremos o mesmo olhar atento aos pormenores, aos gestos, aos olhares. De um realismo exasperante, Delvaux delimita imediatamente o espaço de solidão. Curiosamente, é através desse realismo cruel que se atinge um clima de trágico lirismo, rondando o fantástico. A segunda sequência de «O Homem da Cabeça Rapada» documenta exemplarmente o que pretendemos afirmar: Govert acompanha um médico amigo a uma cidade dos arredores, onde aquele irá proceder a uma autópsia. A crueldade da narrativa atinge então o seu limite, criando uma ambiência de terror, onde a ideia da morte nunca deixa de estar presente. Temos então já definidos os temas caros ao autor: a morte, o amor, a incomunicabilidade, a loucura. A terceira sequência irá combinar estas ideias fulcrais, pondo frente a frente Govert e Fram. É interessante referir que, em «Lugos Eternos («Un Soir... Un Train»), segundo filme de Delvaux, é o mesmo o itinerário dos protagonistas: após um primeiro tempo em que se estabelecem as divergências entre Yves Montand e Anouk Aimée, será através da presença la morte que ambos se irão reencontrar e identificar, finalmente. Entre a beleza (ou o amor) tida como ideia abstracta e absoluta e a revelação da morte (com todas as consequências que dela advêm) situa-se o drama de Govert, progressivamente alienado. A sua loucura levá-lo-á, porém, á posse de uma revelação conscientemente assumida: a do seu completo falhanço, á mediocridade da sua existência, aos limites impostos á sua vida. Govert sente-se alheado de si próprio, sujeito e objecto («eu sou o outro» ou «a alienação mental como consequência de uma outra alienação, esta de características sociais, aspecto que o filme nunca deixa de ter em conta).

Obra admirável, «O Homem da Cabeça Rapada» reconduz-nos aos caminhos do cinema moderno. Filme de uma riqueza inesgotável, documenta igualmtnte um estilista profundamente preocupado com os problemas da narrativa cinematográfica. Desde o aproveitamento plástico dos enquadramentos, até ao magnífico registo sonoro (toda a banda sonora se alia, em rigor, ao realismo intransigente da imagem, criando assim uma atmosfera de agressivo onirismo), passando pela fotografia de Ghislain Cloquet e a musica de Freddy Devreese, tudo em «O Homem da Cabeça Rapada» nos fala de um cinema que se reinventa e renova, caminhando para uma maturidade de escrita e de processos que urge fazer sobressair. Evidentemente que, havendo na mesma noite, em Lisboa, duas estreias, «O Homem da Cabeça Rapada» (certamente um dos filmes mais importantes a ser estreado em 1969) não conseguiu fazer esgotar a diminuta lotação do Estudio. Á mesma hora deveria haver lotação esgotada e euforia na *première* de «O Diabo á Solta». Isto poderá querer dizer muita coisa. Mas, diga o que disser, a verdade é que o leitor não deve perder «O Homem da Cabeça Rapada», cuja estreia constitui um importantíssimo acontecimento no panorama cultural português.

Em complemento um longo e extremamente maçador documentário: «As Bicicletas de Belsize», com muitas canções e nenhum miolo. Melhor fora um Tom e Jerry...

LAURO ANTÓNIO

EMPRESA PETROLÍFERA

ADMITE

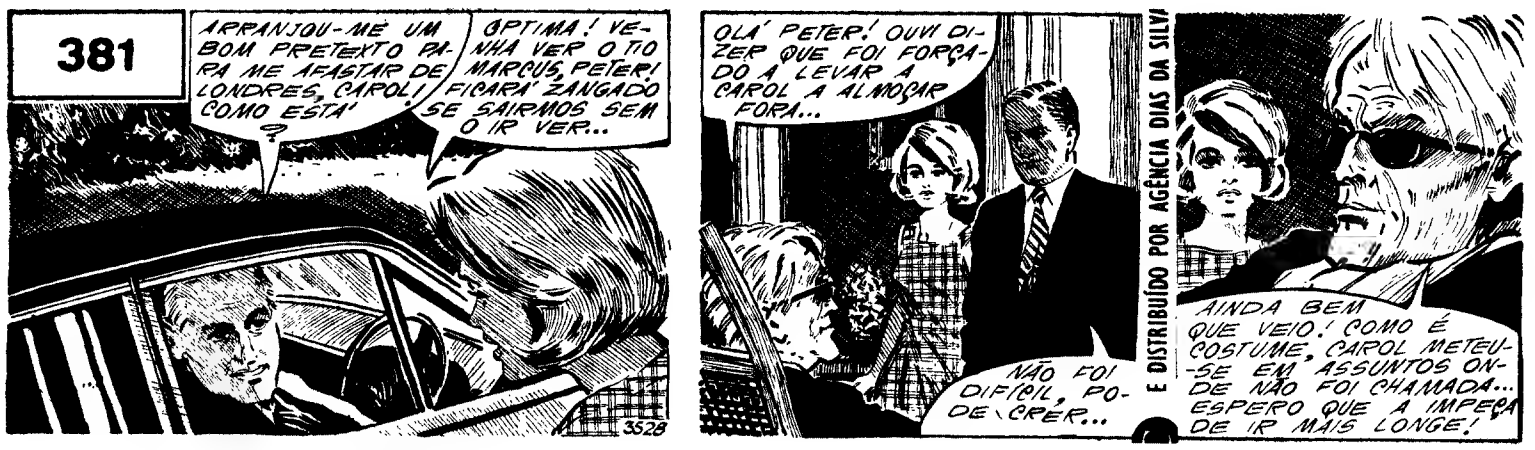
LICENCIADO EM ECONOMIA OU FINANÇAS

- **Boa remuneração inicial e rápida promoção**
- **Os candidatos deverão possuir profundos conhecimentos e experiência de Contabilidade. E ainda, conhecimentos de Informática — Análise de Sistemas e Computadores**
- **Preferências: conhecimento de inglês; idade entre 30-35 anos**

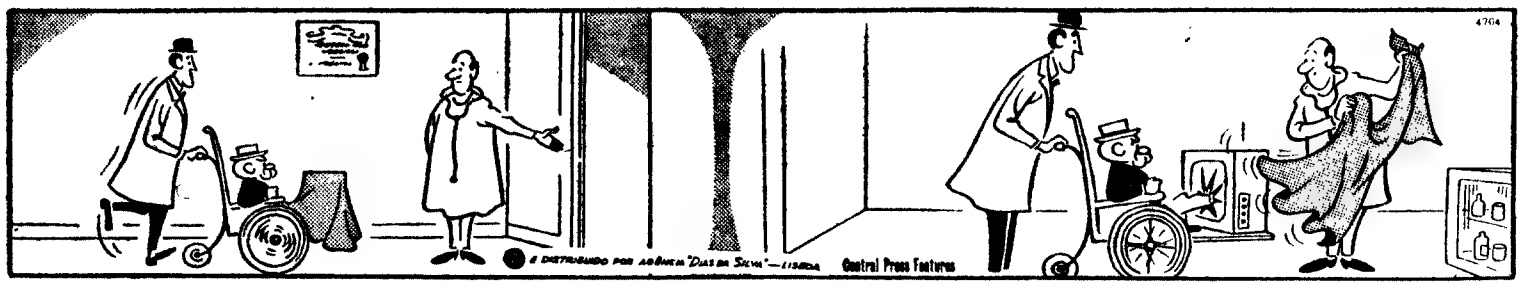
RESPOSTAS A ESTE JORNAL AO N.º 370

Os Peanuts

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 6 de Novembro de 1939 publicava:

«**ROMA — O general Queipo de Llano, numa entrevista exclusiva que concedeu ao representantes da United Press nesta capital, Reynolds Packard, manifestou a opinião de que a Alemanha vencerá a guerra. A Alemanha — acrescentou —** sair-se-á sempre bem, quer a guerra seja longa, quer de curta duração e uma coisa é certa: é que a Alemanha não será destruída nem tão pouco isto é assunto que diga respeito á guerra. (...) **Acrescentou que a guerra não é de ideologias mas com o fim de se decidir se é a Inglaterra que continuará a dirigir o mundo, como fez nos últimos dois séculos e meio, ou se é a Alemanha que terá o direito de dominar a Europa. (...)»**

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

SERVIÇO DE ABASTECIMENTOS

Grupo VII — Concurso para fornecimento de produtos para usos farmacêuticos

Até às 13 horas do dia 15 do corrente, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17,30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13,30, as condições para o fornecimento em referência.

LISBOA, em 5 de Novembro de 1969.

O CHEFE DO SERVIÇO

Palavras cruzadas

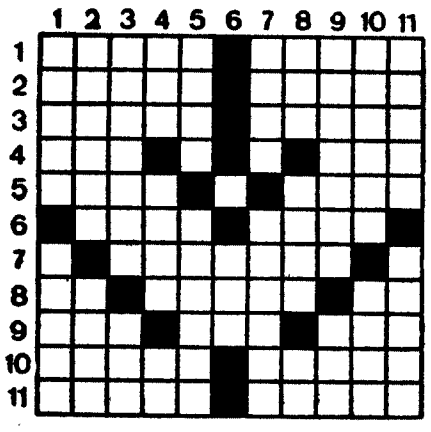
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5350

HORIZONTAIS: 1 — Aplaca. Tostam. 2 — Mencionou. Freguesia do concelho de Sátão (Viseu). 3 — Vaguear. Enfeitas. 4 — Negativa. Doutores. 5 — Prender. Falta á escola (Prov). 6 — Indivíduo pertencente a uma tribo que habitou o Pará. Cantiga. 7 — Elegantes. 8 — Pronome reflexo. Domesticado. Bário (s. q.) 9 — Pedra de altar. Rio de Portugal. Chiste. 10 — Dito mordaz. Falece. 11 — Causes amuo a. Deste modo.

VERTICAIS: 1 — Provoca. Empregada. 2 — Ladrão. Estavam. 3 — Aturdira. Sapo do Amazonas. 4 — Distrito da India Portuguesa. Mau. Preposição. 5 — Nome de mulher. Lavrados. 6 — Espaço de doze meses (Inv.º). 7 — Rio da China. Aparece ao longe. 8 — Senhor em inglês. O fruto dos cereais. Artigo definido. 9 — Investigais. Senhores. 10 — Gostaria muito de. Cidade de Itália. 11 — Multidão. Namorem.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5349

HORIZONTAIS: 1 — Coval. Froita. 2 — Apelo. Roçam. 3 — Rim. Ide. Ali. 4 — Dó. Trata. Ag. 5 — Clarear. 6 — Pé. Sãs. Ua. 7 — Iola. Gota. 8 — Suave. Casal. 9 — Pã. Io. An. Ri. 10 — Rama. Haia. 11 — Ardil. Molar.

VERTICAIS: 1 — Carda. Isara. 2 — ópio. POUPAR. 3 — VEM. Cela. MD. 4 — Al. TI. Aviai. 5 — Loiras. Ao. 6 — Darão. O. 7 — Fretes. Cá. 8 — Ro. Aa. GANHO. 9 — Oca. Ruas. Al. 10 — Tala. Ataria. 11 — Amigo. Aliar.

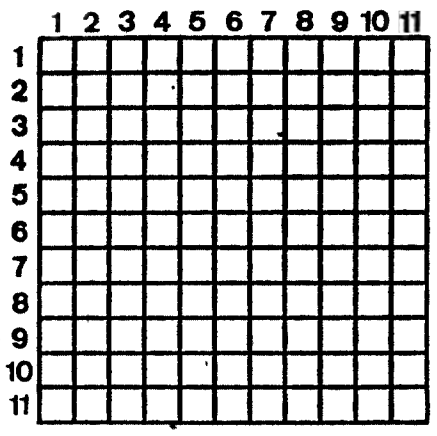
Provérbio: DO POUPAR VEM O GANHO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9193

HORIZONTAIS: 1 — Leme. Lagarta. 2 — Rio da Alemanha que nasce no Tirol. Dar mios. 3 — Dá entrada em. Ampla. 4 — Nota musical. Combater. Cidade da antiga Caldeia. 5 — Classe de tropa. Superfície plana delimitada. 6 — Preposição e artigo definido. O mesmo que uma (ant e pop). 7 — Preposição. Prefixo de privação. Batráquio. Rádio (s. q.). 8 — Produz crepitação. 9 — O espiritual. Naipe das cartas de jogar. 10 — Rezem. Rede de arrastar. 11 — Curem. Emparelhas.

VERTICAIS: 1 — Mitra do pontífice. Armaduras para a cabeça. 2 — Aguardam. Agora. 3 — Oceano. Pedra de moinho. Acreditar. 4 — Armadilha. Fio de latão. 5 — Ouro (s. q.) Circunferência. 6 — Pronome possessivo. 7 — Nota musical. Grupo de três. 8 — Estimara. Antiga cidade de Lácio. 9 — Troçar. Estrépito de desmoronamento. Clima. 10 — Percorrer sem rumo certo. Base aérea portuguesa. 11 — Ave trepadora. Tostas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9192

HORIZONTAIS: 1 — Paris. Porco. 2 — Riana. Irias. 3 — Errar. Filois. 4 — Tão Mão. 5 — Ad. Rs. 6 — Atei. Aruá. 7 — Alargar. 8 — Falar. Aoros. 9 — Ala. Aer. Ara. 10 — Neve. Ácer. 11 — Amaro. Acama.

VERTICAIS: 1 — Preta. Ufana. 2 — Alrado. Além. 3 — Raro. Talava. 4 — Ina. Péla. Er. 5 — Sara. Iara. 6 — Em. 7 — Plifa. Agar. 8 — Ani. Grão. AC. 9 — Riam. Urraca. 10 — Caiara. Orem. 11 — Ossos. Asara.

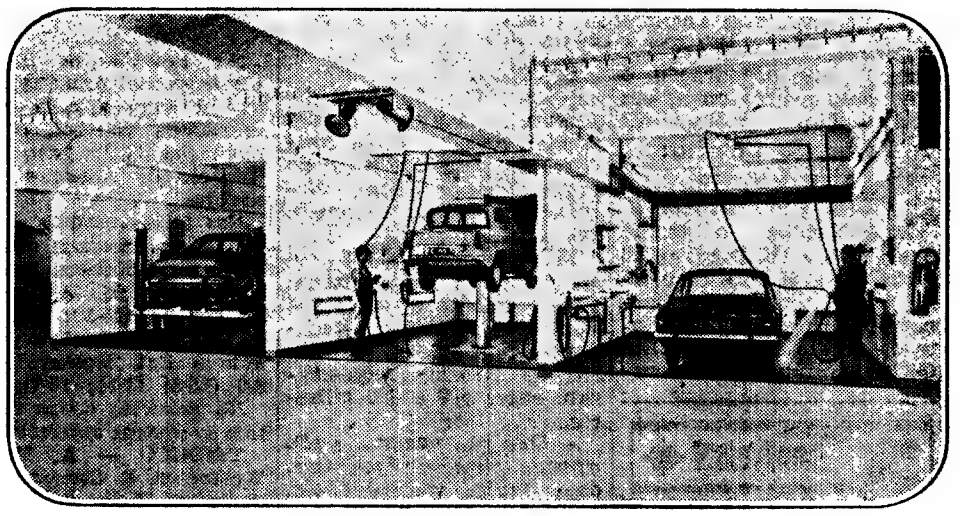
J. MENDES COELHO LDA.

CONCESSIONÁRIOS

Ford

MARCA

NOVAS INSTALAÇÕES
R. S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 122



Panorâmica dos serviços de lavagem, lubrificação, mudança de óleo e ainda da Secção especializada de alinhamento de direcção.

produtos e serviço SHELL

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

SPORTING-BENFICA: O MAIOR ESTÁ À PORTA

• QUASE 1700 CONTOS DE BILHETEIRA: TOTAL POSSÍVEL

1 652 062$50: verba máxima que a bilheteira do Sporting-Benfica (domingo, em Alvalade) pode registar. Vejamos como: 360 (lugares de camarote) a 75$00 (Esc. 27 000$00); 3024 «centrais» a 75$00 (Esc. 226 800$00); 3205 «laterais» a 52$50 (Esc. 168 262$50); 12 000 «cabeceiras» a 37$50 (Esc. 450 000$); 8000 «peões» a 22$50 (Esc. 180 000$00) e 40 000 bilhetes de «sócio», a 15$00 cada, destinados aos associados do Sporting (600 000$00). Quase 1700 contos em bilhetes, portanto. E todavia, toda a gente se queixa de que esses bilhetes mal chegaram a ser postos á venda: para o grande jogo, a lotação ficou quase esgotada logo que as bilheteiras abriram os postigos

66 589 pagantes e cerca de 4500 «borlistas» possuidores dos mais variados cartões de livre-trânsito ou privilégios para ingresso em Alvalade devem reunir-se em torno do relvado do Sporting a assistir (e a vibrar, certamente) com o embate entre «verdes» e «encarnados». Se acrescentarmos os elementos da P. S. P. e da Polícia Militar, podem prever-se 73 000 espectadores para Alvalade.

E, enquanto os dois clubes dão os ultimos retoques na sua preparação, o «mercado negro» entra em actividade...

Treino no Sporting: Nelson exercita-se com a bola, perante o olhar curioso de Lourenço. Mais atrás, Fernando Vaz dá instruções a um reservista

Fernando Cabrita: «No Benfica quase tudo O. K.»

Mal termine o treino desta tarde (lá para as 18 e 30 horas) o Benfica abala para o estágio: em Carcavelos, na estalagem «Roda do Sol». Nomes que Otto Glória convocou: J. Henriques Malta da Silva, H. Coelho, Zeca, Adolfo, Toni, Coluna, Simões, Torres, Eusébio, Diamantino, Fonseca, Humberto Fernandes, Jaime Graça, José Augusto e Artur Jorge.

— *Cruz e Jacinto* (disse-nos, hoje, o técnico Fernando Cabrita) *ainda não recuperaram totalmente das intervenções cirurgicas a que foram sujeitos. Por isso não seguem para o estágio. Os outros estão todos O.K.*

Quanto ao jogo, Cabrita é cauteloso:

— *O resultado é imprevisivel. Já vem de há muito, uma espécie de tradição: o favorito ser vencido pela equipa em pior forma. Ora neste caso há dois favoritos... Quem nos diz que não pode haver empate?*

Sorrindo:

— *Os jogos são todos diferentes. Imagina-se um plano táctico e ele é contrariado pela indisposição momentanea de um elemento-chave do esquema. Por isso...*

No respeitante a bilhetes (o problema mais crucial para o adepto do «derby») Fernando Cabrita confidencia-nos que os jogadores do Benfica requisitaram entre 500 e 600 bilhetes.

— *Que vão pagar... e são apenas para amigos que, com muita antecedência, os tinham solicitados...*

Sporting: o estágio principia hoje

Nos «leões», para além da lesão de Pedras (que afectou profundamente o normal sistema implantado por Fernando Vaz na equipa) não há outros «casos». O «plantel» disponível para o jogo com o Benfica, salvo qualquer razão de ultima hora, deve manter-se inalterável: Damos, Pedro Gomes, Alexandre Baptista, José Carlos, Hilário, José Morais, Gonçalves, Peres, Nelson, Mário, Carvalho, Celestino, Armando, Dani e Chico.

Nelson parece recuperado do entorse: lesão que não *autorizou* a sua deslocação á Suiça, com o grupo nacional. Outro regressado: Alexandre Baptista. As «mazelas» que ficaram como «rescaldo» do jogo da Póvoa de Varzim parecem estar saradas. E Gonçalves já venceu a passageira gripe.

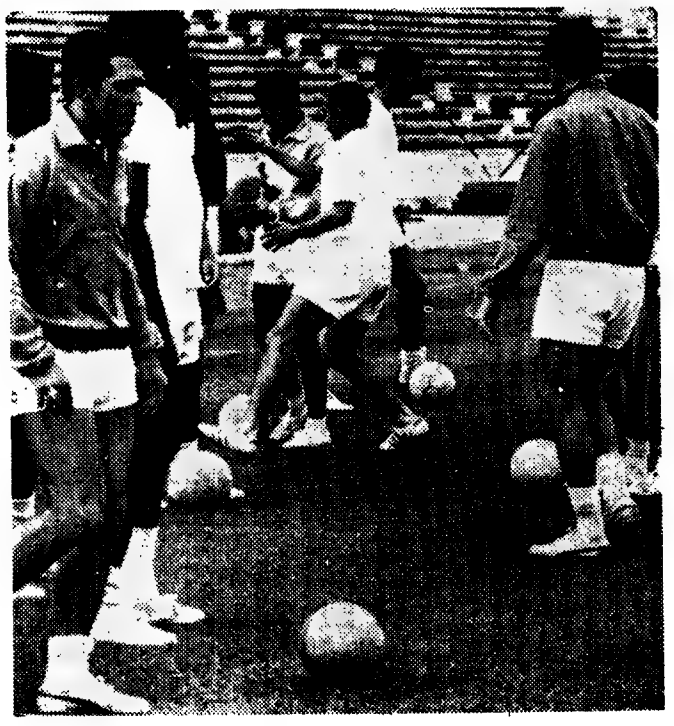
O estágio do Sporting principiará hoje, ao fim da tarde, nas instalações do Estádio de Alvalade. Fernando Vaz, porém, deve manter em concentração os nomes que indicámos, muito embora se fale no angolano Dinis como eventual suplente.

ONDE VÃO CABER?

Supondo que os 26 589 bilhetes diversos são vendidos ao público. Supondo que aparecem em Alvalade 40 000 portadores de «bilhetes de sócio», emitidos pela Federação a pedido do Sporting (que considera o próximo domingo «Dia do clube»). Supondo que aparecem no estádio cinco a seis mil utentes do direito de ingresso: os possuidores dos vários tipos de cartão de livre-trânsito passados pela F. P. F., pela Associação de Futebol de Lisboa, pela Direcção-Geral dos Desportos, pelo Sporting Clube de Portugal, pelas entidades oficiais, o problema pode resumir-se numa questão que fica aguardando resposta:

— Onde vai caber toda esta gente?

Porque (vale a pena recordar) a capacidade oficial do Estádio de Alvalade é de 42 489 espectadores...



Treino no Benfica: muitas bolas á disposição dos jogadores e José Augusto (de semblante carregado) participando na preparação técnica para o jogo de Alvalade

AUTOMOBILISMO

Efectuou-se ontem à noite o sorteio dos concorrentes à «Rampa de Monsanto»

• Registaram-se 29 inscrições referentes a 19 pilotos

No «Clube 100 à Hora» realizou-se ontem à noite o sorteio dos concorrentes à Rampa de Monsanto, prova que se realiza no próximo domingo, às 10 horas, a contar para o Campeonato Nacional de Velocidade.

O custo elevado do seguro obrigatório e ainda a inoportunidade da data terão afastado muitos dos prováveis concorrentes, deixando práticamente na luta aqueles que ainda estão interessados em discutir posições no campeonato.

Registaram-se 29 inscrições correspondendo a 19 pilotos. José Lampreia, com 6 viaturas, parece ser o mais disposto a jogar todas as suas possibilidades.

O Sorteio forneceu o seguinte resultado:

1 — Santos Mendonça (Palma V); 2 — Baptista dos Santos (Galáxia V); 3 — José Lampreia (Gordini); 4 — António Barros (Aurora V); 5 — Dino (Gordini); 6 — Raposo de Magalhães (Austin Cooper S); 7 — N. N.; 8 — Francisco Romãozinho (BMW 1600 TI); 9 — José Lampreia (BMW 2002 TI); 10 — N. N.; 11 — José Lampreia (BMW 2002); 12 — Luís Fernandes (Palma V); 14 — Manuel da Silva Parreira (Morris Cooper S); 15 — N. N.; 16 — Ernesto Neves (Palma V); 17 — Francisco Romãozinho (BMW 1600 TI); 18 — N. N.; 19 — Jorge Nascimento (BMW 2002); 20 — N. N.; 21 — Maria do Céu (Austin Cooper S); 22 — José Lampreia (BMW 1600); 23 — Alter (Morris Cooper S); 24 — N. N.; 25 — Jos Lampreia (Porsche 911); 26 — Rosário Marques (Capri); 27 — Policarpo de Brito (NSU TT S); 28 — N. N.; 29 — Bernardo Sá Nogueira (Morris Cooper S); 30 — Ernesto Neves (Ford Escont TC); 31 — N. N.; 32 — Baptista dos Santos (Imp.); 33 — José Lampreia (BMW 2002 Alpina); 35 — Luís Fernandes (Ford GT 40); 36 — N. N.; 37 — N. N.; 38 — Tony Caixinha (Gianini); 39 — N. N.; 40 — N. N.; 41 — Carlos Santos (Porsche Camera 6); 42 — Ernesto Neves (Lotus 47); 43 — Ernesto Neves (Lotus Elan);

Os treinos oficiais da Rampa de Monsanto, que começa na estrada da Pimenteira e termina junto ao restaurante, realizam-se, no sábado das 15 ás 18 horas.

VOLEIBOL

Benfica, Técnico e Sintrense vencedores no Torneio de Abertura

No Pavilhão do Estádio Universitário principiou ontem á noite a nova época oficial de voleibol, com a realização da 1.ª jornada do Torneio de Abertura para seniores.

Nas faixas centrais do pavilhão realizaram-se dois encontros simultâneos tendo o Técnico vencido o L. Ginásio por 3-1 (15-10; 9-15; 15-2; 15-7) e o Benfica derrotado o Ext. Moscavide por 3-0 (15-6; 15-11; 15-1).

No primeiro destes encontros as equipas apresentaram:

TÉCNICO — A. Mendes, Wellington, R. Carnegoso, E. Santo, C. Reis, C. Pereira, J. Carlos e A. Correia.

L. GINÁSIO — J. Azevedo, E. Sousa, A. Ribeiro, A. Jerónimo, R. Carvalho, B. Pitra ex-Benfi(ca), F. Simões, J. Passarinho (ex- CDUL)), J. Safes e Cazal-Ribeiro.

Os dois primeiros «sets» foram de certo modo equilibrados mas o Técnico acabou por impor-se e terminar em justo e fácil vencedor.

No segundo encontro as equipas formaram:

BENFICA — C. Figueiredo, J. Nogueira, V. Carvalho, J. Carlos, Moisés, Orlando e J. Magalhães.

EX. MOSCAVIDE — J. Ruivinho, C. Brilhante, F. Riça, J. Fernando, H. Silva e M. Malpique.

O triunfo do Benfica nunca esteve em causa, tendo sido apenas dificultado no «2.º set» em que os vencidos comandaram o jogo até aos 11-9.

A terminar a sessão defrontaram-se as equipas do Sintrense e da Associação Desportiva da Costa do Sol. O triunfo pertenceu naturalmente os «sintrenses» por 3-0 (15-10; 15-6; 15-2) que não tiveram qualquer dificuldade perante a inexperiente turma da Costa do Sol.

As equipas alinharam:

SINTRENSE — J. Estrela, J. Silva, E. Castro, Ângelo, José Manuel, Marcelino e A. Damião.

C. SOL — A. Filipe, R. Martins, A. Pinheiro, J. Couto, M. Peixoto, R. Farinha e Eugénio Ramos.

F. D.

A Académica derrotada em França

As campeãs de França foram senhoras absolutas do campo diante da Académica de Coimbra. Com efeito, batidas em todos os domínios, designadamente em altura, as pequenas portuguesas não conseguiram opor resistência ás jogadoras clermontinas.

Estas, embora não tenham utilizado todas as suas titulares, em particular Irene Guidotti, já venciam ao intervalo por 64 a 10. As basquetebolistas de Coimbra só haviam feito três cestos e quatro lançamentos em toda esta primeira parte.

Os melhores marcadores foram:

Clermont Ferrand — Chalazon, 26 pontos, Passemard, 26, Jojagic, 20, Prugneau, 14.

Académica de Coimbra — Cardoso, 13 pontos, Almeida, 5, Santos, 2.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ESTA NOITE NO PAVILHÃO DA AJUDA

Sporting-Real Madrid para a Taça dos Campeões Europeus de Basquetebol

Disputa-se esta noite, no Pavilhão da Ajuda, o encontro de basquetebol entre o Sporting e o Real Madrid a contar para a 1.ª «mão» da 1.ª eliminatória da Taça dos Clubes Campeões Europeus. Noite de gala terá o basquetebol com a presença dos «merengues», sendo de esperar grande afluência do público que terá assim a rara oportunidade de ver actuar uma das melhores e mais espectaculares equipas europeias, recheada de elementos que são verdadeiros «virtuoses» da modalidade.

As possibilidades do Sporting frente a tão categorizado adversário são, lógicamente, muito reduzidas, porquanto e embora a turma «leonina» seja jovem e bem estruturada essa capacidade não ultrapassa o âmbito interno de fraco nível internacional.

O Real Madrid tem no seu «palmarés», além de inúmeros campeonatos de Espanha e torneios internacionais, três títulos de campeão europeu, sendo o seu plantel constituído pelos seguintes elementos:

N.º 4 — Malne Brabender — *24 anos, 1,93 m, 5 vezes internacional «A», americano naturalizado espanhol.*

N.º 5 — Vicente Ramos — *22 anos, 1,80 m, 36 vezes internacional «A».*

N.º 6 — Cristobal Rodriguez — *20 anos, 1,99 m, 9 vezes internacional «A».*

N.º 7 — Carmelo Calerera — *19 anos, 1,84 m, internacional junior.*

N.º 8 — Vicente Paniagna — *22 anos, 1,93 m, 5 vezes internacional «A».*

N.º 9 — António Wava — *21 anos, 1,93 m, 35 vezes internacional «A».*

N.º 10 — Emiliano Rodriguez — *«capitão», 31 anos, 1,87 m, 157 vezes internacional «A». Considerado o melhor jogador europeu em 1963.*

N.º 12 — Rafael Rullan — *17 anos, 2,06 m, internacional juvenil.*

N.º 13 — Clifford Luyk — *28 anos, 2,03 m, 45 vezes internacional «A», americano naturalizado espanhol.*

N.º 14 — Bob Whitmore — *23 anos, 2,03 m, seleccionado pelo «All American» Basquetebol Year Book y Dell Sports.*

N.º 15 — Ramon Ramos — *26 anos, 1,80 m, 63 vezes internacional.*

Treinador — Pedro Ferrandiz.

«NÃO DEVÍAMOS ENTRAR NA TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS»

IDEIA DE HERMÍNIO BARRETO

O TREINADOR DE BASQUETEBOL DO SPORTING

Pedro Fernandiz é o homem que dirige o basquetebol do Real Madrid, o técnico que sob as suas ordens tem os melhores jogadores que na Europa praticam a modalidade.

Apesar dessa posição de comando num dos mais importantes clubes desportivos, Pedro Fernandiz é um homem simples e afável e por isso fácil se tornou o diálogo:

— *Tudo faremos para proporcionar ao público português um bom espectáculo de basquetebol.*

— Optimista?

— *Certamente. Sem querer menosprezar a valia do nosso adversário espero vencer o jogo desta noite.*

— E conquistar este ano mais um título europeu?

— *O Real Madrid tem equipa para isso e joga com esse objectivo. É no entanto muito difícil pois não poderemos esquecer que o Dynamo de Moscovo tem uma formação poderosíssima.*

Em contraste com a confiança do técnico espanhol, Hermínio Barreto, o treinador do Sporting é um homem resignado:

— *Não vale a pena fazermos para este encontro uma preparação especial. Logo que o sorteio nos designou o Real Madrid como adversário a passagem do Sporting pela Taça dos Campeões tem de ser episódica.*

— Pessimista?

— *Não. Apenas tenho a noção das realidades.*

— Considera benéficos estes contactos internacionais?

— *Sim, mas com equipas de valor ligeiramente superior ao nosso para que possamos ir evoluindo lentamente e não com o nosso adversário de hoje, muito mais categorizado. E digo-lhe mais: por agora não deviamos sequer entrar na Taça dos Campeões Europeus.*

Dinis, que ontem á noite foi «vedeta» em Alvalade, prepara-se para entrar na grande área do Belenenses. Rodrigues, fora do lance, segue inquieto os movimentos do adversário

EM RESERVAS: SPORTING-BELENENSES (3-0)

DINIS — ALUNO APROVADO COM MODOS DE MESTRE...

A história deste jogo divide-se em duas partes: antes e depois do «penalty» de que saiu o primeiro golo. Até então, Sporting e Belenenses se não tinham sido iguais, eram pelo menos parecidos.

Contudo, apesar da semelhança, os «leões» mostraram-se sempre mais perigosos. Aí, sim, notava-se uma diferença vincada.

Enquanto na manobra, no dar a bola, na noção de conjunto, os adversários se equilibraram durante meia hora, na altura do remate apenas os «leões» se distinguiram.

Assim, Ernesto visou um poste, aos 27 minutos, já depois de várias ameaças sérias á baliza de Serafim. Minutos volvidos, uma falta de Lomelino sobre Manue, Duarte motivou um castigo máximo, seguido da expulsão de Valter, e com o aparecimento do tento inaugural, logo acompanhado de outro, o desafio adoptou totalmente a cor local Daí para diante, os visitados tomaram conta do desafio.

Se os «azuis» colocaram sempre poucos homens nos postos dianteiros, quando reduzidos a dez elementos deixaram apenas Camolas na frente, perdido na floresta verde da defesa contrária.

Os sportinguistas passaram o buliçoso Chico para as operações frontais e Dinis, mais confiante, entrou a manifestar as suas vastas qualidades. Mesmo com o senão de ser um esquerdino autêntico, o ultramarino demonstrou então uma gama considerável de recursos. Centrou com acerto, passou na altura própria, revelou tempo de salto, desmarcou-se como deve ser e encerrou a exibição com um golo muito bom. Aluno em exame, não só mereceu aprovação unânime como ainda assinou lances com modos de mestre... Trata-se, sem dúvida, de futebolista com futuro.

A superioridade numérica reforçou a tranquilidade «leonina». Os donos do campo quase reforçavam a conta final, no momento em que um disparo forte de Orlando levou o esférico a esbarrar no poste.

Todavia, o 0-0 já estava certo. Mais golos, se traduziriam o domínio sportinguista na segunda metade e castigariam demasiado severamente a briosa turma de Belém.

Entre os vencedores, além dos mencionados Dinis e Chico, deve indicar-se o nome de Manaca, perfeitamente adaptado a defesa. Bastos e Oliveira Duarte também justificam menção honrosa.

Nos vencidos, Serrano, com um punhado de intervenções meritórias, Freitas, que se fartou de cortar jogo, Murça, a afirmar-se um excelente elemento, Serafim, uma esperança, e Canário, em vários passes aos colegas, merecem citação.

Arbitragem algo aberta. Alguns benefícios ao infractor e maior severidade para com os visitantes. Contudo, no caso da grande penalidade, cremos ter julgado bem.

●

Equipas:

SPORTING — Carvalho; Celestino, Bastos, Armando e Manaca; Dani (Orlando) e Oliveira Duarte; Chico, Ernesto (Barão), M. Duarte e Dinis.

BELENENSES — Serrano; Rodrigues (Franklim), Freitas, Lomelino e Murça; Carmo Dias e C. Serafim; Quinito (Vingílio), Camolas, Valter e Canário.

Marcadores: Celestino (37 minutos), Chico (43 m.) e Dinis (74 m.).

FRANCISCO CAMILO

ADIADO PARA 16

«RAL E CASTANHA» — OS PUBLICITÁRIOS EM PASSEIO

O Clube Português dos Publicitários propunha-se organizar no próximo domingo o seu passeio turístico anual que para ter um ar desportivo se chamará «Ral e Castanha». Todavia, dada a realização, no domingo, do desafio Sporting-Benfica e da Rampa da Serafina, decidiu-se adiar o passeio para o domingo seguinte

Festa de confraternização reservada aos sócios do clube, o «Ral e Castanha» terá concentração nas proximidades do Estádio da Luz, um passeio turístico pelas belas regiões dos arredores e, depois, na Adega da Vermelha «Cadaval) disputar-se-á um «almoço-magusto» e uma gincana-perícia (em recinto fechado).

A um acontecimento de «tamanha importância» não poderia ficar indiferentes os membros da «grande família publicitária». Assim, estão já inscritos muitos sócios e espera-se que — até ao dia 13 — mais se inscrevam ainda, na sede do clube (Praça das Águas Livres, 7, cave.

Dia do Sporting

A direcção do Sporting C. de Portugal decidiu considerar o encontro de domingo no estádio Alvalade com o Benfica como «Dia do Clube», pelo que os sócios deverão munir-se do respectivo bilhete para ingresso no campo.

TOTOBOLA

O NOSSO PALPITE

U. Tomar-Barreirense ...	1
Setúbal-Porto	1
Braga-Varzim	X
Sporting-Benfica	1
C. U. F.-Belenenses	X
Leixões-Académica	X
Vizela-Tirsense	2
Marinhense-Sanjoanense	2
Penafiel-T. Novas	2
Luso-Portimonense	2
Torriense-Peniche	1
Sesimbra-Oriental	X
Lusitano-Tramagal	2

Acontecimentos DE ONTEM

ANDEBOL

Resultados dos encontros do torneio quadrangular de andebol organizado pelo Atlético do Camarão: Belenenses-At. do Camarão, 18-8; Sporting-Atlético, 17-4. Na final o Sporting venceu o Belenenses por 11-9.

BILHAR

Prosseguiu ontem o Campeonato de Lisboa de Bilhar, 1.ª categoria ás três tabelas. Os resultados apurados foram:

Cardoso Pereira, 60-99-5 — Vladimiro Monteiro, 58-99-5; Júlio Barbedo, 100-75-5 — Joaquim Silveiro, 29-75-2; e Polido Garcia, 60-95-4 — Julio Barbado, 55-94-6.

TÉNIS DE MESA

Resultados apurados ontem nos encontros correspondentes á 5.ª eliminatória da Taça «Diário Popular» para seniores:

Mirantense-B-Benfica-B, 3-1; C. Católico-A-E. Amadora-A, 3-1; Belenenses-A-D. Operário-D, 3-0; Benfica-A-Mirantense-A, 3-0; Combatentes-A-Mirantense-C, 3-2; e P. Arcos-A-Sporting, 0-3.

Foram eliminados:

Mirantense-A e C. Estrela da Amadora-A, P. Arcos-A, G. D. Operário-D e Arroios. Com uma derrota: Combatentes-A, Mirantense-B, Belenenses-A, Benfica-B e C. Católico-B. Invictos: Sporting, Benfica-A e C. Católico-A. O sorteio da sexta eliminatória realiza-se, hoje, ás 22 horas.

Para a quarta eliminatória da Taça «Diário de Lisboa» para infantis foram os seguintes os resultados apurados:

Belenenses-R - Apolo-B, 3-0; R. Apolo-A-S. L. Águias, 0-3; e Combatentes-G. I. P. A., 3-2.

O G. I. P. A. foi eliminado por ter averbado a segunda derrota.

A POSSIBILIDADE DA INSTALAÇÃO EM COIMBRA DA SEDE DAS EMPRESAS DA REDE ELÉCTRICA

— UM DOS TEMAS ABORDADOS NA REUNIÃO DA CÂMARA

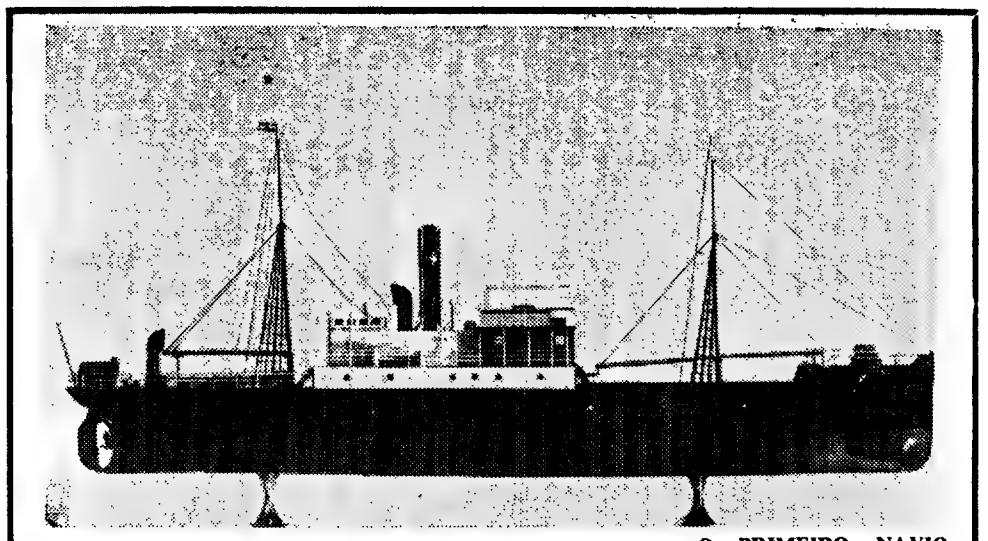
Na reunião da Câmara Municipal, ontem efectuada, o vereador dr. Viriato Namora abordou novamente o tema da localização da sede das empresas, ou melhor, da nova empresa que nasceu da fusão das companhias fornecedoras de energia eléctrica. Na sua última intervenção, solicitou que essa sede fosse instalada nesta cidade. Segundo a sua comunicação, não se deve considerar prejudicada definitivamente a tese da instalação da sede em Coimbra, antes há que insistir, tanto mais que o distrito de Coimbra está em oscilação demográfica negativa, enquanto Lisboa e Porto e as suas zonas de influência têm oscilação positiva. Depois de afirmar que não acreditava que sobre a cidade pairasse a nuvem da decadência, aquele vereador admitiu, no entanto, que, sem planos e acção conveniente estabelecida, com o aproveitamento de todas as hipóteses positivas de progresso, sem a defesa do que já existe, o futuro da região ficará comprometido.

Disse depois, defender a colocação da sede da nova empresa nesta cidade, não só pelo que já afirmara na última sessão, mas ainda porque: 1) A instalação da sede tem valor relativo incomparàvelmente mais elevado para Coimbra do que para o Porto; 2) Coimbra é centro geográfico e um dos maiores nós de distribuição de electricidade; 3) A empresa vai explorar o Mondego. Assim, o dr. Viriato Namora julga estas razões mais do que suficientes. Coimbra — afirmou «quer progredir e a sede da empresa significa progresso». Terminou por sugerir uma representação das forças vivas da cidade, para se conseguir o fim em vista.

Em resposta, o presidente do Município, eng.º Araújo Vieira, referiu que a sede de três das cinco empresas (Douro, Cávado e Termoeléctrica) se encontravam no Porto e que a CNE tem ali também grandes instalações. Daí a tendência natural para a instalação da sede da nova empresa na capital do Norte, e os enormes obstáculos que se levantam para a sua colocação noutro local. No entanto, a Câmara não poderá ficar indiferente — segundo afirmou o eng.º Araújo Vieira — a esta decisão e assim tudo será tentado no sentido de uma valorização da cidade.

O presidente do Município em resposta a várias perguntas feitas pelo vereador dr. Viriato Namora, asseverou que o atraso das obras do campo de aviação foi motivado pela falta de mão-de-obra e que a pouca que há está a ser utilizada em outras obras da cidade que têm prioridade. Em relação á Avenida Central, disse que o anteprojecto deve estar pronto em Janeiro próximo e que, entretanto, vai ser feita a terraplenagem da parte já demolida para a instalação de um parque de estacionamento de automóveis provisório. Finalmente, quanto á P. da República, o presidente da edilidade afirmou que o caderno de encargos para a utilização do subsolo daquele local da cidade está quase concluído.

Na reunião foram aprovados vários melhoramentos efectuados nas freguesias rurais e concedidos subsídios a juntas de freguesia.



O PRIMEIRO NAVIO DA SOCIEDADE GERAL — A Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes, que, este ano, comemora o seu 50.º aniversário, teve a amabilidade de oferecer ao nosso director, dr António Pedro Ruella Ramos, o modelo do seu primeiro navio a vapor, que navegou sob a lesignação de «Lisboa». Este barco de carga de 413.95 toneladas, tinha dois mastros e uma tripulação de onze a treze homens. Registado, em 1912, na Capitania do Porto de Lisboa, foi desmantelado em Novembro de 1929, sendo a sua máquina e caldeira transferidas para o rebocador «Estoril»

A LINHA FÉRREA DO VALE DO VOUGA

(Continuação da 11.ª página)

Actualmente, em função de objectivos indefinidos, a ordem de certas coisas com utilidade pública já não se destrói à bomba porque é feio e assusta.

Actualmente é mais cómodo, bonito e lucrativo, destruir-se — mesmo aquilo que à existência humana proporciona grande soma de afectos e alegrias — pela força da caneta bem manejada ou pelo vigor da palavra habilidosa e eloquente.

Por consequência, deduzindo, parece-me que nada há a fazer para a salvação do Vale do Vouga, desse «Vale das Voltas», que já constitui, sem exageros de simpatia e sem subjectivas distorções regionalistas, um autêntico património pictórico rolante da terra lusa, uma autêntica relíquia sentimental das Beiras (1).

Haverá salvação? Não haverá? Se não houver, paciência; que assim seja. Curvemo-nos todos... e cumpram-se os fados! E talvez — quem sabe, sr. redactor? — as coisas assim postas estejam muito bem, em especial para muita gente de bens...

O que é de lamentar é que só agora, depois de tantos anos ao activo, por falta de uma larga e sólida preocupação pelas consequências que o futuro acarreta — não sei se por incúria propositada — se viu que tudo «aquilo», quer sob o ponto de vista estritamente utilitário, quer sob o ponto de vista turístico, não presta, para nada! Há que arrasá-la, e nada mais!

*

Talvez não seja mau de todo que se acrescente, como achega psicológica à vesânia destruidora: Essa via está atacada de escorbuto poético e de anti-patriótica pelintrice, como daninho escalracho incrustado no corpo da Nação? Entoe-se um «De profundis» e nada de contemplações! Vai toda de bota-abaixo! Destrua-se essa absoleta, incómoda e ferrugenta linha, sem mais tir-te nem guar-te, sem demorado e cuidadoso plebiscito nacional ou sem uma simples consulta às populações que já a conhecem de gingeira há tantos anos! Que se trambiquem as regiões onde ela ainda vai dando serventias!

E já agora, aproveitando a deixa, por princípios de espiral coerência, propunhamos que se alargue a fúria destrutiva. Arrase-se tudo o que em Portugal tenha de parentesco com ela, tudo o que nos transporte ao sentimento telurista de sertanejas formosuras mas que pecam pelo seu baixo poder rentável. Destroce-se, ainda que seja só por incomodidade, tudo o que nos conduza à poética contemplação das paisagens paradisíacas mas que estão desclassificadas por suas pobrezas franciscanas. Acabe-se de uma vez para sempre, sem dó nem piedade, com todos os meios transbordantes de caruncho que nos levam ao romântico dos nossos acidentes topográficos, às típicas belezas naturais que nos deslumbram, mas que, no final das contas, só servem economias de mandar cantar os cegos.

Em que nos vale a generosa criação de condições que nos aproximam das flores e da maravilhosa perspectiva das paisagens numa época de argentários, cuja preocupação fundamental é forjar cérebros rombos, insensíveis e embotados?

Portanto, profane-se o sentimentalismo e que se lixe a poesia! Se isto ou aquilo dá dinheiro, é bom; se não dá, não presta! Por conseguinte, dobre-se a finados e que vá à fava o Vale do Vouga!

*

A exemplo do que intencionalmente foi exposto nesse Colóquio, imagine-se o bom e o bonito que vai ser lá por fora, na estranja, se este estilo de moléstia mental pega de estaca. Sem remédio, lá irão por água abaixo as gôndolas de Veneza — essa antiquada quinquilharia flutuante. Como elas, não escaparão à fúria demolidora os típicos carros de bois da Ilha da Madeira, os característicos moinhos de vento da Holanda, o estilo arquitectónico medieval de algumas urbes germânicas, as troicas russas, os trenós dos lapões, etc., etc.

E quem sabe lá os benefícios que essas medidas diluvianas darão à Humanidade? Quem sabe, afinal, seguindo a moderna concepção dos funcionais utilitarismos arrasa-montanhas, subordinada a um óptimo calculismo de negócios, se é esta a melhor maneira de sermos grandes portugueses e grandes europeus, desapegando-nos todos dos folclóricos tradicionalismos naturais e nos atolemos até ao pescoço, um tanto ou quanto à americana, no dourado lodaçal dos biliões?

Nada de desvios, portanto, do prisma demolidor e que não sobre ponta de misericórdia! Enfim, arrase-se tudo o que nos proporciona devaneios espirituais e dê realce à nossa característica emotividade, como latinos e como ibéricos principalmente!

Arrocho e camartelo!

*

Em todo o caso apetece-me perguntar, sem saudosismos nem caturrices: O movimento de passageiros e das mercadorias do Vale do Vouga foi sempre assim fraco, sem justa compensação? Ou é só agora que tal sucede? De qualquer modo, se assim é estamos na presença de um círculo vicioso: os seus comboios não se renovam nem actualizam porque não rendem e não rendem porque não se renovam nem actualizam.

É, sem tirar nem pôr, um autêntico critério de estática cepa-torta.

Há uns cinquenta anos, quando se construiu o Vale do Vouga, a população portuguesa continental orçava pelos seis milhões, pouco mais ou menos. De então para cá houve um acrescente demográfico de uns três milhões bem puxados.

É claro que este aumento populacional analisado nos seus aspectos mais ligeiros, sem levar em conta algumas das suas próprias características negativas, acabar-se-ia por falsear a interpretação exacta dos objectivos em causa e deformar inconscientemente a realidade dos factos nas coordenadas virtuais do seu próprio acréscimo.

Em paralelo a sociedade evolui bastante e transformou muitos dos seus hábitos, sobretudo na maneira de se deslocar e de ser transportada. Ante a imperiosa necessidade de aceleração intercambial de pessoas e de bens de consumo para todos os fins, melhoraram-se as estradas e, consequentemente, houve aumento de tráfego rodoviário concorrente e desvantajoso para o movimento ferroviário; mas não de tanta monta que pusesse em perigo a sua existência por completo.

Em contrapartida, por compensação, surgiram também outros factores criados pela civilização que em muito beneficiaram financeiramente não só as empresas de viagens como as companhias de caminhos-de-ferro, embora estas em menor escala.

Nesses tempos, por hábitos ancestrais e dificuldades de acesso, independentemente das suas posses, muitíssima gente — a rural, na maioria — fazia por norma grandes percursos a pé. Hoje, dadas as facilidades transportativas, as incidências psicológicas e as condições materiais da vida social, intensificou-se a circulação e já ninguém se sente disposto (afora os peregrinos de Fátima) a palmilhar o mísero percurso de uma légua.

Nada disto pesa na balança dos acontecimentos? Nem mesmo este argumento — «*ultima ratio*» — nada representa nem dá direito a qualquer ângulo de ponderação? Nem mesmo assim será possível manter — já renovada e actualizada, bem entendido — a linha do Vale do Vouga?

Pelos vistos que não. Pelos vistos, parece que só um destino lhe resta: — o destino da sua destruição implacável ta, como um leijão sem acerto na terapêutica, como um gafo sem cura; tal como um condenado à morte, como um cancro sem remédio na vida nacional.

*

Repisando, volto a insistir como um cáustico: Doente como se encontra, destrua-se essa malfadada ferrovia do Vouga! Que vá fazer monte no ferro-velho — porque certamente nenhum museu a aceita — esse arremedo de combóio, essa cangada de caranguejolas — inimigo número um dos intestinos dos passageiros — arrastadas por incendiárias e fedorentas maquinetas, as quais, muito a custo, lá vão serpenteando as curvas e contracurvas dos alcantilados montes das Beiras!

Pensar em conservá-la, saber se dela resultam benefícios directos ou indirectos para o País, inquirir se tem sido boa ou má a sua administração, para quê? Pensar em recompô-la, corrigindo, se necessário for, o seu traçado em razão das passagens de nível desactualizadas, e melhorando o seu material circulante; electrificá-la e modernizá-la de modo a proporcionar o máximo conforto aos utentes, servindo ao mesmo tempo os elevados desígnios do turismo português, para quê? Enfim, transformá-la em atraente chamariz e não em repulsivo espantalho, que interessa? Não é socialmente rentável de acordo com determinados cálculos colectivos ou particulares? Não dará, depois de recomposta, coroas choudas, astronómicas, de acordo com certo esquema de interesses? Dará? Não dará? Não importa. O que é preciso é decepá-la completamente, ministrar-lhe a extrema-unção e enterrá-la no cemitério da sucata!

*

No entanto, cá por mim, embora o diga amarguradamente, achava que era bem melhor — em benefício do turismo lusitano e da nossa tranquilidade espiritual, e até para liquidação do nosso crónico subdesenvolvimento — que se decepasse, não o Vale do Vouga, mas sim o daltonismo cerebral de certos portugueses!

UM VOUZELENSE

(1) *É inegável que essa «D. Elvira» ferroviária já está enraizada carinhosamente na alma daquelas populações ribeirinhas e montanhesas. Bem o demonstra esta quadra — a única que me lembra — extraída do vasto cancioneiro que lhe tributou a simpatia popular:*

— Olha o Vouga entre ver-
[duras,
Como vai devagarinho...
Parece que vai pasmado
Por ver tão lindo caminho.

ALMOÇO REGIONAL NA CASA DE TRÁS-OS-MONTES

A Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, com sede na Rua da Misericórdia, 20, 2.º, realiza no sábado, mais um almoço de confraternização para os seus sócios e para todos os que apreciam a boa cozinha transmontana.

O almoço, cujos lucros se destinam a fins de beneficência, tem a seguinte ementa: sopa regional, alheiras de Bragança, Chaves e Mirandela, com batatas e grelos; pastéis de Chaves com arroz e salada; pão de centeio e de trigo; fruta; vinhos regionais; café e bagaceira.

A inscrição (50 escudos por pessoa) pode ser feita até amanhã ás 21 horas, na sede daquela casa regional que tem o telefone 324093.

Também com fins de beneficência, a Casa de Trás-os-Montes continua a promover bailes aos sábados, das 18 horas até de madrugada, com a colaboração do seu conjunto privativo constituído por estudantes transmontanos.

Casa do Pessoal da Mobil

No decorrer de um jantar que se realiza esta noite, nas suas instalações á Rua das Chagas, n.º 20, r/c, a Casa do Pessoal da Mobil presta homenagem a todos aqueles que têm colaborado nas suas realizações culturais, recreativas e desportivas. Serão distinguidos não só os associados que habitualmente colaboram naquelas manifestações como também outras individualidades do nosso meio cultural e artístico.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província de Moçambique o soldado n.º 17117068, David Duque Chaves, natural de Pisão Cimeiro (Sardoal), filho de José Chaves e Maria Rosa Duque; e na província de Angola o soldado n.º 61350068, Amílcar João Fernandes Sampaio, do recrutamento local, natural de Carrazeda de Anciães, filho de Anídio Sampaio e Ilda de Jesus Sampaio.

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE

(M. 12 anos) Tel. 54153
Às 15.00, 18.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
Um filme superior
A BATALHA DE INGLATERRA
com **Laurence Olivier, Michael Redgrave, Trevor Howard, Curt Jurgens, Christopher Plummer** e **Susannah York**

VOX

(M. 21 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
16.ª SEMANA DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade)
Comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade quando haja dúvida da avaliação da idade.

EDEN

(Adultos Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
A violência americana transferida para a Europa! Roma como Chicago
GANGSTERS EM ROMA
com **John Cassavetes** e **Gabriele Fersetti**

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 h. da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
4.ª SEMANA
O filme que obteve 2 PRÉMIOS DA ACADEMIA com **PETER O'TOOLE** e **Katharine Hepburn**
O LEÃO NO INVERNO

POLITEAMA

(Adultos) Tel. 326305
HOJE, ÀS 21.30
UM ÊXITO QUE VOLTA MAIS SENSACIONAL
ESCÂNDALO AO SOL
com **Richard Egan, Sandra Dee e Troy Donahue**
TECHNICOLOR
AVISO: O filme começa a exibir-se às 21.55. **AMANHÃ,** a primeira «matinée» inicia-se às 15 horas
HOJE, Às 18.30 (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

CHIADO TERRASSE

(M 17 anos) Às 15 e 21 h.
FUNNY CIRL UMA RAPARIGA ENDIABRADA

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EXCEPCIONAL ÊXITO com **MILÚ** e **CALVÁRIO**
O DIABO ERA OUTRO
com Nicolau Breyner, Julieta Castelo, Fernanda Borsatti e Armando Cortês
Fados por **HERMÍNIA**
Canções de **JOÃO NOBRE**
UMA COMÉDIA MUSICAL, ALEGRE E DE MISTÉRIO
Eastmancolor

ESTÚDIO 444

(Adultos Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
Um tema altamente ousado!
DESEJO PERVERSO
com **Lisa Gastoni** e **Lou Castel**

ROMA

(Adultos Tel. 727778
Às 21.45
EM 2.ª SEMANA
Elas, os maridos e os rivais numa história de pecadilhos!
NOITES DE OUTROS TEMPOS
com **Vitorio Gassman** e **Gina Lollobrigida**
Technicolor — Techniscope

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.15 e 21.45
5.ª SEMANA
Finalmente em Portugal o famoso filme com **Gary Cooper** e **Ingrid Bergman**
POR QUEM OS SINOS DOBRAM
Inspirado no célebre romance de **Ernest Hemingway**
Metro — Estação Picoas

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 21.45
EM 2.ª SEMANA
Um festival de belas canções no cenário maravilhoso do Brasil
QUIMERA
com **Gianni Morandi** e **Laura Efrikian**

LIZ

(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
BARBARELLA
O MEU FUNERAL EM BERLIM

SÃO LUIZ

(M 12 anos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Franscope — Color
4.ª SEMANA
O CÉREBRO
com **David Niven, Bourvil, Silvia Monti, Jean Paul Belmondo** e **Eli Wallach**

ALVALADE

M 12 anos Tel 763080
Às 15.45 e 21.45
Franscope — Color
4.ª SEMANA
O CÉREBRO
com **David Niven, Bourvil, Silvia Monti, Jean Paul Belmondo** e **Eli Wallach**

MONUMENTAL

Adultos Tel 555131
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
OS LOUCOS DO AMOR
c/ Jack Lemmon e Catherine Deneuve
No programa: **RIBATEJO EM FESTA — Real de Francisco Saafeld**

QUINZENA OBRAS-PRIMAS
Amanhã — Adultos 18.30 h.
À QUEIMA-ROUPA, de **John Boorman,** com **Lee Marvin** e **Angie Dickinson**
Próx. Quinzena: **Terror** (início a 9 Novembro)

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
4.ª SEMANA
Em toda a grandeza e esplendor 70 mm
Espectáculo incomparável
KRAKATOA — A LESTE DE JAVA

LIDO

Praça D. João I — AMADORA
Às 21.30 h (M. 17 anos)
Um filme de ROMAN POLANSKI com a malograda artista SHARON TATE
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO

IMPERIAL

(Adultos Tel 45933
Às 21 horas
O ÚLTIMO TRUNFO
A ESTRANHA CONDESSA

RESTELO

(M 12 anos) Tel 610375
Às 21.30
O ÁS DO PEDAL
com **Bourvil** e **Robert Hirsch**

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
Um filme de **John Frankenheimer**
Alan Bates, Dirk Bogarde e **Elizabeth Hartman** em
O HOMEM DE KIEV
(METROCOLOR)

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima várias vezes premiada de **André Delvaux**
O HOMEM DA CABEÇA RAPADA

CONDES

(Adultos) Tel 322523 326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Nathalie Delon e Renaud Verley
2.ª SEMANA
O amor e o sexo.. Uma mulher e um jovem!
A LIÇÃO PARTICULAR
com **Robert Hossein**
VERSÃO INTEGRAL

CASINO ESTORIL

(M 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30 h.
CARNE DA MINHA CARNE
com **Troy Donahue** e **Connie Stevens**

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo» (12 anos).

TEATROS

VILLARET — Às 21 e 45: «Amor ás Riscas» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Espertezo Saloia» (17 anos)
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «Dança da morte» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Tombo no Inferno» (17 anos).
GIL VICENTE—Às 22 e 30: «Oração e dois verdugos de Arrabal»
CASA DA COMÉDIA — Às 22 h.: «A dança da morte» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Eno, já fala» (17 anos).

CINEMAS

MOSCAVIDE — Às 21: «O Superagente Flint» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Os 3 Super-Homens em Tóquio» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21: «Ringo, herói do Texas» (12 anos).
ARCO-IRIS — «O prazer de matar» (12 anos)
PROMOTORA — Às 21: «O correio vai á guerra» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «A bolsa ou a vida» (17 anos)
SALÃO LISBOA — Às 9 h.: «Currito de La Cruz» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «O numero do amor» (17 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21: «Ataque á muralha do Atlântico» (12 anos).
JARDIM—Às 21 h: «Vera Cruz» (17 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21 h: «Hércules contra Roma» (12 (12 anos).
ENCARNAÇÃO—Às 21 h.: «2001», odisseia no espaço» (12 anos).
CAMPOLIDE — Às 21 h.: «A flor á beira do pântano» (17 anos).
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «Mat-Helm não perdoa» (17 anos).
BOMB VOL. LOURES — Às 21 e 30: «Um perigo em cada curva» (7 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O preço de cinco jogadores» (12 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O Palácio maldito» e «A minha profissão é matar» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Carne da minha carne» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A rapariga da pistola» (17 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Raparigas modernas» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Tom Dollar» e «Roubo no Metropolitano» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «7 pistolas magníficas» e «A revolta de um covarde» (12 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «A noiva estava de luto» e «Águias no Pacífico» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Amor e corridas» (12 anos)
SINTRA — SINTRA CINEMA — Às 21 e 15: «O desafio das águias» (12 anos

● Outra banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «100 armas ao sol» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «A canção de Lisboa» (12 anos).

VIDA MUSICAL

Actividade da Pró-Arte

Para inaugurar a sua nova temporada musical em Braga, a Pró-Arte realiza hoje, nesta cidade, um concerto em que colaboram as professoras do Conservatório Lídia de Carvalho (violino) e Maria Helena Matos (piano).

A delegação da Pró-Arte em S. João da Madeira inicia a nova temporada amanhã com um concerto em que colaboram as professoras Lídia de Carvalho e Helena Matos.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
E. da Tore - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M 5 anos

NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.as-feiras)
(Maiores de 15 anos)

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
(M 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D (à Av. Duque de Loulé)

RESTAURANTE
CHURRASCO
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.
Rua das Portas St.º Antão, 83
Telef. 323059

CHOUPAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa - Turno B

AJUDA — **Lopes Ribeiro,** R. do Cruzeiro, 7 (633288) ✻ **Boa Hora,** R. dos Quartéis, 5-A (637771)
ALCÂNTARA — Lisbonense, Rua Leão de Oliveira 2-B (637020)
ALVALADE — **Alvalade** Av. da Igreja, 8-A (712070) ✻ **Ideal,** Av. Almirante Gago Coutinho 49-A (712803 ✻ **Paris,** R. Reinaldo Ferreira, 4-A B, Av. Pote d'Água (7 0 3
AREEIRO — **Vera Cruz** — Av. António Peixoto 2-B (á Av. João de Deus (72494) ✻ **Onilda,** Av. João XXI, 3-A (726848) ✻ **Gasparinho,** Rua Dr. Gama Barros 54-A (7 0465)
ARROIOS — **Oriental de Lisboa** R. Arroios, 2 5 (45079
AVENIDAS NOVAS — **Miranda,** Campo Pequeno 36-B-C (junto à Av. Duque de Ávila (770776) ✻ **Cosmos,** Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) ✻ **Sagres** Aven. Luís Bivar 69-A (472 3 ✻ **Correia de Almeida,** Av. Fontes Pereira de Melo 2 B-C (47385)
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — **Nobel,** R. Actor Vale, 53 (junto á Fonte Monumental, ao Sul) (842 52)
BAIRRO ALTO — **Labor,** R. Diário de Notícias, 8 (323428)
BAIRRO DAS COLÓNIAS — **Colonial,** R. Forno do Tijolo 40 (84 22).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira,** P. das Casas Novas 66 (3 0 72)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — **Romana.** Rua B 1, à R. Marquês de Olhão, (383800)
BAIXA — **Estácio,** Pr. D. Pedro IV, 60-63 (327067-324224) ✻ **Morão,** R. da Assunção 7-9 (321289)
BENFICA — **Benfica,** Estrada de Benfica, 678-E (702532) ✻ **Sousa,** Est. de Benfica 429-431 (780027)
CAMPO DE OURIQUE — **Porfírio** R. Franc. Metrass, 59 (663349)
CAMPO GRANDE — **Neoterapia,** Campo Grande, 138 (774682)
CAMPOLIDE — **Central de Campolide,** R. General Taborda, 17 (680304) ✻ **Ivone, Lda.,** Rua Silva Carvalho, 282-C (650760)
CARNIDE — **Leal de Matos,** Rua Neves Costa, 33-35 (780 8)
CONDE DE REDONDO — **Jaime José da Costa,** R. Conde de Redondo, 68-72 (54342).
ESTEFÂNIA — **Universal,** R. Actor Taborda, 5-7 (44158)
ESTRELA — **Paivas & Parente,** R. de Santo António à Estrela (849448).
MOSCAVIDE — **Santa Bárbara** — Rua Francisco Marques Beato, 45-A (Tel 251234) 96-98 (665196) ✻ **Martins,** Calçada da Estrela, 67 — (660823).
GRAÇA — **Arnell,** R. das Escolas Gerais 88-A (863940 ✻ **Morão** L. da Graça 63 (860700)
INTENDENTE — **Intendente,** L. Int. Pina Manique 7C 47838)
LUMIAR — **Alameda** Av. das Linhas de Torres 20-B (790942) ✻ **S. Tomé,** Est. do Desvio, lote 2-C (790704
MADRAGOA E SANTOS — **Fontoura de Carvalho,** Rua de Santos-o-Velho (662075
OLIVAIS — **Marvila** R. Direita de Marvila 4 (38 6 ✻ **São Paulo** R. lote 823 á estrada de Moscavide—Olivais-Sul (3 07 ✻ **Higiene** R. Cidade Vila Cabral ao Rua B n.º 4 L 43 Zona Poente 3 0026)
PEDROUÇOS — **Ocidental** R. D. Jerónimo Osório P M (6 0256
PICHELEIRA — **Martuz** Lois Jo Picheleira 40-B-C (720703 ✻ (28395
RATO — **Soares,** Av. Álvares Cabral 684282
REGO — **Prates & Mota** Rua do Beneficência 9 (773128.
RESTELO — **Tanara** R. Rodrigo Reinel 3-A 6 8 4) (á encosta do Restelo próximo das Moinhos)
S. PAULO — **Central** de S. Paulo, 108 (320389)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Nova Luz** R. D. Domingos Jardo 28-A (á Av. D. Afonso III) (843439 ✻ **Martins, Lda.,** Rua Fernão de Magalhães 33

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Combatentes,** Av. Comb. G. Guerra, 166 (213953)
CAXIAS — **Nova,** Rua Benardim Ribeiro, -A (242839)
PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás,** R. Costa Pinto, 86 (2432034).
OEIRAS — **Godinho** — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — **Grincho,** Av. da República, 87-A (2471204)
ESTORIL — **S. João** — Estrada Nacional, 8 (Tel 261186)
ESTORIL — **Lopes** — R. Hangar, 3 (Tel. 260008).
CASCAIS — **Misericórdia,** R. Regimento 19, 41 (280141) ✻ **Cascais,** R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — **Melo,** P. D. João I, lote 146 — Bairro Janeiro (Tel. 932756) ✻ **Central** Av. Cardoso Lopes, 25 (932210) ✻ **Igreja,** P. da Igreja, lote 2 (Tel. 937740) ✻ **Jardim,** Av. Conde de Oeiras, loja X-1 — Reboleira (Tel. 938424)
DAMAIA — **Confiança,** Est. Militar, lote D (971023).
QUELUZ — **André,** Av. Elias Garcia, 151 (950043) ✻ **Queluz,** Av. Miguel Bombarda, 123-A (951841).
CACÉM — **Central,** R. Elias Garcia, 55 (2940034).
MEM MARTINS — **Quimia,** Est. Mem Martins, 285 (29 0012)
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (980456)
SINTRA — **Misericórdia** — Largo dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)
COLARES — Colares, Azoia (Tel. 295088

● Outra banda

ALCOCHETE — **Gameiro,** L. António dos Santos Jorge 5 (Tel. (234100)
ALHOS VEDROS — **Gusmão,** Rua Cândido dos Reis 30 (224020).
ALMADA — **Magalhães** — R. Capitão Leitão, 0 (Te 270242).
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança,** Est. Nacional 74 (224302)
BARREIRO — **Central** — Av.ª Alfredo da Silva 48 (1 2273207).
COVA DA PIEDADE — **Atlântico,** Quinta do Pombal, (274365).
MOITA — **Silva Rocha** — da Republica, 6 (Tel 239029)
MONTIJO — **Giraldes** — Rua Almirante Reis 45 (Tel 230008).
SESIMBRA — **Lopes,** R. Cândido dos Reis, 67 (229028
SETÚBAL — **Marques** — R. Arronches Junqueiro (Telef 22783); **Bonfim** — Av. Rodrigues Manitto, 2 (Te 24558)
SEIXAL — **Godinho** — da Igreja, 5 (Tel 22 858

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — **Companhia das Águas 861353** ✻ **Companhias Reunidas, 537011** ✻ **Gazcidla 538821** ✻ **Gazcidla idem e feriados 382069**
BOMBEIROS — **Sapadores 322222** ✻ **Voluntários, 538524**
POLÍCIA e G. N. R. — **Serviço de emergência, 115** ✻ **Segurança Pública, 866141** ✻ **Judiciária, 535380** ✻ **Marítima, 326456** ✻ **Internacional, 362721** ✻ **Viação e Trânsito, 42205** ✻ **G.N.R. (área rural), 36865**
SAÚDE — **Cruz Vermelha, 865342** ✻ **Enfermagem permanente, 766161** ✻ **Enfermagem de urgência, 43738** ✻ **Hospital de Santa Maria, 775171** ✻ **Hospital de S. José, 860131** ✻ **Sangue, oxigénio e soros, 771168** ✻ **771169** ✻ **Transfusões, soros e oxigénio, 538524** ✻ **Centro de Intoxicações (Informativo), 767777, 761176 e 763456.**
TRANSPORTES — **Aeroporto, 720111** ✻ **Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029** ✻ **Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121** ✻ **Estação fluvial (T. Paço), 325345** ✻ **Estação Marítima de Alcântara, 668195** ✻ **Estação Marítima da Rocha, 672445** ✻ **Estação fluvial (Belém), 638511.**

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 84-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1868
Lisboa 2 — Portugal

O Chefe do Estado presidiu à abertura do ano lectivo do Instituto Superior Naval de Guerra

O sr. almirante Américo Thomaz passando revista á guarda-de-honra, vendo-se no segundo plano o chefe da sua Casa Militar, general Humberto Pais

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava geralmente muito nublado com nuvens médias e altas, o vento era fraco de oeste e havia nevoeiro na orla costeira ocidental.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 21°; mínima: Figueira de Castelo Rodrigo, —1°,6

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 7°; Faro, 14°; Funchal, 20°; Lisboa, 11°; Penhas Douradas, 10°; Portalegre, 9°; Porto, 9°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera: 13°,7; na água do mar: 16°,6

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a bonançoso do quadrante oeste. Neblina e nevoeiro matinais.

Amanhã
Nascer ás 8 e 10
Ocaso ás 18 e 31

Dia 9 Dia 16 Dia 24 Dia 2

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 6 — 1 e 32 (3,5 m); 13 e 49 (3,7 m) Dia 7 — 2 e 17 (3,7 m); 14 e 30 (3,8 m) Dia 8 — 2 e 55 (3,9 m); 5 e 10 (4 m)
BAIXA-MAR: Dia 6 — 8 (1,3 m); 20 e 20 (1,1 m). Dia 7 — 8 (1,3 m); 10 e 20 (1,1 m) Dia 8 — 8 e 40 (1,1 m); 21 (1 m)

O MELHOR DE AGORA
TV
SALORA
MESSINA
51 cm

do Instituto Superior Naval de Guerra

O Chefe do Estado presidiu hoje a sessão de abertura do novo ano lectivo do Instituto Superior Naval de Guerra, á qual assistiram os ministros da Defesa, da Marinha e do Exército e os subsecretários de Estado do Exército e da Aeronáutica.

Presentes ainda os chefes do Estado-Maior conjunto das Forças Armadas, do Estado-Maior do Exército e do Estado-Maior da Armada e muitos oficiais generais, entre os quais se viam o almirante Sarmento Rodrigues, os generais Arnaldo Schultz, Amaro Romão, etc.; assistiram ainda ao solene acto os reitores das Universidades Clássica e Técnica e o prof. Adriano Moreira.

Ás 11 horas em ponto o sr. almirante Américo Thomaz chegou á entrada do edifício onde foi recebido pelo ministro da Marinha almirante Pereira Crespo e pelo chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Armando de Reboredo; passou, seguidamente revista á guarda de honra, composta por dois destacamentos de fuzileiros navais e especiais, enquanto a banda da Marinha, que executara o Hino Nacional á chegada do Presidente, tocava marchas militares.

O Chefe do Estado assistiu depois ao desfile das forças em parada, tendo o tráfego sido cortado na Rua da Junqueira.

Em seguida, todos os presentes se dirigiram ao andar superior do Instituto, onde foi servido café e Porto tendo as individualidades presentes trocado impressões até a campainha soar nos corredores a assinalar o início da primeira aula do ano lectivo 1969/70, e que esteve a cargo do sr. capitão-de-mar-e-guerra Abel de Oliveira Neves.

O sr. almirante Castro e Silva, director do I. S. N. G. abriu a sessão em nome do sr. almirante Américo Thomaz proferindo ainda uma alocução em que pôs em destaque o importante papel daquele estabelecimento de ensino.

As palavras do almirante Castro e Silva

Depois de ter frisado o significado da presença do Chefe do Estado, o sr. almirante Castro e Silva disse:

«Este ano vai o Instituto funcionar com o curso superior naval de guerra para 11 capitães de-mar-e-guerra e capitães-de-fragata de várias classes, e dois cursos gerais, o primeiro destes já iniciado em 1 de Outubro, com 21 capitães-tenentes e primeiros-tenentes, a fim de o segundo curso geral começar em 1 de Março.

O curso complementar, um curso de estado-maior criado por disposições promulgadas há cerca de dois anos, ainda este ano não funcionará por dificuldades sentidas pela Direcção do Serviço do Pessoal em nomear oficiais para o frequentarem, tida a premente necessidade de aumentar a frequência do curso geral naval de guerra.

O curso de operações anfíbias — outro novo curso previsto na última reorganização do Instituto — destinado a preparar oficiais dos três ramos das Forças Armadas para o planeamento e condução deste tipo especial de operações, esse está já delineado e será posto em prática logo que estejam concluídas as instalações projectadas para o efeito.»

Historiou, a seguir, o que foi a actividade do Instituto no ano transacto e o que ela vai ser na nova época, agora inaugurada. Em relação ao primeiro aspecto disse:

«Em dois cursos gerais sucessivos, prepararam-se 30 primeiros-tenentes e capitães-tenentes, dos quais 20 da classe de marinha, 2 médicos, 4 engenheiros-maquinistas e 4 de administração naval. O curso superior teve a frequência de 11 capitães-de-mar-e-guerra e capitães-de-fragata, sendo 8 da classe de marinha, 1 médico, 1 engenheiro-maquinista e 1 de administração naval.»

Quanto ao segundo afirmou:

«Este ano, o ensino prosseguirá fundamentalmente segundo os moldes que se observaram no ano transacto. Ter-se-á, pois, em atenção que novos conceitos e novos meios modificaram profundamente a arte e a filosofia da guerra. As armas nucleares constituem o instrumento primário da estratégia de dissuasão, numa tentativa de evitar a grande guerra, que assim cede o passo aos conflitos menores. Neste clima irónico de paz nuclear, o mundo dos nossos dias está desta sorte sob signo permanente de efervescência político-militar e imerso na constante da guerra subversiva, este modelo de guerra moderna em que o atacante visa a capitulação da autoridade de facto por esgotamento físico e moral, lançando na luta a sua organização clandestina armada e todas as formas extra-militares de coacção (políticas, psicológicas e económicas) susceptíveis de ter profunda influência na população a subverter.

Mas, seja qual for a forma de guerra — nuclear, convencional ou subversiva — há nelas um factor invariável que se sobreleva a todos os outros: o homem.»

A primeira aula: «A aplicação dos princípios de guerra na contra-subversão»

O capitão-de-mar-e-guerra Abel de Oliveira Neves proferiu, então a sua lição, subordinada ao tema: «A aplicação dos princípios de guerra na contra-subversão.»

Aquele oficial falou das vantagens do conhecimento dos Princípios de Guerra para o chefe de qualquer operação de contra-subserv ão.

Referiu que «embora em quantidade diferenciada e sob definições diversificadas, todos os serviços militares adoptam os chamados Princípios de Guerra. O nome é ilusório, pois estes princípios não são mais do que considerações que devem estar na mente de todos os comandantes ou planeadores de operações militares; devem ser compreendidos, mas em nenhuma circunstância devem ser considerados como regras.

O verdadeiro problema é o de educar homens no sentido de lhes desenvolver o poder mental, aprender a partir das lições do passado e aplicá-las, rejeitá-las ou modificá-las de acordo com as situações que se deparam actualmente. Assim, os Princípios de Guerra não são mais do que uma boa ferramenta para aguçar o engenho.»

A finalizar, o Chefe do Estado entregou prémios atribuídos aos oficiais do Cursos Navais de Guerra do ano findo.

OPERAÇÃO SAUDADE

Vindo da Guiné, chegou hoje a Lisboa o 1.º cabo José Maria Frias Monteiro, residente em Santa Maria (Açores), contemplado com o prémio M. N. P. da «Operação Saudade».

A MEC LANÇA UM NOVO ESQUENTADOR

A MEC (Fábrica de Aparelhagem Industrial) reuniu ontem, no seu «stand» da Rua da Estefania n.º 151-C, figuras de relevo do nosso meio industrial e comercial bem como os seus principais agentes e distribuidores da área de Lisboa a fim de lhes apresentar um novo esquentador de 12 litros que acaba de lançar no mercado.

Pelas suas características técnicas, o novo esquentador MEC pode considerar-se único, já que apresenta inovações radicais, tanto no sistema de funcionamento, como no arrojo das suas linhas. O novo esquentador MEC, por outras palavras representa um passo em frente na indústria de esquentadores, e o seu lançamento no mercado nacional e europeu reveste-se, assim, de características especiais na medida em que colocam a indústria portuguesa numa posição francamente privilegiada em relação ás industrias congéneres estrangeiras, e tudo leva a crer que o novo esquentador MEC vai ter um merecido êxito, no mercado nacional e no mercado europeu.

O secretário de Estado da Agricultura visita o Vale do Sorraia

A fim de visitar a obra de rega do Vale do Sorraia o secretário de Estado da Agricultura, eng.º Vasco Leónidas, desloca-se amanhã aos concelhos de Coruche e Benavente.

Na sede da Associação de Regentes efectuar-se-á uma sessão de trabalhos e nela tomarão parte os directores daquela associação e da Cooperativa do Vale do Sorraia, bem como os presidentes das direcções dos grémios de Lavoura da mesma região e das caixas de crédito agrícola mútuo de Coruche e Benavente.

O complexo agro-industrial da cooperativa será visitado e encontram-se programadas visitas de estudo ao posto experimental de culturas regadas do Vale do Sorraia, pomares industriais e as explorações agro-pecuárias da região.

TERMAS DE MONFORTINHO
Estância de repouso e tratamento
Abertas até 15 de Novembro
● Piscina
● Campo de tiro
● Ténis
● Barragem de pesca
● Caça
Hotéis de 1.ª classe e pensões de todas as classes.
JUNTA DE TURISMO DE MONFORTINHO
Telef. 4 42 23

ESTENÓGRAFOS
● SE É BOM ESTENÓGRAFO.
● SE TEM HABILITAÇÕES EQUIVALENTES AO SEGUNDO CICLO LICEAL.
● SE QUER TRABALHAR EM REGIME PART-TIME.
RESPONDA ENVIANDO «CURRICULUM» PARA «SERVIÇOS DE RELAÇÕES PÚBLICAS E INFORMAÇÃO» DA SECRETARIA-GERAL DA ASSEMBLEIA NACIONAL E DA CÂMARA CORPORATIVA, LISBOA.

ANTI-SEMITISMO NA ARGENTINA

(Continuação da 1.ª página)

meiros exilados chegaram ao Chile no domingo passado.

DEZASSEIS MIL PRESOS NA ARGENTINA

BUENOS AIRES, 6 — (R.) — Um advogado argentino afirmou, a noite passada, que 16 000 pessoas foram presas por razões políticas desde que o Governo militar do presidente Juan Carlos Onganía subiu ao Poder em Junho de 1966.

O dr. Federico Cholvis, um dos advogados que mais se tem manifestado a favor dos presos políticos, acrescentou que 286 pessoas se encontravam presentemente na cadeia por motivos políticos.

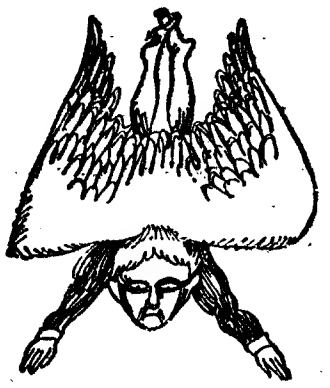
ANTI-SEMITISMO

SANTA FÉ (Argentina), 6 — (R.) — A Polícia provincial de Santa Fé recebeu ordens para acabar com actividades anti-semitas nesta cidade, segundo revelava a noite passada um comunicado emitido pelo Governo provincial.

Várias organizações hebraicas locais protestaram contra o facto de escolas, clubes e outras instalações judaicas terem sido pintadas com estribilhos ofensivos e alcatrão por um grupo que se denomina a si próprio «AAA» — Acção Anti-Semítica Argentina.

Um aspecto da reunião

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO
N.º 587/6 DE NOVEMBRO DE 1969



A (RE)VOLTA
DO ANJO
de Alexandre O'Neill
O COTOVELO TRINCHADO
(páginas centrais)

Apresentação (antecipada) de «O Tempo Escandinavo»

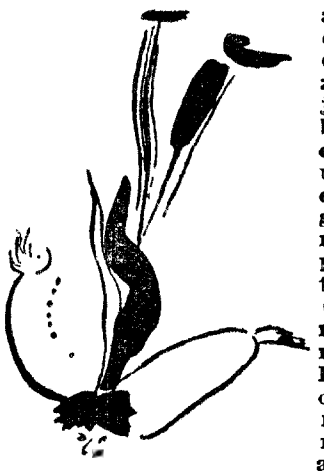
JOSÉ GOMES FERREIRA, O MESMO

DA BIOGRAFIA: entre 1925 e 1930, José Gomes Ferreira viveu em Kristiansund, Noruega, onde desempenhou o cargo de etc. etc...

Desenhos de Júlio Pomar para «O Mundo Desabitado» (Estúdios Cor)

Trinta e nove anos depois do adeus norueguês, José Gomes Ferreira apresenta (vai apresentar, por todo o mes corrente) O Tempo Escandinavo — «longa narrativa de solidão e amor efémero, estilhaçada em 9 episódios passados nesse nobilíssimo país que, em certa altura, cheguei a escolher para minha segunda pátria». (Informação para os coca-bichinhos: o livro começou a tomar forma em 1960. Um dos episódios — «O Mundo Desabitado» — aparece publicado, em Dezembro desse ano, pela editora «Estudios Cor». Três anos depois, novo episódio espreita nas páginas da revista «O Tempo e o Modo» n.º 42: «A Mulher dos Caminhos»).

Livro autobiográfico, recherche du temps perdu? **O autor desmente. E é e não é de crer: todos os livros de José Gomes Ferreira são e não são autobiográficos (ele próprio - o outro têm destas ambiguidades) e quanto á memória já se sabe: tanto viaja que perde a noção do tempo codificado. A chave dos possíveis enigmas estará na afirmação expressa no início do livro: «To-**



dos os episódios e personagens desta narrativa foram totalmente **inventados para serem mais** reais **e** verdadeiros». **(São nossos os sublinhados).**

Abandonando o jogo de espelhos — que aliás daria pano para mangas, sendo como é um dos trunfos motores da personalidade criadora de José Gomes Ferreira — forneça-se desde já ao leitor alguns elementos de aproximação do universo agora (re)composto sob a égide do tempo escandinavo: «narrativa de solidão e amor efémero», na síntese justa do autor, mas também um certo modo **de ser e estar português no lá fora,** um certo modo **de sentir o exílio («com a boca amargada de silêncio estrangeiro», diz o protagonista do primeiro episódio),** um certo modo **de viver o amor (carnal, presente, transitório, mesmo se imaginário; nunca «eterno», como em Pedro e Inês),** um certo modo **de olhar a fauna humana (pequeno-burguesa, que remédio!), sabê-la próxima apesar das barreiras psicológicas e linguísticas, descobri-la não raro grotesca (na óptica,tão lusíada, do escarnio e do maldizer ..) mas nunca desprezível, desvendá-la numa intimidade avessa aos ademanes folclóricos, reconstituí-la segundo um conhecimento sensível, amoroso, e sempre lúcido— e límpido.**

Um certo modo: **o modo de «quem sempre sonhou conservar a Criança bem viva no Homem»** (confessado nas Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo), **o modo, pessoal e intransmissível, de José Gomes Ferreira. Não há máscaras possíveis: mesmo** n'O Tempo Escandinavo, **o protagonista define-se «estrangeiro» como «criança que recomeça pelo fim»...**

Esta frescura, esta agilidade, esta ironia que não chega nunca a encobrir a emoção viva, esta permanente (e aparente) **contradição entre a confissão e o disfarce, esta constante dialéctica entre a criação e a crítica («penso sempre por imagens,** desculpem — **novo sublinhado nosso), esta alegria de usar as palavras («não há dúvida que são as palavras que nos fazem inteligentes»), este gosto de falar de si (mesmo quando falando dos outros), esta prestidigitação com os truques á vista (como algures o notou Carlos de Oliveira), mantêm-se, incólumes, em José Gomes Ferreira. A par de outras qualidades: agora a economia da prosa (sobretudo no uso das imagens), a contensão lírica (que não radicalmente poética), a eficácia (directa) da expressão narrativa. A prová-lo, se necessário, aí estará O** Tempo Escandinavo. **E aqui está, por amável deferência (que nos honra) do autor e da Portugália Editora, um excerto do episódio «A Ilha do Capitão». Como aperitivo e para (bom) proveito.**

Inédito

Do Conto «A Ilha do Capitão»

ENCONTRAVA-ME no escritório da Agência-Geral de Navegação a tratar do embarque de um carregamento de bacalhau de Kristiansund para a minha firma de Lisboa, quando me surgiu pela frente o capitão Karlsen, muito vermelho, meio-calvo, ombros amplos, olhos com dois pontos vivos de chamas azuis e uma agilidade de quem já anda a fingir-se ágil diante de si mesmo, com receio de envelhecer.

—Eh! homenzarrão! — berrei-lhe contente com os enredos do acaso.

— Como estás, pá? — exibiu Finn o seu calão português, ao mesmo tempo que me abraçava com exuberância, também à portuguesa, para mostrar às empregadas da Agência o seu lado latino de empréstimo vagamente caricatural e solene.

O criado do Café Britannia trouxe, pouco depois, uma garrafa de Porto para honrar as nossas confidências.

— Entonces? Mu-i-tas «gaxas»? — interrogou-me com a gravidade natural de quem só na superficialidade erótica vivia com deleite o profundo significado da vida.

— Muitas. Aos montes! — exagerei para parecer modesto.

E contei algumas mentirolas que ele aceitou logo, para poder em seguida derreter-se em invenções similares sem remorsos. Tudo num tom que convertia os nossos prazeres numa espécie de dádiva essencial só reservada a certos eleitos.

— Ainda bem que te encontrei, pá. Vieste mesmo a propósito Ao pintar da faneca... Repetiu esta última frase — *ao pintar da faneca...* — com gozo mágico de ter boca, enquanto tiníamos os cálices num brinde à portuguesa.

— Imagina que consegui convencer a Sigrid... aquela empregadita numa casa de modas, lembras-te?...

Lembrei-me para me lembrar.

— Pois vai esta noite comigo ao baile no Salão da Palmeira do Britannia Hotel.

— Também estou hospedado no Britannia — esclareci, orgulhoso de caber num mundo que não me pertencia.

Na minha primeira viagem à Noruega, já tão longínqua, durante os jantares sonâmbulos no Salão da Palmeira, tocava no claustro um terceto de cadáveres — piano, violino e violoncelo — que ali tinham ficado a dormir, esquecidos, desde o naufrágio do século XIX...

— Óptimo! E tu vais connosco. Porque a Sigrid tem uma amiga formidável. Uma muchacha verdadeiramente fantástica! (Silabou com força a palavra *fan-tás-ti-ca* para eu imaginar bem a muchacha em todo o seu esplendor de pedra principal no nosso jogo dessa noite). Casada com um caixeiro-viajante que anda pelo Sul a vender malinhas de senhora.

Encolhi-me com desânimo. (Ó diabo! casada?) Mas Finn, com a sua superioridade macia de mestre de mulheres, riu dos meus preconceitos que, ràpidamente convencido, me soaram, de facto, a ilógicos.

— Meu filho: só uma troglodita resistiria a aceitar o convite para uma honesta noite de dança pública no Britannia. Vou telefonar à Sigrid e verás.

Marcou o número. Tuca, tuca, tuca, tuca... — *Er du, Sigrid?* — Tinha razão. Não tardou a combinar-se tudo.

Iríamos buscá-la às oito, de carro. À casa da tal amiga, a prodigiosa Rulta, pele doirada, olhos doirados, cabelos de súbito negros, perfil severo, de uma severidade aparente desenhada por aquela ruga imprevista ao canto da boca, que enaltecia de encanto grave o que nela se adivinhava de efémero e frágil.

(Continua na 7.ª página)

Prémio «Biblioteca Breve»

Através de Publicações Europa-América tornam-se públicas as condições de inscrição para o prémio de ficção (romance) «Biblioteca Breve», em memória de Joan Petit, instituído pela Editorial Seix Barral, referente a 1970.

CONDIÇÕES

1.º Poderão concorrer a este prémio todos os romances *inéditos* cuja extensão não seja inferior a 300 páginas de 30 linhas dactilografadas a dois espaços.

2.º Os romances poderão ser escritos em qualquer das línguas faladas na Península Ibérica e em qualquer das suas variantes dialectais.

3.º O prémio constituirá numa medalha de prata com a inscrição «Prémio Biblioteca Breve, 1970» e na garantia de publicação do livro.

4.º A Editorial Seix Barral, S. A., Provenza, 219, Barcelona, Espanha, publicará o romance premiado nos doze meses seguintes á atribuição do prémio. A dita publicação será regida por um contrato de edição, que será redigido na data da atribuição e que cobrirá uma primeira edição de 10 000 exemplares e o direito cedido á Editorial Seix Barral, S. A., de publicar edições sucessivas no ritmo e na quantidade que julgar apropriados. Os direitos de autor da 1.ª edição são fixados em 10% do preço de venda do livro e as edições seguintes em 12%. O autor receberá no acto de assinatura do contrato a quantia de 200 000 pesetas (esc. 82 600$) como antecipação sobre os direitos autorais. A Editorial Seix Barral reservar-se-á, mesmo assim por acordo com o autor, o direito de publicar edições populares ou especiais, ou de ceder os ditos direitos a terceiros.

5.º O tema da obra é da livre iniciativa do autor, mas o juri dará especial atenção ás obras que, pelo seu conteúdo, técnica e estilo, respondam ás exigências da literatura do nosso tempo.

6.º Se, por decisão e critério do juri, nenhuma das obras apresentadas reunir méritos suficientes, o prémio poderá ser considerado sem efeito, e sê-lo-á automáticamente se nenhuma das obras apresentadas alcançar quatro votos no ultimo escrutinio, mas em nenhum caso poderá ser distribuido por diversas obras. Em todo o caso, a Editorial Seix Barral, S. A., reserva-se o direito de opção para a edição de todas as obras não premiadas.

7.º O juri tem carácter permanente e é composto pelos senhores Félix de Azua, José Maria Castellet, Salvador Clotas, Juan García Hortelano, Gabriel Garcia Márquez, Mario Vargas Llosa e Carlos Barral.

8.º Os originais devem ser enviados em duplicado, com o nome e domicilio do autor, para: *Editorial Seix Barral, S. A.* — Provenza, 219, Barcelona 8, Espanha, até ao dia 1 de Dezembro de 1969 e com a indicação: «Para el premio de novela Biblioteca Breve».

9.º O prémio será concedido no dia 3 de Março e será divulgado através da Imprensa.

10.º Uma vez adjudicado o prémio, os autores não premiados, e sobre as quais o editor não exerça a opção anteriormente assinalada, poderão retirar os seus originais da Editorial Seix Barral, S. A., perante a prévia apresentação do recibo que lhes será enviado no acto de apresentação das obras.

Declaração

Do poeta António Barahona da Fonseca recebemos, com pedido de publicação, o seguinte texto:

DECLARO que não sou o autor dos poemas incluídos na *quarta série* das *Líricas Portuguesas*, série dada à estampa pela *Portugália Editora*, em Outubro de 1969. Efectivamente, exceptuando as composições *Luís da Baviera* e *Víbora*, todos os outros poemas apresentam nada menos que catorze gralhas, a omisão de duas palavras e supressão pura e simples de dois versos inteiros.

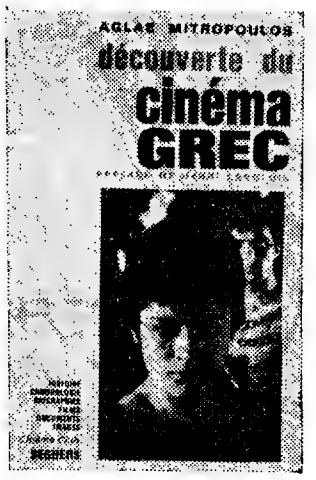
Porque tais erros deturpam *por completo* o que pretendi exprimir, repito: não me reconheço como autor dos referidos poemas. E já agora, muito agradecia à *Portugália Editora*, que não voltasse a publicar-me nas suas antologias onde, como se vê, impera uma total ausência de respeito pela *palavra escrita*, pela *poesia* e pelo *público leitor*.

António Barahona da Fonseca

Descoberta do cinema grego

«Découverte du Cinéma Grec» de Aglae Mitropoulos com prefácio de Henri Langlois
Colecção *Cinéma Club*, n.º 2
Ed. Seghers, Paris, 1969.

AGLAE MITROPOULOS é um nome extremamente representativo no panorama cinematográfico grego. Secretária da União dos Críticos de Cinema da Grécia, ela é também, além de fundadora, a actual directora da Cinemateca da Grécia, organismo criado por iniciativa particular e que desempenha um papel



importante na evolução cinematográfica daquele país.

De Platão a Robert Manthoulis e Ado kyrou, *Découverte du Cinéma Grec* historia com rigor e profundidade crítica a vida do cinema grego ao longo da sua história. Ali encontraremos referências aos seus autores e actores mais conhecidos (desde Michel Cacoyannis, de *Zorba*, até Melina Mercuri ou Iréne Papas), ao mesmo tempo que tomamos o primeiro contacto com muitos outros cineastas que permanecem ainda ignorados em Portugal (e não só em Portugal, pois que o cinema grego só muito esporádicamente logra ultrapassar as suas fronteiras). Mas, para além desta panorâmica histórica, *Découverte du Cinéma Grec* oferece também aspectos importantíssimos de documentação incluindo uma completa (cronologia, biografias e filmografias dos realizadores e das personalidades mais significativas do cinema helénico, fichas técnicas dos principais filmes, uma variada documentação gráfica, etc...) que por vezes permitem paralelos inesperados com o cinema nacional. Na verdade, sendo a Grécia um pequeno país, com uma cinematografia pouco conhecida no estrangeiro, poderiam justificar-se comparações curiosas com o cinema português. Mas o livro de Aglae Mitropoulos encarrega-se de desfazer essas dúvidas, testemunhando a vitalidade de uma cinematografia onde (por exemplo), em 1966 e 1967, se produziram, respectivamente, 106 e 76 filmes.

Isto mesmo diz Henri Langlois director da Cinemateca Francesa no prefácio com que abre a obra: «Em muitos países, por volta de 1900, houve um cinema, depois mais nada. Na Grécia, não havia senão algumas salas. O Cinema era constituido essencialmente pelos exploradores que compravam filmes italianos, franceses, americanos e mais tarde alemães.»

«O Cinema grego não existiu senão muito mais tarde; foi a sua sorte. Começou com dez anos de atraso e pelo ABC; o documentarismo. Não foi senão com o sonoro que ele se impôs como uma necessidade linguística.»

Um livro de esperança entusiástica numa cinematografia e nos homens que a impulsionam (para além de todas as contrariedades), eis no que se resume (a partir de agora) este indispensável estudo do cinema grego». — *L. A.*

DEPOIS DO ÊXITO DE "TRÊS SEMANAS EM MAIO"
A PORTA do inferno
POR JOÃO PALMA-FERREIRA
Um livro violento e amargo que defronta a realidade e o caos da nossa vida
Col. "Nova Literatura", 160 págs., 40$
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
APARTADO 8 — MEM MARTINS
R. das Flores, 45, 2.º — Lisboa
R. de Entreparedes, 6, 2.º — Porto

John Kenneth Galbraith
O NÔVO ESTADO INDUSTRIAL de JOHN KENNETH GALBRAITH
2ª edição
John Kenneth Galbraith, conselheiro de Kennedy e expoente do liberalismo americano, discute, num livro polémico, o destino do homem diante de uma nova sociedade cada vez mais dominada pela tecnologia.
O NÔVO ESTADO INDUSTRIAL é um libelo e uma advertência, mas também uma mensagem de fé na vitória dos valôres humanos em luta contra o poder insensível dos tecnocratas. Preço: 90$00
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
UMA REPRESENTAÇÃO DO
CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO, LDA.
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 30-B — Tel. 46470
LISBOA-2
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E TABACARIAS

O PMTOODEMO e
quando o que há não chega
a sua revista veja nas livrarias

Escultura belga contemporânea

por Rocha de Sousa

ORGANIZADA pelo Serviço de Propaganda Artística dos Ministérios da Cultura da Bélgica, no âmbito do acordo cultural luso-belga e com a colaboração do Instituto de Alta Cultura, a exposição de Escultura Belga Contemporânea constituiu uma base de contacto e de informação cheia de utilidade em alguns pontos, em particular pela apresentação de Vic Gentils com o seu Jogo de Xadrez. Mas se Vic Gentils decidiu fundamentalmente da qualidade e do imprevisto desta exposição, não podemos deixar de referir o critério do Chefe d os Serviços de Propaganda Artística, F. Lulle, quando afirma que «uma exposição de arte revela sempre algo de arbitrário na escolha dos artistas apresentados»; e quando acrescenta: «até quando se pretende dar prova de uma perfeita objectividade, se torna difícil a não confrontação com contingências de ordem material ou técnica».

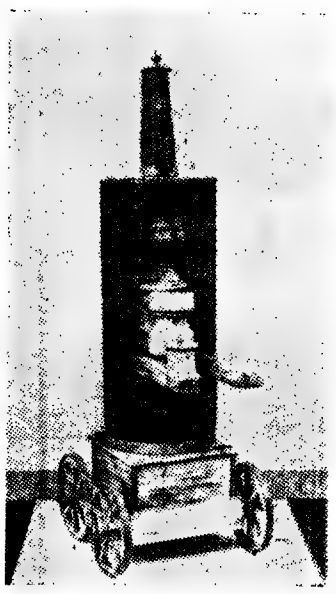
Vic Gentils: Peça de xadrez

Efectivamente, a Exposição de Escultura Belga Contemporânea parece testemunhar esse tipo de confrontação, articulando-se dentro de uma heterogeneidade de tendências e valores que dispensam a leitura mas procuram abranger os aspectos mais significativos da vasta produção escultórica na Bélgica. Essa intenção é de facto tão defensável como qualquer outra e é pertinente dizer-se que em Portugal não se faria assim. Qualquer organismo mais directamente ligado ao sector da produção artística, em Portugal, procuraria, antes de realizar o testemunho de obras dissemelhantes e até opostas, encontrar arbitràriamente uma qualquer linha de modernidade que responsabilizaria no estrangeiro como representativa da escultura portuguesa. É curioso verificar que alguns países com mais experiência desses problemas e com mais tradição artística, assumem quase sempre uma preocupação diversa e menos limitativa: procuram historiar as tendências e os momentos, situando em paralelo autores que se exercitam e exprimem em campos diferentes. Apesar disso (ou por isso mesmo, e é o caso da exposição referida) é sempre possível estudar os autores pelo seu testemunho imediato e no plano da sua filiação mais remota, aqui patenteado geralmente em torno da inspiração expressionista.

JOGO DE XADREZ

O conjunto de 32 esculturas de Vic Gentils é o centro da exposição apresentada nas instalações da F.I.L. Tendo iniciado a sua carreira como pintor, depois de ter seguido um curso na Academia de Belas-Artes de Antuérpia, Vic Gentils passou sucessivamente pela paisagem, pelo neo-surrealismo e pelo abstraccionismo. Assumiu depois a formulação de objectos através de discos fundidos, papel mascado e metal. A madeira aparece-lhe numa fase decisiva em que se dedica por completo à escultura, ai produzindo relevos tratados a fogo e concluídos com o auxílio da cor. É a seguir a este ciclo que o Jogo de Xadrez aparece, grande composição manejável que Ludo Bekkers descreve do seguinte modo:

«A composição que, na sua origem, devia representar uma personagem com a forma de uma cadeira, transformou-se, pouco a pouco, em rainha. O rei, os cavalos, os bispos e todas as outras peças do jogo de xadrez sucedem-se-lhe. O artista criou, conscientemente, dois grupos diferentes, por ter concebido o jogo como um combate entre dois todos antagónicos. As peças enegrecidas pelo fogo, em oposição às peças branqueadas por efeito de um jacto de areia. Até quando se encontram dispostas frente a frente, parecem afrontar-se num combate singular. As rainhas e os reis, em atitude orgulhosa; as torres, em suas bases sólidas; os cavalos caracolando e os bispos que se fitam ou tocam harpa antes de matarem ou serem mortos.»



Peça de xadrez

A matéria-prima para este grande conjunto escultórico foi recolhida de objectos de madeira descobertos nos sítios mais diversos e aplicada com um sentido profundo de metamorfoses e de criação de imagens«. O carácter fantástico das figuras, decorrente da tradição da arte flamenga nesse domínio e evocador das obras de Bosch e Brueghel, aparece assim proposto à tridimensionalidade de um espaço em que nos movemos, mitificando no absurdo essas personagens insólitas que ameaçam mover-se e ocupar com estrépido novas situações de um vago destino metafísico. Numa linha simultâneamente fantástica e barroca, as personagens de Vic Gentils conservam a individualidade de peças autónomas e conjugam-se umas com as outras na formação de um mundo perfeitamente caracterizado e homogéneo.

AS OUTRAS PROPOSTAS

A exposição assinala também outras correntes importantes da escultura belga contemporânea, nomeadamente com Roe d'Haese, Laenen e Reinhoud. O primeiro destes autores, que se inscreve no prolongamento de uma vasta tradição escultórica e possui uma obra reconhecida no estrangeiro, exprime-se dentro dos limites do expressionismo em termos que podem considerar-se tradicionais mas que continuam a ter importancia para certas correntes modernas.

Peça de xadrez

Jean Paul Laenen, trabalhando por vezes materiais complexos, representa preocupações mais recentes, equacionando uma proposta que explora a pluralidade das aparências dentro de uma relação espaço-tempo na qual entram em linha de conta o carácter tridimensional do objecto e a cronologia da sua leitura.

Dos outros autores apresentados, é importante referir Rik Poot, numa linha expressionista que se socorre de uma oficina densa; Felix Roulin, que interpreta principalmente as qualidades expressivas dos materiais: e Emile Souply, que procura sobretudo construir e definir espaços através de aglutinações sucessivas de estruturas primárias.

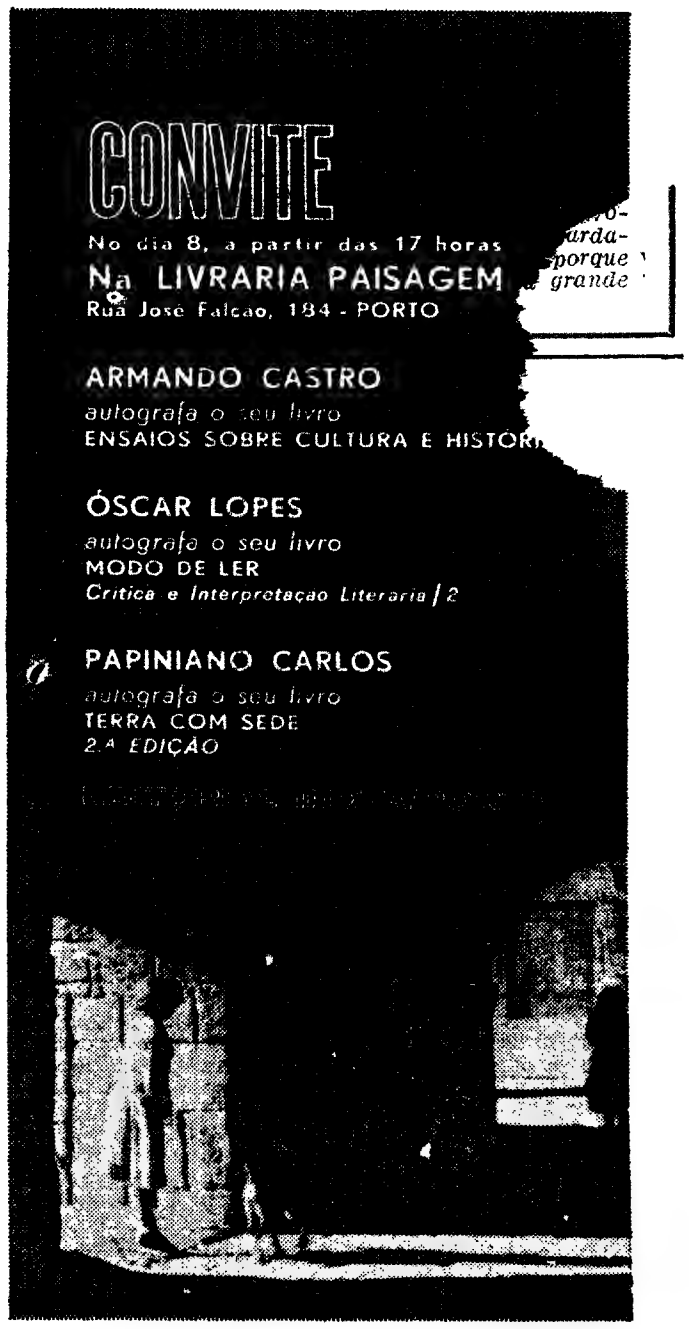
Na hora da reabertura da «Quadrante»

MARILYN REYNOLDS
Galeria Quadrante

PARA A REABERTURA das suas actividades na presente temporada, a Galeria Quadrante apresentou uma exposição de obras de pintura de Marilyn Reynolds, jovem autora norte-americana, que frequentou algumas escolas de arte nos Estados Unidos e na Europa, tomou parte em algumas exposições colectivas, realizou seis exposições individuais e obteve o Prémio Nacional da Fundação Louis Comfort Tiffany. Trata-se de uma pintura que, paradoxalmente, poderia ter sido produzida em África. Melhor: que reflecte um temperamento sensual e comunicativo muito aproximado de um certo tipo de coordenadas africanas, dentro das alterações que o esquema urbano propõe à raiz expressiva indígena. É uma pintura qué se faz fundamentalmente pelo espectáculo. O amor e a fecundidade, ou as coisas líricas de um quotidiano marginal, nela se exprimem em termos de uma linguagem que é simultâneamente abstracta e narrativa, apertada na armadura cerrada do desenho e decidida num timbre cromático muito aberto. A oficina é laboriosa, perseguindo um rigor fugidio, e os símbolos recuperam para o domínio da visão uma certa ingenuidade que se suspende das evidências e das indecisões. Aí se desmancha e se desarticula a pontinha de erudição que a técnica por vezes revela e que contraditòriamente se mistura com a simplicidade gráfica da maior parte dos sinais. A temática é mais persistente do que parece à primeira vista, renascendo de um quotidiano marginal ou paralelo ao apelo urbano das sociedades tecnicistas. Aponta sobretudo a uma alegria de fundo, que envolve e supera com o seu canto a perturbação ou as vozes interiores do medo e da angústia. O resultado é uma comunhão com os seres do mundo, sinalizados, simbolizados pelo recorte denso das formas e pela caligrafia persistente e atenta que as linhas decidem.

Marilyn Reynolds: o imprevisto americano

O que é curioso na pintura de Marilyn Reynolds é o seu imprevisto em relação a qualquer coisa como a América dos nossos dias. Não que ela não se justifique ou possa inspirar-se nas raízes de um passado conhecido, o dos povos colonizados e da sua decoração feiticista agressiva. Mas isso é-nos sugerido inesperadamente e disfarça-se através de uma construção que não é do mesmo tipo. O espectáculo perde assim em eficácia o que ganha em ambiguidade. Apesar de esta pintura se revestir de uma alegria que não deixa de ser contagiante, até no que tem de excessivamente deliberado, há nela uma exagerada preocupação de descrever que a torna menos activa no plano das suas obsessões internas. Mais do que o espectáculo da superfície, mais do que a lenta elaboração das linhas e o choque programado das suas cores puras, são essas obsessões que verdadeiramente contam. Mas elas não podem ser possuídas **de fora**, não podem ser isoladas em registos determinados pela esteriotipia gráfica, têm antes de ser retidas **por dentro**, na tensão ou no grito. É isso o que torna o espectáculo perturbante, na própria alegria. É isso o que dá a medida exacta da interrogação fundamental, isto é: de toda a arte **destinada a permanecer.**



Carlos Queiroz: Como na vida esquecido

por Cabriele Brustoloni

Do poeta já morto, o claro nome
Ergueram como estandarte
E a sua obra desfraldaram.
Oh deixem-no incompreendido!
— Sòzinho como na vida,
Como na vida esquecido.

PARECE MESMO, passados vinte anos, que a vontade manifestada por Carlos Queiroz nestes poucos versos do seu *Breve Tratado de Não-Versificação*, tem sido respeitada.

Isto, seja bem claro, não foi pròpriamente devido ao respeito pela sua vontade, mas sim ao progressivo e inexplicável silêncio que baixou logo a seguir ao desaparecimento do poeta, acontecido em Paris em 28 de Outubro de 1949.

É triste considerar que, apesar das inúmeras promessas de notáveis intelectuais portugueses para a publicação das «Obras Completas» de Carlos Queiroz, após vinte anos ainda pouco ou nada se tenha feito para revelar aos portugueses um dos maiores poetas da geração modernista.

Deseja, pois, esta breve nota, constituir uma modesta homenagem a um esquecido que deixou, embora largamente dispersa e ainda inédita, uma mensagem de fina sensibilidade.

Agente de coligação entre o modernismo e o neoclassicismo, Carlos Queiroz sofreu a influência e o prestigio de Fernando Pessoa. Ao considerarmos Carlos Queiroz homem e artista, não devemos esquecer os cânones fundamentais que sempre acompanharam, ou melhor, alimentaram a sua poesia: dúvida, afã, sofrimento. Nunca a sua poesia deixa de ter profundidade e pureza, clareza e graça, nem falta das vibrações que conseguem tornar o verso eloquente e subtil. Apesar das muitas misérias, das desilusões e das mesquinhices, em Carlos Queiroz há sempre um raio de esperança. Nele observa-se constantemente uma tristeza irónica, bondosa sempre. A sua produção literária, que infelizmente continua hoje dispersa e inédita, resume uma cultura mais baseada na intuição que nos vastos conhecimentos, na inteligência mais que na inútil erudição.

Essa cultura revela-nos, para além da formal conveniência que muitas vezes constitui uma mera atitude de crítica estéril, um espírito consciente da realidade do seu tempo.

Carlos Queiroz teve, assim, a cultura do artista: a sensibilidade, pois só através da sensibilidade o artista consegue manifestar-se; por outro lado, é indispensável no artista este aspecto, talvez por ser o mais humano, o mais idóneo para dar um sentido à nossa existência.

Através da sua fina sensibilidade, Carlos Queiroz caminhou à procura da sua ordem espiritual, isto é, à procura da sua própria perfeição artística. Sentiu, sobremaneira, a necessidade de ser amado e compreendido na realização da sua obra, onde conseguiu desvendar-se numa forma manifestamente moderna, quer dizer, elaborando poèticamente o significado das suas sensações numa atmosfera de raciocínio espontâneo.

Calha mesmo bem a definição que um dia lhe deu João Gaspar Simões quando o chamou de «intelectualizador de emoções», porque os versos de Carlos Queiroz valem mais pelo que nos sugerem do que pelo que exprimem.

A autenticidade de Carlos Queiroz vem dos seus princípios de poeta singelo. Não devemos esquecer que ele soube guardar em si a sua força, o seu mundo, a sua realidade; pois assim foi poeta em todas as circunstâncias, mesmo quando nas suas composições se podem notar as influências da tradicional herança poética e cultural.

Encontramos, nesta forma, ao lado de um neoclassicismo, um modernismo no sentido mais verdadeiro da expressão, um lirismo puro e caracteristicamente português, uma propriedade de síntese bem pouco vulgar nos poetas da sua geração

Carlos Queiroz, em Amarante, com Teixeira de Pascoais e Pedro Duarte

Alguns inéditos:

CANÇÃO BIOGRÁFICA

Nasci de madrugada.
(Talvez minha poesia
O diga a toda a gente,
Sem que eu próprio o dissesse).
Nasci de madrugada,
Nessa hora latejante
Que ainda não é dia
E já a noite esquece.

Nasci de madrugada.
Abri os olhos entre
Uma ilusão frustrada
Que em saudade fenece —
E uma esp'rança crescente:
Luz de melancolia
Ralada de ironia
Que brilha e que não aquece.

Nasci de madrugada.
Anseio intermitente
De ser tudo e de ser nada —
Quando a morte apetece.
Riso sem alegria
Que estala de repente
No encontro pungente
Duma praga e uma prece.

Nasci de madrugada...
(Ah, mas espera, espera
Destino impaciente
De que não acontece!)
— Nasci de madrugada
E foi na primavera,
Nessa hora fremente
Em que Amor aparece.

VARIANTE

O homem foi para longe,
Bem longe da natureza.
Afastou-se tanto dela,
Que a esqueceu.

A história do seu regresso
Não é a do Filho Pródigo;
É uma história mais triste,
Que se canta deste modo:
— Quando o homem voltou, a Natureza
Não o reconheceu.

BAILATA DOS DOIDOS

Se os doidos não sabem
Seu nome e idade —
Quem dera ser doido, que felicidade!

Se os doidos não sentem
As mágoas reais
— Quem dera ser doido
Não as sentir mais!

Se os doidos não vêem
Como os outros são
— Quem dera ser doido,
Sem essa ilusão!

Se os doidos não cuidam
Do que é necessário
— Quem dera ser doido,
Sem este fadário!

Se os doidos não temem
A hora da morte
— Quem dera ser doido,
Para ser tão forte!

CANÇÃO IMEDIATA

Embriago-me, incógnito...
Esta noite é só minha!
No espelho doutro bar
Reconheço-me, sigo.

Anónimo sorrio
Para quem passa. E escuto
O comentário áspero:
— Parece bêbado!

Agora, nesta mesa
(Tristíssimo) recordo
Que afinal o sorriso
Era cheio de amor.

E estou bêbado, ainda...
Bem o sinto na letra
Irregular e trémula
Desses versos sem rima.

(Da colectânea inédita *CICATRIZES*)

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

Os poetas novos

Quem são os poetas novos? Eis uma pergunta a que António Ramos Rosa tenta responder na sua recentíssima antologia «Líricas Portuguesas — Quarta Série», edição da Portugália. As «Líricas» agrupam autores nascidos entre 1930 (Maria Alberta Menéres, Herberto Helder) e 1941 (Gastão Cruz), sendo que por curiosidade puramente estatística é 1937 o ano de nascimento mais representado (Fernando Assis Pacheco, José Augusto Seabra, Maria Teresa Horta, João Vário e José Carlos Ary dos Santos). Manuel Alegre, dado como nascido em 1937, nasceu efectivamente em 1936 e tem frequência do 2.º ano de Direito (Coimbra), pormenor de somenos que também escapou ao antalogiador.

Ainda no domínio estatístico: dos vinte e um poetas antologiados, quatro são mulheres; um já faleceu (Cristovam Pavia); quatro estão ausentes do País; sete são licenciados com cursos superiores; seis nasceram em Lisboa, treze na província, um na Madeira (Herberto Helder) e um em Cabo Verde (João Vário). Por ordem decrescente os poetas com mais material antologiado são Herberto Helder, M. S. Lourenço e Ruy Belo. Com menos, e por ordem crescente: António José Forte, José Augusto Seabra e Cristovam Pavia.

No tempo de Viriato

«Quando pensámos escrever este livro, tivemos em mente dois factos que reportamos essenciais: a necessidade de o redigir para todos os interessados nos problemas da nossa história antiga, sem a preocupação de eruditismos que só serviriam para complicar e não esclarecer, e ainda [illegible] justiça a esse conjunto de tri[illegible] que a arqueologia desde os fins [illegible]culo passado tem tentado com[illegible], através das sucesivas explo[illegible]evadas a efeito por arqueólo[illegible]signes, grandes vultos da Cul[illegible]ortuguesa, alguns desconheci[illegible]a o leitor não familiarizado [illegible]tudos desse ramo da ciência [illegible]al.» Assim apresentam Octávio [illegible]eiga Ferreira e Seomara da Veiga Ferreira a sua obra «A vida dos Lusitanos no tempo de Viriato», próximo lançamento da Editorial Polis.

Pessoa no Brasil

A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro acaba de lançar o primeiro numero (Agosto de 69) dos seus «Cadernos da PUC». Título: «Estudos sobre Fernando Pessoa». Com cinco textos da prof.ª Cleonice Berardinelli — «O eu profundo», «Os vários eus», «Ideias estéticas», «Mensagem» e «Antero de Quental e Fernando Pessoa» — e um da prof.ª Diana Bernardes: «Alberto Caeiro».

Lauro e o cinema

De Lauro António, um dos críticos de cinema do «Diário de Lisboa», vão as Publicações D. Quixote lançar ainda este mês «O cinema entre nós»: um ano de crítica (1968) no nosso jornal. Entretanto as mesmas P. D. Q. colocaram nas livrarias «Um português em Cuba», de Alexandre Cabral, «Censura e cinema», com textos de Aristarco, N. M. Hunnings, J. Rovan, Marcel Martin e Losey, e «As crises monetárias», assinado entre outros por Mendès-France, Paul Einzig, H. Brandon, Paul Fabra e C. Jelen.

Santos Fernando e os grilos

«Lá distraído sou. Não o contesto. Mas conheço-me tão bem como aos suspensórios Push-Push. E a verdade é que não sou eu que estou deitado na minha cama ao lado de minha mu-

lher. O homem é mais gordo. E também mais alto. Quero dizer: mais comprido. Aquelas patorras lá em baixo, ao fundo da cama, bem o atestam. Portanto, não posso ser eu.»

Um nome que já não é o do humorista simples, mas do ficcionista: Santos Fernando. Um título: «Os grilos não cantam ao domingo» (edição da Parceria A. M. Pereira). Próxima crítica no Suplemento Literário «D. L.».

Nos escaparates

Algumas novidades em edições de autor: «Mexer na vida», poemas de António Pinheiro Guimarães, «Fogo para amanhã», poemas também, mas de António Silva Pinto, e a peça em três actos «O homem que renegou a luz», de Idalina Guimarães. De Hugo Rocha nos escaparates: «Histórias fantasmagóricas», contos e novelas com a chancela da Livraria Civilização Editora.

Cinema: o «underground» veio à superfície

UMA PALAVRA DIFERENTE de «underground» **(subterrâneo) deverá ser escolhida para designar um dos ramos mais activos do cinema americano, cujos filmes suscitaram polémica. Mas este ano nem um só filme atraiu tanta gente ao** Museu of Modern Art **como a retrospectiva consagrada a «Alain Resnais, seus antecessores e seus contemporâneos». O animador do grupo, Jonas Mekas, revela-nos projectos inéditos, Stan Brakhage deu-nos a sua última entrevista e os jovens cineastas lançaram-se na exploração de uma nova tendência: o «minimalismo».**

por Franck Jotterand

● O segredo de Jonas Mekas

Pintores, escritores e cineastas reconhecem que a sua existência mudou graças á actividade da «Film-Maker's Cinematheque», criada por Jonas Mekas, que é mais o santo que pròpriamente o «papa» do novo cinema americano: cabeça de asceta, olhar inteligente, iluminado por uma manha camponesa, conseguiu manter, sem dinheiro, empresas de criação e de difusão. Encontrei-o no Chelsea Hotel:

— Como evoluiu o *underground?*

— A princípio foi a explosão da liberdade, a descoberta de que podia fazer-se o que quer que fosse com a camara, a película, o *écran* ou simplesmente a luz, desde que já não fosse necessário contar uma história.

A essa liberdade técnica correspondia a liberdade dos temas: o nu, o amor, a homossexualidade, o diário íntimo. Depois o cinema explodiu em cores psicadélicas. Em 1965-66 foi o período dos *mixed-media:* o cinema criava ambientes, os *happenings* utilizavam-no, ao mesmo tempo que a pintura, a música e a dança. Hoje, por reacção natural, chegou-se a uma reflexão sobre as estruturas específicas, ao *minimal.*

— Quem são os espectadores dos vossos filmes?

— A nossa cooperativa de distribuição agrupa 400 realizadores, em Nova York (150, em San Francisco, e 40, em Chicago). Uma vintena deles podem viver do aluguer de filmes aos museus, ás galerias de arte, ás universidades ou a entidades particulares. Nós próprios organizamos sessões de exibição cinco dias por semana. A partir do fim deste ano, adoptaremos uma fórmula dupla (mas é segredo): continuaremos a exibir na cinemateca as obras novas, e numa sala especial apresentaremos uma antologia permanente do cinema.

Uma comissão de cinco membros (quatro realizadores: Braknag e, James Bronghton, Kubelka, eu e um crítico: Kenneth Kelman) está a proceder á escolha — a decisão terá de ser tomada por unanimidade — de 60 horas de filmes, desde Méliés aos dias de hoje, que serão projectadas em 15 dias, repetindo-se depois indefinidamente o programa.

Ao mesmo tempo, com P. Adam Sitney, publicaremos um volume de vinte páginas de análise sobre cada um dos filmes apresentados. Será um texto de base para o estudo do cinema, desde as suas origens.

«Paris é a capital do cinema» dizem-me os nova-iorquinos, mas eu penso que a cidade deles está a pôr-se em dia.

● A ultima entrevista de San Brakhage

Aos 36 anos, Brakhage é, sem duvida, o cineasta mais respeitado da jovem geração. «Deu-nos o exemplo por três razões» — diz-me um realizador — «retirou-se para uma cidade fantasma do Colorado, para se dedicar inteiramente á sua arte — sem quaisquer concessões; utilizou os materiais que encontrou á sua volta a natureza, a mulher, os filhos, os cães; os amigos; e, como Cézanne, renovou a nossa visão»

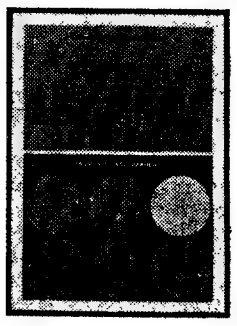
«A nossa discussão deu-se após 6 horas de projecção da *Idade da visão,* nuns suburbios onde se tinha reunido a massa dos fiéis. O mesmo fervor reinava no *Museum of Modern Art,* quando Adrienne Mancia anunciou uma nova versão de *Cenas da Princesa Infancia.* Brakhage visualiza o mês anterior ao nascimento, por uma explosão de cores onde o vermelho domina, o *écran* torna-se uma matéria luminosa onde se inscrevem os terrores violentos, as alegrias indizíveis da criança a descoberta do meio que a cerca. Na Cinemateca, Brakhage apresentou um novo testemunho do seu virtuosismo de montagem, com *the Horseman the Woman and the Moth* (o cavaleiro, a mulher e o mosquito).

Inspirando-se na técni-

(Continua na página seguinte)

UG
uma editora em renovação

C. ENSAÍSTAS CONTEMPORÂNEOS



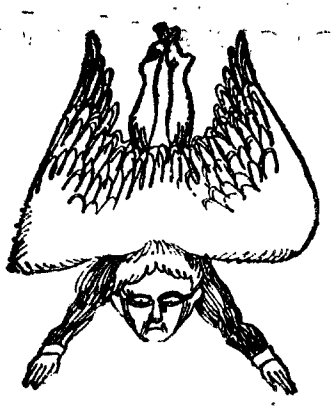
● TÓPICOS DE CRÍTICA E DE HISTÓRIA LITERÁRIA
de David Mourão-Ferreira
287 págs./45$00

● JUSTIFICAÇÃO DE TEMPO
de Jean Guitton
176 págs./35$00

da mesma colecção:

● NOVAS PERSPECTIVAS
de Luís Forjaz Trigueiros
299 págs./50$00

UNIÃO GRÁFICA — R. Santa Marta, 48 — LISBOA



O COTOVELO TRINCHADO

por Alexandre O'Neill

VOCÊ CONHECE esses restaurantes de traz-que-eu-engulo, de engole-vai-embora, esses esófagos da cidade que mal dão tempo de fazer glu? No calor da nalga recém-partida você assenta a sua própria nalga recém-chegada, mas o desgosto dura o tempo de fusão dos dois calores. Outro virá, meu filho, desgostar-se (breve) do calor da sua...

É nessas estações da devoração que você se reabastece de azias, de opilações, de engulhos, de flatulências, de tonturas e ardências. É aí que você faz glu com um vinho que, bebido, lhe deixa no fundo da garrafinha uma inesperada linda frase:

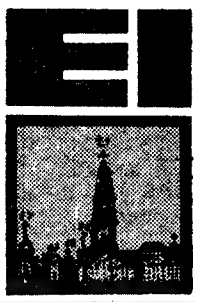
A cepa o deu, você o bebeu!
E ardeu, que o digo eu!

●

Estava eu de varejeira no ar, a ouvir, meio embalado por duas garrafinhas de «A Cepa o deu...», o tintinar dos talheres e o clap-clap dos pratos que rompiam do lado da copa, quando, tirando os olhos da varejeira trimotora e baixando-os para o dessangrado bife, percebi, entre esparregado e batata, a inesperada forma! Dum rosa iodado leve, um pouco na conformação de bago de uva pingão, mas dez vezes maior, que seria aquilo e donde teria vindo?, Resolvi, rápido que sou a resolver, que a gerência, postada vigilantemente atrás da registadora na pessoa do senhor João, decidira servir-me uma gentileza como prémio da minha assiduidade ao Pontevèdrabar. *O senhor João, mão na manivela, sorriu-me entre dois tlins. Correspondi e... ataquei.*

Em má hora, Santo Deus!

Um grito, uma cadeira que tomba — e lá vai a minha gentileza pelo ar, restituir-se, sob a forma de cotovelo sangrando, ao braço de mulher a que indubitàvelmente pertence. Enquanto um resto de esparregado sangrento se desprende daquele cotovelo que me caiu no prato, a mulher da mesa do lado chora e protesta. Aturdido, assoo-me ao papel do guarda-napo e acabo, neste papel, a crónica — porque também no Diário de Lisboa há uma grande falta de espaço...



1º PRÉMIO

NA "EXPOSIÇÃO DO LIVRO E DAS ARTES GRÁFICAS" INTEGRADA NA

X
BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO DE 1969

PARA O LIVRO
APARIÇÃO
de VERGÍLIO FERREIRA

Com 12 ilustrações de JÚLIO RESENDE

e uma plaquete ilustrada, biobibliográfica orientada por ARMANDO ALVES

Impresso nas oficinas da Tipografia Lito-Offset INOVA

EDITORIAL INOVA/PORTO

Cinema: o «underground» vai à superfície

UMA PALAVRA DIFERENTE de «underground» (subterrâneo) devera ser escolhida para designar um dos ramos mais activos do cinema americano, cujos filmes suscitaram polémica. Mas este ano nem um só filme atraiu tanta gente ao Museu of Modern Art como a retrospectiva consagrada a «Alain Resnais, seus antecessores e seus contemporâneos». O animador do grupo, Jonas Mekas, revela-nos projectos inéditos, Stan Brakhage deu-nos a sua última entrevista e os jovens cineastas lançaram-se na exploração de uma nova tendência: o «minimalismo».

por Franck Jotterand

O segredo de Jonas Mekas

Pintores, escritores e cineastas reconhecem que a sua existência mudou graças à actividade da «Film-Maker's Cinematheque», criada por Jonas Mekas, que é mais o santo que propriamente o «papa» do novo cinema americano: cabeça de asceta, olhar inteligente, iluminado por uma barba camponesa, sobrevoa a miséria sem dinheiro, empresas de criação e de difusão. Encontrei-o no Chelsea Hotel:

— Como evoluiu o *underground*?

— A princípio foi a explosão da liberdade, a descoberta de que podia fazer-se o que quer que fosse com a câmara, a película, o ecrã: os simplesmente a luz desde que já não fosse necessário contar uma história.

A essa liberdade nova correspondia a liberdade dos temas: o nu, o amor, a homossexualidade, o diário íntimo. Depois o cinema explodiu em cores psicadélicas. Em 1965-66 foi o período dos *universos-nuclear*: o cinema criava ambientes, os *happenings* utilizavam-no ao mesmo tempo que a pintura, a música e a dança. Hoje, por reacção natural, chegou-se a uma reflexão sobre as estruturas específicas ao *mínimal*.

— Quem são os espectadores dos vossos filmes?

— A nossa cooperativa de distribuição agrupa 400 realizadores, em Nova York (150, em São Francisco, e 40, em Chicago). Uma vintena deles podem viver do aluguer de filmes aos próprios organizadores de sessões de exibição cinco dias por semana. A partir do fim deste ano, adoptaremos uma fórmula dupla: umas é segredo: continuaremos a exibir na Cinemateca as obras novas, e numa sala especial apresentaremos uma antologia permanente do cinema.

Uma comissão de cinco membros (quatro realizadores: Brakhage, James Broughton, Kubelka, eu e um crítico: Kenneth Kelman) está a proceder à escolha — a decisão terá de ser tomada por unanimidade — de 60 horas de filmes, desde Méliès aos dias de hoje, que serão projectadas em 15 dias, repetindo-se depois indefinidamente o programa.

Ao mesmo tempo, com P. Adam Sitney, publicaremos um volume de vinte páginas de análise sobre cada um dos filmes apresentados. Será um texto de base para o estudo, nas galerias de arte, nas universidades ou a edidades particulares. Nós do cinema, desde as suas origens.

Paris é a capital do cinema: dizem-me os nova-orquinos, mas eu penso que a cidade deles está a pôr-se em ria.

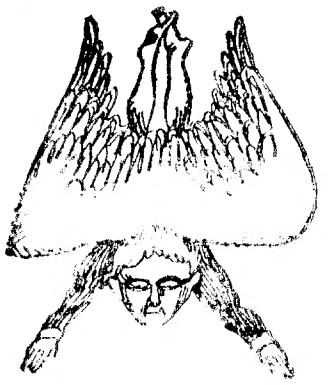
A última entrevista de San Brakhage

Aos 36 anos, Brakhage é sem dúvida, o cineasta mais respeitado da jovem geração. «Dem-nos o exemplo por três razões — diz-me um realizador — retiram-se para uma cidade fantasma do Colorado, para se dedicar inteiramente à sua arte — sem quaisquer concessões; utilizam os materiais que encontram à sua volta: a natureza, a mulher, os filhos, os cães, os amigos; e, como Cézanne, renovam a nossa visão».

A nossa discussão deu-se após 6 horas de projecção da *Idade da visão*, nuns subúrbios onde se tinha reunido a massa dos fiéis. O mesmo fervor reinava no *Museum of Modern Art*, quando Adrienne Monnier anunciou uma nova versão de *Cenas da Princesa Infância*. Brakhage visualiza o mês anterior ao nascimento, por uma explosão de cores onde o vermelho domina, o *écran* torna-se uma matéria luminosa onde se inscrevem os terrores violentos, as alegrias indizíveis da criança a descoberta do meio que a cerca. Na Cinemateca, Brakhage apresentou um novo testemunho do seu virtuosismo de montagem, com *the Horseman the Woman and the Moth* (o cavaleiro, a mulher e o mosquito).

Inspirando-se na técni-

(Continua na página seguinte)



por Alexandre O'Neill

VOCÊ CONHECE esses restaurantes de fachada envidraçada, de cozinha «internacional», nessas estações da cidade que mal vão tendo de fora e de lá? No calor da salita recém-parecida você assenta a sua própria ruína recém-fabricada, mas o desgosto dura o tempo de provar dos dois valores. Outro virá, mais tarde, recompensá-lo (breve) do valor da sua...

É nessas estações da decoração que você reabastece de azias, de opilações, de vómitos, de flatulências, de loucuras, e prolonga. É o que você faz giz com seu ventre que, cobiçando-lhe dentro da garrafinha uma desesperada última frase:

A copa o deu, você o peleje!
E ordeu, que o diga cal!

●

Estava eu na varejeira do ar, a sorrir, me embalado por duas garrafinhas de «A Copa» e tal..., o tintinar dos talheres e o clap-clap dos pratos que rompiam do lado da copa, quando, tirando os olhos da varejeira trinadora e baixando-os para o dessangrado bife, percebi, entre esparregado e batata, a inesperada fermail. Dum rosa tostado leve, um pouco da conformação de bago de uva pisado, mas de peso maior, que seria aquilo e donde seria vindo? Resolvi, rapido que sou a resolver, que a varejeira, postada vigilantemente atrás da registadora na pessoa do senhor João, decidira servir-me uma gentileza como prémio da minha assiduidade ao Pontevedrabar. O senhor João, mão na manivela, sorria-me sabe-lhes. Correspondi e ataquei.

Em má hora, Santo Deus!

Um grito, uma cadeira que tomba e vai a minha gentileza pelo ar, restituir-se, sob a forma de colorido salvando, ao braço de mulher a que indubitavelmente pertence. Esquanto um resto de esparregado semovente se desprende daquele colorido que nos vem no prato, a mulher da mesa do lado chora e pragueja. Atordoado, assoo-me ao papel de guardanapo e acabo, neste papel, a crónica — porque também no Diário de Lisboa há vezes por falta de espaço...

LG
uma editora em renovação

C. ENSAÍSTAS CONTEMPORÂNEOS

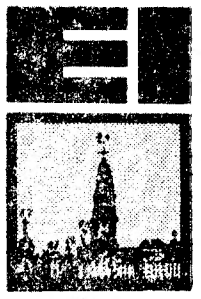
● TÓPICOS DE CRÍTICA E DE HISTÓRIA LITERÁRIA
de David Mourão-Ferreira
287 págs. 45$00

● JUSTIFICAÇÃO DE TEMPO
de Jean Guitton
176 págs. 35$00

da mesma colecção:

● NOVAS PERSPECTIVAS
de Luís Forjaz Trigueiros
299 págs. 50$00

UNIÃO GRÁFICA — R. Santa Marta, 48 — LISBOA



1º PRÉMIO

NA EXPOSIÇÃO DO LIVRO E DAS ARTES GRÁFICAS INTEGRADA NA

X
BIENAL INTERNACIONAL
DE SÃO PAULO DE 1969

PARA O LIVRO
APARIÇÃO
de VERGÍLIO FERREIRA

Com 12 ilustrações de JULIO RESENDE

e uma plaquete ilustrada, biobibliográfica orientada por ARMANDO ALVES

Impresso nas oficinas da Tipografia Lito Ofset INOVA

EDITORIAL INOVA/PORTO

O novo espectáculo americano

(Continuação da pág. anterior)

ca utilizada por Scarlatti nos exercícios para cravo, parte das 96 imagens-chave para imaginar infinitas variações:

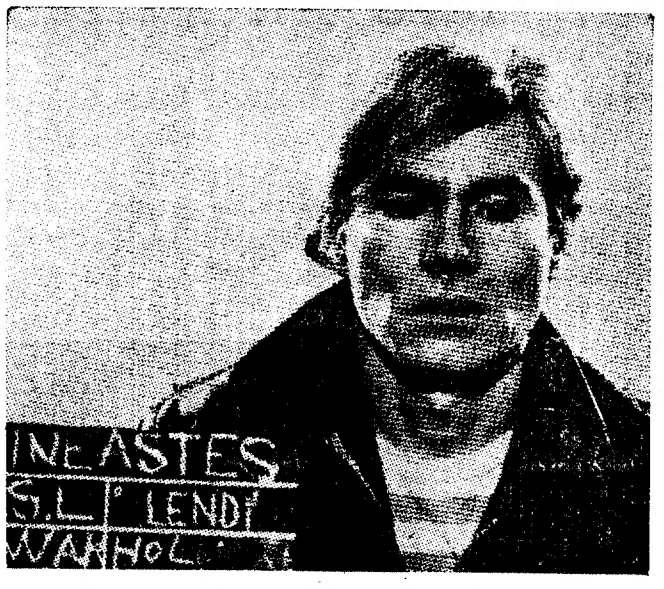
— Pensei — disse-me ele —, para o estilo das imagens, em Gustave Moreau e Odilon Redon e quis deixar o espectador livre para descobrir, por si próprio, as centenas de histórias que obtenho, deslocando, por exemplo, uma asa de mosquito que se justapõe a uma cabeça de cavalo para evocar Pégaso, dai a um quarto de segundo é Icaro, o carro de Apolo, um cisne: houve quem se tivesse apercebido de feiticeiros, de uma cena de *western*, de um homem em luta com um dragão (S Jorge), mas o dragão pode ser europeu ou chinês De há 6000 anos para cá, os mitos fundamentais não têm mudado. Encontramos entre os chineses ou os polinésios os símbolos inscritos nas moedas gregas: a árvore, a mulher, os gémeos, o filho, o Sol, o caçador

As culturas de base são as mesmas, as morais transformam-nas e dissimulam as analogias universais

Pela sua intuição poética, Barkhage chega a descobertas próximas das de Lévi-Strauss sobre «certas propriedades gerais do pensamento mítico». O seu filme assemelha-se a uma vaga de pinturas abstractas de onde emergem ao sabor das sucessivas visões, jogos de significação.

Na *Gallery of Modern Art*, Brackhage apresentava um terceiro aspecto das suas pesquisas: *Marking Love*, documentário em quatro partes sobre as «qualidades de amor».

— Não quis fazer uma simples constatação, mas um filme sobre as qualidades do amor, sem peias nem sentimentalismo, sem dar ao espectador a impressão de que está a observar um fenómeno científico, nem que é um simples ser que vê, ou que assiste ao gesto escandaloso de um destruidor de tabus. Estéticamente é o meu filme mais fraco, porque não existe tradição amorosa, período histórico em que o amor não tenha sido representado de maneira neurótica — umas raras excepções e a obra gravada de Hokusaï. Esta pobreza estética, esta falta de tradição, explicam-se pelas pressões sociais, formidáveis, que eu próprio senti, enquanto realizava o meu filme.



Andy Warhol visto por Labarthe

Disse a Brakhage que acnei muito casta a parte sobre as crianças:

—Durante três horas estive a filmar, sem as perturbar, as brincadeiras dos meus filhos e dos amigos deles e, pouco a pouco, assisti ao fascinante espectáculo de simbolos que se formava a meus olhos. Escolhiam instrumentos de musica punham cintos de pele divina a grandes animais, um deles colocava fitas na cabeça e fazia-se rei, parecia-me que ele estava a ler *Totem et Tabou* de Freud. As mesmas «cerimónias» repetiam-se oito ou dez vezes, nasciam ritmos, danças tribais de amor e sedução, sem pensamentos reservados, sem vergonha

Brakhage deu-me a sua ultima entrevista:

— Daqui em diante vou consagrar-me ao estudo do domínio inexplorado do amor.

● Os minimalistas

Uma das tendências do *underground*, devido á influência de Brakhage e Mekas é a do diário intimo (que vai quase até ao narcisimo),

Outra é o minimalismo. *Recoguitions*, de Noren, mostra, durante 5 minutos, uma janela e o seu cortinado transparente soerguido pelo vento e depois a sombra no soalho. «Os minimalistas trabalham com a luz e o movimento», diz Mekas. A câmara está, em geral, fixa como um *Empire*, de Andy Warhol, precursor do estilo, e a escolha do realizador intervém apenas para delimitar o quadro imiical. Ken Jacols (*Soffrain* coloca a sua câmara entre duas filas de casas, a nossa atenção é atraida para as deslocações imperceptiveis dos automóveis e dos peões, ao fim da rua, como vemos as esculturas de Beeri a mexer. As cores são de uma soberba elegância.

No interior do quadro fixo todas as espécies de elementos filmicos podem produzir-se ficando a constituir mundos encerrados sobre si mesmos: nenhuma mensagem, nenhuma história nos ajudam a penetrar neles. Em Paul Sharits um quarto de hora de cintilações cria um espaço luminoso, onde acabamos por entrar para assistirmos á queda estrepitosa, temerosa de uma cadeira. Som, luz, e eis que ficamos atemorizados com um objecto que assume o mesmo valor que habitualmente atribuimos a uma personagem.

Michael Snow utiliza este processo, dramatizando-o em *Wavelength*, «zoom» de 45 minutos através de um quarto, durante o qual o som passa de 12 a 12000 ciclos por segundo. A câmara, colocada num tripé, gira num movimento regular de esquerda para a direita, no seu ultimo filme cujo titulo é unicamente um traço limitado por duas pontas de flecha. Personagens passam por este universo bidimensional. A impressão criada é a mesma que se sente com o teatro mínimal de Richard oFreman e com as danças de Deborah Hay, onde dançarinos e objectos são tratados de maneira equivalente, para darem ao espectador a experiência física e mental de redes de energia e de movimento.

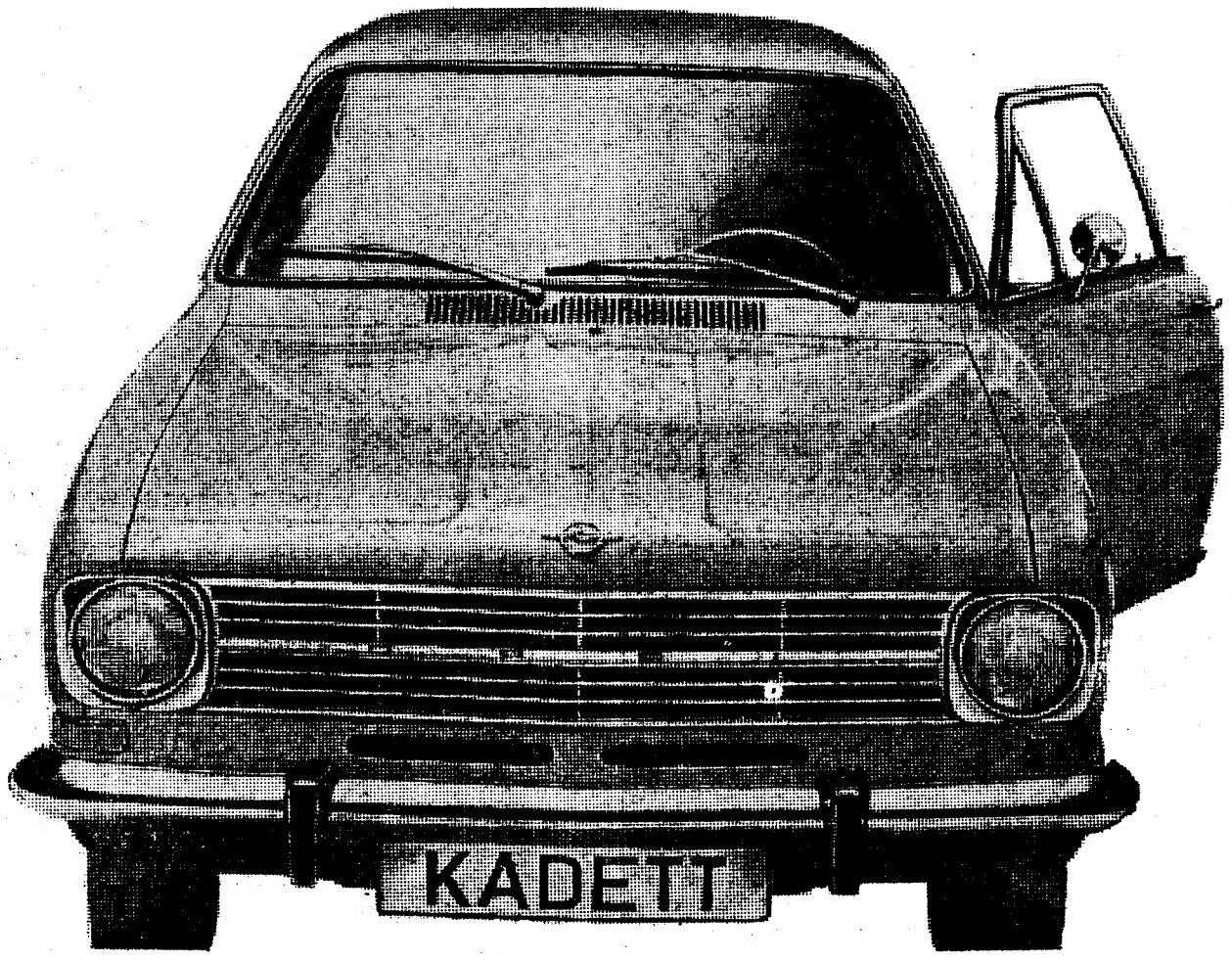
Jonas e Adolfas Mekas com David Stone: o nascimento do underground

Aparentemente estamos longe da política, e, no entanto, a evolução dos *underground* exprime diversas etapas da história recente dos E. U. A. Depois dos filmes *hippies* que celebram as riquezas da natureza e do homem, os *mixed-media* testemunharam a confiança do artista na tecnologia. Hoje a arte curvou-se sobre si própria. Já não acreditamos que a arte possa mudar o mundo, «mas o género de existência que levam os artistas» — diz-me Michael Snow, «é precisamente o mesmo que a geração jovem opõe á sociedade de lucro, nos E. U. A. e no resto do mundo.»

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Opel Kadett.
O automóvel.

Opel. É sempre mais carro. OPEL GM



O CINEMA QUE VEMOS

	AdC	ArC	APV	EPC	JVP	LA	MML	VST
Por quem os sinos dobram (Sam Wood)	—	—	0	—	0	2	1	—
Repulsa (Roman Polanski)	3	3	3	4	4	4	4	4
Helga (E. F Bender)	0	—	0	0	0	0	0	0
A lição particular (Michel Boisrond) ...	0	—	0	1	—	1	—	—
O leão no Inverno (Anthony Harvey) ...	0	—	—	2	1	3	—	—
A batalha de Inglaterra (Guy Hamilton)	—	—	—	—	1	1	—	1
Os loucos do amor (Stuart Rosenberg)	3	—	—	3	—	3	—	—
Noites de outros tempos (A Crispino e L Lucignani)	—	—	—	—	—	0	—	—
Desejo perverso (Salvatore Samperi) ...	—	—	—	2	—	4	—	—
Gangsters em Roma (Alberto de Martino)	—	—	—	2	—	1	—	—
O cérebro (Gerard Oury)	—	—	—	—	1	1	—	1
O homem de Kiev (John Frankenheimer)	1	2	—	—	1	4	—	1

Os «números»: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com algum interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom), 5 (Excepcional).

Os «votantes»: AdC (**Adelino Cardoso,** Revista «Rádio e Televisão»); ArC (**Armando Caeiro,** dirigente cineclubista); APV (**António Pedro Vasconcelos,** «Jornal de Letras e Artes»); EPC (**Eduardo Prado Coelho,** D. L.); JVP (**José Vaz Pereira,** D. L. e «Seara Nova»); LA (**Lauro António,** D. L. e «Século Ilustrado»); MML (**Manuel Machado da Luz.** D. L. e «Seara Nova» e VST (**Vítor Silva Tavares,** D. L.)

Inédito:
Do conto «A Ilha do Capitão»

(Continuação da 1.ª página)

Recebeu-me com simplicidade alegre, a passar o pente pelos cabelos e a retocar a boca — o que logo fixou entre nós a melhor de todas as intimidades: a de não escondermos as imperfeições.

Graças, porém, a certos tiques e palavras soltas, não me foi difícil compreender que a maravilhosa Rulta, muito dominada pela sombra do marido, estava a debater-se no pequenino inferno do dilema «ir ou não ir dançar».

— Ralf, o marido de Rulta, é muito ciumento... — explicou-me Sigrid com os seus cabelos leves de ouro aéreo em fios. — E a pobre receia que o marido lhe faça alguma cena de ciúmes, quando lhe contar que foi ao baile com um espanhol.

Empertiguei-me, para acompanhar o protesto do Capitão, que acudiu, ofendido, a elucidá-la:

— Português, *portugiser* .. E dos bons!

Não ousei — claro está — propor a Rulta que mentisse e guardasse segredo, talvez a maneira mais humana de não magoar o marido. Mas lembrei-me a tempo de que a única forma instintiva de Rulta se vingar das dúvidas que a atormentavam agora seria justamente magoá-lo.

E então calei-me. Era português, «dos bons», e — para que negá-lo? — comovia-me vê-la assim tão leal ao marido, à velha maneira bíblica.

Calei-me. Não por muito tempo. Porque aquele aparente recuo para sentimentos que alguns julgam ultrapassados e quase escandalosos acordou em mim o machismo coincidente. E num volte-face característico da minha personalidade, decidi lançar-me na conquista da fantástica Rulta, embora desprezando as habituais armas de sedução clássica, já tão ferrugentas de uso imbecil.

Por impulso espontâneo, no fundo talvez para continuar a respeitar-lhe os bons sentimentos de fidelidade, recorri a outra técnica — mais eficaz, supunha. A de surpreendê-la e espantá-la com discursos e atitudes moralizantes.

E furiosamente jovial entreguei-me à vertigem de inventar, encher os olhos e a pele de juventude ruidosa, para virar o planeta do avesso com palhaçadas:

— Tenha cuidado! Olhe que eu sou polícia. Sim, um polícia particular que o seu marido contratou para a seguir, vigiar e defender das tentações do amor criminoso. Proíbo-lhe pois que ouça as minhas palavrinhas de mel... Repila a minha corte, não se fie em mim — sou o representante do diabo na Terra, ouviu? — se não quer que conte tudo a seu marido num relatório tremendo.

Rulta ria maravilhada, talvez já com saudades da liberdade indulgente de solteira. E ia descobrindo que, no langor da dança, se respirava melhor com duas bocas... Enquanto eu, com voz de púlpito, não desistia de lhe sermonar a resignação eterna ao frio conjugal e à volúpia da pureza completa.

— Parece um padre! — exclamava Rulta, deliciada por se sentir, ao mesmo tempo, tentada e protegida pelos braços do candidato a criminoso.

E assim estivemos até às tantas da noite neste esconde-esconde, a tornarmo-nos cada vez mais desconhecidos um do outro. Ao contrário de Sigrid e Finn que, muito abraçados, acabaram por desaparecer, dissipados no estridor genésico da música e da dança para poderem destapar em segredo, não sei em que caverna, o terror doce dos rostos ocultos.

De madrugada acompanhei Rulta a casa e sentámo-nos nos degraus da porta da rua — eu ainda a pregar-lhe, incansável e farto, a comédia do amor «até o fim do mundo», lado a lado, nas camas-túmulos-de-casados de Pedro e Inês.

Fazia frio ou calor?

Não me lembro. Aliás, agora apetecia-me que naquele quase-amanhecer houvesse luar. E cheirasse — cheira-me neste momento — a moitas de madressilva. Ou a qualquer outro perfume agudo semelhante, exalado dos cabelos de Rulta que me fitava reconhecida por aquela transformação de uma possível aventura natural num crime maravilhoso que no nosso caso — e por isso sabia tão bem a sonho impuro — nem tinha acontecido.

«Assim nunca te esquecerás de mim!», pensava eu, meio palerma, como se o mais importante na vida fosse a pobre eternidade de ficar na memória de alguém e não aquele corpo quente, ali ao pé mim, nos degraus da porta, os olhos a cerrarem-se devagar.

José Gomes Ferreira visto por Ofélia Marques

«Está a preparar-se para o fatal beijo de despedida», convenci-me.

Enganava-me. Pois, quando tentei cingi-la para cumprir esse quase-dever benevolente, Rulta ergueu-se com um empurrão, deitou-me as mãos aos cabelos, despenteou-me, colérica, e subiu a escada aos gritos:

— Telefone-me amanhã para irmos visitar a Catedral .. a *Domkirken*..

A minha primeira reacção foi segui-la. Mas contive-me, como de costume, para, também como de costume, passar meses e meses de nuvens e raiva, arrependido da minha timidez.

Ouçam lá: e eu não poderia inventar agora outra verdade? A de que me tinha ido meter subtilmente na cama dourada de Rulta, para lhe pregar a verdadeira moral saudável da juventude e sentir-lhe o corpo a fabricar luar?

Creio até que foi esta a versão que eu insinuei a Finn no dia seguinte, a revirar os olhos dúbios:

— Hombre! Que muchacha estupenda!

José Gomes Ferreira

(De «O Tempo Escandinavo», a apresentar brevemente pela Portugália Editora).

Delvaux dixit

(Continuação da 8.ª página)

mente, parece-me, e tomar a obra como um bloco e considerar primeiramente as grandes estruturas das sequências: não é pelo pormenor que é preciso abordá-lo, mas pelo seu tempo global, pela interdependência das sequências entre si. É a este nível que se fazem experiências importantes».

— «Por princípio procuro não sobrecarregar a realidade e mesmo não a tomar tal qual ela se nos apresenta verdadeiramente, para procurar extrair-lhe a essência; existem dois meios de despojá-la; ou, partindo do zero, procurando reconstituir utilizando unicamente os elementos que se decidiu utilizar, ou partindo do dado total da realidade, dos «décors» existentes, com os personagens que escolhemos, mas apagando ou suprimindo todos os elementos que poderiam distrair a atenção. É o que eu faço, trabalhando no «décor», suprimindo tudo o que não acho conveniente».

— «Gosto de dar ao espectador sòmente aquilo de que ele tem necessidade e nada mais. Doutra forma seria injusto para com a sensibilidade das pessoas: desde o momento que elas possam sentir e compreender não nos resta fazer mais nada. É necessário ficar sempre na alusão, mais do que na afirmação, e isto a todos os níveis».

— «O romance de Daisne (de onde foi adaptado *O Homem da Cabeça Rapada*) é considerado na Bélgica quase como um clássico: isto facilitava a produção do filme pela televisão, porque é mais fácil obter crédito desde que se tenha como base uma obra de certo nível cultural. Quanto à adaptação, ela punha desde início algumas dificuldades: primeiramente porque o livro

André Delvaux e Senne Rouffaer, rodagem de «O Homem da Cabeça Rapada»

não tinha nenhuma [illegible] rência cinematográfica tradicional, quer dizer que um grande número de pessoas que conheciam bem o cinema e tinham lido o romance perguntavam como era possível adaptá-lo. Ele apresenta-se sob a forma de uma longa confissão ininterrupta, sem parágrafos, sem capítulos, cerca de 200 ou 300 páginas que constituem a confissão de um herói esquizofrénico, doente — e tudo isto desde o princípio do romance. «O primeiro problema é que se trata de um romance escrito na primeira pessoa e que quando o herói diz «eu» no livro está absolutamente certo, enquanto que no cinema é impossível dizer «eu». A solução de Robert Montgomery, em *Lady in the Lake*, não era uma solução: sabe-se muito bem que foi um falhanço, quase uma brincadeira. Assim, desde que se vê o herói, estamos automàticamente fora dele: e estar no seu interior parece algo impossível de conceber. Era necessário portanto transpor o próprio princípio do romance. E essa transposição conseguia-se no plano do próprio estilo. [illegible] princípio mesmo do «eu» no romance e a maneira como o herói via os acontecimentos constituí o próprio estilo da obra. Era tentando reconstituir um estilo total que se poderia chegar aí».

— «Quanto mais gosto de Bergman maior é a minha vontade de ir até Hitchcock. A minha ambição é poder situar-me sempre tão perto do público que a obra não seja hermética, para que o público possa colher realmente prazer; mas, por outro lado, tratar sempre os temas de maneira suficientemente interessante para que possamos procurar prolongamentos... e encontrar esses prolongamentos. Para isso, o ideal será não abandonar os assuntos sólidos e que toda a gente se divirta no melhor sentido do termo, como dizia Debussy: «O fim mais evidente da música é dar prazer».

(declarações de André Delvaux colhidos em *Cahiers du Cinema*, n.º 180, Julho de 1966, *Positif*, n.º 100/101 Dezembro-Janeiro de 1969 *Télérama*, n.º 875 e *L'Avant-Scène du Cinéma*, n.º 67, Fevereiro de 1967).

escape

A MAIOR COLECÇÃO DO PAÍS EM

JANTES LEVES

DUNLOP - COSMIC - MINILITE - BENZONI
MAMBA - ALSO - CROMODORA - FERGAT
DE 5"-5 1/2"-6"

PARA:

B. M. C. (850 - 1000 - 1100 - 1300 - COOPER)
ESCORT - IMP - TOYOTA COROLA
SUNBEAM - TIGER - OPEL - B. M. W.
CORTINA - LOTUS / CORTINA
FIAT (850 - 124 e 125 - RENAULT 8/10
VAUXHALL (VIVA - SL 90 - G T. - VENTORA)

escape

RUA CASTILHO, 72-A—LISBOA

Um quadro de Almada Negreiros («Fernando Pessoa») na sala de leitura da Biblioteca da Gulbenkian

A Fundação Gulbenkian e o futuro

Folhetim artístico

de José-Augusto França

ABRIU ESTA TEMPORADA de 1969--70 com um acontecimento especialmente importante: a inauguração da sede da Fundação Gulbenkian. Doze anos após o início das suas actividades, esta instituição pode apresentar-se numa forma definida — mas não, certamente, definitiva, porque o dinamismo da sua própria acção, sem dúvida, determinará, mais tarde, junto do actual edifício, ou algures, novos edifícios e instalações.

O que agora se inaugurou constitui imediatamente um elemento de valor dentro do quadro urbanístico de Lisboa, já massacrado de arranha-céus «modernos» — massa arquitectónica bem articulada e bem implantada no parque de Santa Gertrudes, guardando a sua calma mancha verde no meio de uma das zonas mais enervadas (e mais envenenadas) da cidade.

Sede e museu, museu e biblioteca, biblioteca e sala de exposições, e anfiteatro e salas de concertos e de reunião — o complexo da Fundação processa-se segundo um programa arquitectónico excelentemente resolvido.

Mas este programa é completado pela encomenda de obras nele integráveis — e logo por dois trabalhos notáveis, que se correspondem històricamente: o painel «emblemático» de Almada Negreiros e o painel «objectual» de Artur Rosa. Deles (e do resultado das outras encomendas) algures me ocuparei, com maior vagar crítico. Fique aqui simples apontamento de folhetim — alargado já à exposição simultânea de obras adquiridas, com as Vieiras da Silva e os Amadeos de Souza-Cardoso, que agora, e só assim, se podem ver em Lisboa. A escolha das suas obras é exemplar — e boa é, também, a escolha das que as acompanham, de pintores nacionais, desde Viana a Vasco Costa, curiosamente (e não por acaso) filhos ou netos da mesma família palpàvelmente sensual.

Depois, há o museu, ou a «colecção» Gulbenkian, recolha de «connoisseur» bem informado, sensível e inteligente, capaz de se apaixonar por uma moeda de Naxos ou por um Rubens, por uma estatueta egípcia, tanto quanto por uma jóia de Lalique ou por um quadro de Renoir. Ou pela «Diana» de Houdon — admiràvelmente mostrada, e mármore todo palpitante de carne, por reflexo rosado do fundo de pedra.

... ISTO o que está, adquirido e certo — pedras e cimento, telas e mármore, livros, cadeiras e palcos... Para além disto, instrumentos de trabalho indispensáveis, definir-se-á, porém, o trabalho da Fundação, neste futuro que nos é quase que milagrosamente prometido.

A Fundação Gulbenkian assumiu um compromisso cultural na vida da Nação — e vai-o cumprido, conjunturalmente, através dos seus departamentos. Nas Artes Visuais também, com certeza, o seu empenho é grande, como o prova alguma da obra já realizada — mas também aqui mais conta o futuro que o passado.

Que futuro?

Pensar uma resposta é pensar num programa, que só programàticamente é possível hoje tomar qualquer responsabilidade. Grave problema para Portugueses, de sua natureza empíricos, e para uma instituição portuguesa.

SE, numa fase preparatória, a Fundação Gulbenkian agiu, muitas vezes acertadamente, ao sabor de circunstâncias aceites, entrando agora numa fase que a existência das suas instalações justifica, parece apropriado que as circunstâncias passem a ser comandadas por ela, através de planos, projectos, esquemas, organigramas — de um *programa cultural*, em suma e enfim.

Dum programa de que façam parte conjuntos de actividades pedagógicas directas ou indirectas, sequências de exposições, articulação de publicações, relações planeadas com um estrangeiro que não pode mais ser tomado como Estrangeiro neste terço final do século XX, definido comummente em todos os campos da actividade humana — e ainda mais nos das ciências do homem e suas artes.

... E TAMBÉM um largo e profundo inquérito sobre a *situação da vida artística nacional*, nas suas posições de produção e de consumo. Há que investigar as condições do «facto artístico» em Portugal antes de se proceder a toda e qualquer acção reformadora. Nenhuma outra instituição poderá levar a cabo este trabalho primordial. Querendo-o fazer, com as equipas necessárias, e com o fôlego que a seriedade da empresa exije — esta Fundação poderosa, devidamente instalada agora, contribuirá não só para a correcção de muito que está errado neste domínio, como, também, para *uma alteração dos hábitos, dos processos e dos esquemas mentais do País*.

ISSO mesmo, neste exacto momento, é de esperar da Fundação Gulbenkian.

A PROPÓSITO DA ESTREIA EM PORTUGAL DE «O HOMEM DA CABEÇA RAPADA»

Atenção a André Delvaux

ANDRÉ DELVAUX apresentou-se ao público português com Laços Eternos *película que suscitou violenta polémica aquando da sua estreia entre nós, no passado ano. Tratava-se de uma obra admirável, apaixonante no seu traçado rigoroso, definidora desde logo de uma personalidade subtil e inquietante. Vindo de Bergman, passando por Dreyer, percorrendo os caminhos de um lirismo repassado de amargura, que constitui a nota dominante do realismo nórdico, Delvaux afirma-se figura destacada de um universo povoado de solidão e pavores, onde o amor e a morte se entrelaçam, mostrando a ineficácia das relações, o efémero do momento.*

De sólida formação universitária (formou-se em Direito e Filosofia Germânica, tendo frequentado, ainda, estudos musicais no Conservatório de Bruxelas), Delvaux principiou a interessar-se pelo cinema no seu plano teórico, desempenhando papel de relevo na direcção do principal cineclube belga (o Écran du Seminaire des Arts, *de Bruxelas). Foi professor de literatura no* Athénée Royal *de Scharbeck, onde, a partir de 1955, inicia um curso de cinema. Mais tarde, o Instituto de Sociologia da Universidade de Bruxelas convida-o para dirigir um seminário anual, tendo como objecto a análise da linguagem cinematográfica.*

A sua actividade como realizador de cinema principia precisamente em 1955, com uma co-realização com Jean Brismée e Bettendorf: Forges. *Chamado para a Televisão, aí dirige alguns documentários sobre Fellini, Jean Rouch (1961) e o cinema polaco (1962). Ainda em 1962, realiza uma curta-metragem de ficção:* Le Temps des Ecoliers *(que concorreu ao Festival de Tours) e, finalmente, em 1965, roda a sua primeira longa-metragem:* De Man Die Zijn Haar Kort Lief Knipen *(«O Homem da Cabeça Rapada»), sobre romance de Johan Daisne.*

Un Soir... Un Train *(Laços Eternos) data de 1968, sendo a sua segunda película de fundo (exibida em Portugal primeiramente).*

Nascido em 1926, em Lovaina André Delvaux está ligado ao movimento de renovação do cinema belga, de que fazem, também, parte cineastas como Edmond Bernhard, André Cavens, Emile Degelin, Luc de Heusch, Paul Meyer, Roland Vernharvert ou François Weyergaus. Delvaux parece, no entanto, ser a personalidade mais importante deste grupo, constituindo a sua obra de estreia um acontecimento saudado internacionalmente pela crítica. Entre os comentários que o seu filme mereceu, cita-se uma afirmação de Georges Sadoul: «O Homem da Cabeça Rapada *refere-se, muitas vezes ao fantástico de Brueghel e de Bosch, de René Magritte e de Paul Delvaux (homónimo do realizador), mas de maneira discreta, com o sentido da* retórica, *que me parece ser uma das grandes qualidades do filme.»*

Também Marcel Martin, referindo a obra, afirma: «Todo o filme é um sonho, um pesadelo vivido do interior pelo protagonista, mas também pelo espectador, tocado pouco a pouco por uma estranha e irresistível embriaguês diante deste mundo vazio e silencioso onde passam como fantasmas seres animados por um misterioso determinismo».

André Delvaux, que não esconde as suas preferências por Cocteau, Welles, Ophüls, Resnais, Hitchcock, Murnau e Bergman, é autor de um importante ensaio: «Alain Resnais, Hiroshima et la grammaire du film» *(1962), onde afirm, nomeadamente: «Muitas vias se abrem ao cinema. Nenhum ponto morto, nenhuma regra coerciva me comandará para além daquelas que eu imporei a mim próprio. Cada filme pode pôr tudo em questão.»*

L. A.

Delvaux dixit

— «O que me interessava no tema de *O Homem da Cabeça Rapada* era a necessidade que ele impunha de se depositar uma grande confiança na atenção do espectador e na sua inteligência, visto que o sentido de cada sequência nunca se podia compreender imediatamente. O filme compõe-se de três grandes sequências e de um epílogo, ele mesmo duplo: a primeira sequência, até à distribuição dos prémios, não tem em si própria nenhum significado da mesma maneira que a segunda, a autópsia e tudo o que se lhe segue, não tem aparentemente nenhuma relação narrativa com a primeira, se é que não pode mesmo ser considerada como um contraponto, o horror da morte fazendo contraste total com a aspiração de beleza que Govert sente no início; é, no entanto, a terceira sequência que vem dar uma chave possível para o encadeado das duas primeiras, e mesmo assim não ficamos certos de nada (...) Acaba-se então por dispor de uma série de interpretações possíveis, todas elas igualmente válidas.»

— «Como ponto de partida, temos a situação deste homem possuído por um «amor louco» por alguém de quem ele não se pode aproximar. Vive esse amor aos quarenta anos, quando o deveria viver aos dezasseis. Lembro-me de ter [illegible]vido uma história [illegible]lhante. Toda a minh[illegible] esteve condicionada pelas passagens e aparições dessa jovem que eu não via, por assim dizer, senão em *plano de conjunto*. Isto durou seis meses, seis meses que lhe dediquei inteiramente. Depois, um dia, aproximei-me dela e disse-lhe: «A menina não tem como professora de francês a senhora...? «Ela respondeu-me que «sim» e tudo terminou».

— «Creio que o cinema evolui ràpidamente para a maturidade. Talvez não atinja já a grande complexidade das outras artes narrativas, mas procura descobrir agora alguma coisa de excepcionalmente importante: que a invenção não se faz ao nível dos planos e dos encadeados. Digamos que cada vez nos afastamos mais de um cinema de montagem, de manipulação, que se encontra muitas vezes nos jovens realizadores e naqueles que se dizem experimentais: é uma espécie «doença infantil» pela qual se pode passar mas é necessário ultrapassar. O que é interessante presente-

(Continua na 7.ª página)

ÀS CASAS EDITORAS

Para vos ajudar a resolver os problemas de revisão, atrasos e outros inconvenientes do amadorismo em matéria de tradução literária,

O CENTRO DE TRADUÇÕES

Rua Pinheiro Chagas, 41-2.º-D.º
Telef. 55.31.85 — LISBOA

coloca à vossa disposição a sua organização de tradutores especializados, sob a orientação técnica de R. Quemserat, correspondente em Portugal e tradutor «agréé» das principais casas, vossas congéneres, em Paris.